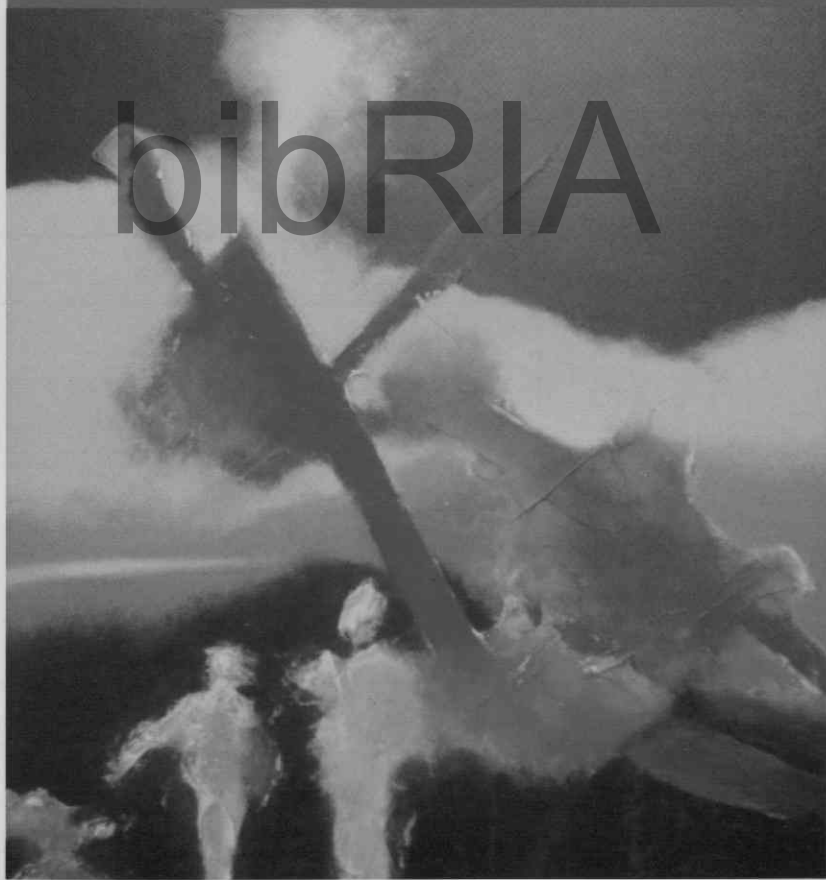


ARMOR PIRES MOTA

**ESTRANHA NOIVA
DE GUERRA**

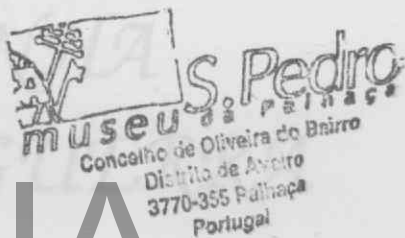
bibRIA



Para o Museu de Lisboa,
com o livro de

Armar Fies Jofe

290.795



bibRIA

Handwritten text at the top of the page, likely a title or address, written in a cursive script.

Handwritten signature or name in the upper right section of the page.

Handwritten text or date in the middle right section of the page.



bibRIA

Arquiteto, engenheiro, escritor, nasceu em 1898 em São Paulo. Foi fundador da Sociedade de Escritores e Artistas de São Paulo. Escreveu o romance "O Homem da Rua", chegando a ser chamado para a Academia Brasileira de Letras. Foi também jornalista e crítico literário. É autor das seguintes obras: "Cidade Perdida", 1931; "Beco-Seco", 1932 (Prêmio Cecília Pedreira); "O homem em que se vive", 1934; "Impossível de esquecer", 1939; "De Alibi ao Fim", 1945. Foi também fundador da "Revista de São Paulo", 1945. Foi recebido pela Academia Brasileira de Letras em 1971. Foi pai de 11 filhos. Em 1977, foi nomeado Cavaleiro da Ordem do Rio Branco. Foi também fundador da "Revista de São Paulo".

ARMOR PIRES MOTA

ESTRANHA
NOIVA DE GUERRA
bibRIA

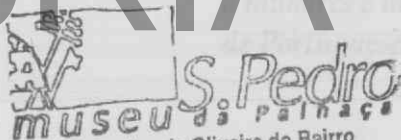
S. Pedro
Museu de Arte
Residência do Castelo do Salto
Parque do Salto
370-000 Pátio
Portugal


estante editora

bibRIA

ARMOR PIRES MOTA

ESTRANHA
NOIVA DE GUERRA
bibRIA



Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-355 Palhaça
Portugal



estante editora

FICHA TÉCNICA

Colecção:

Autores Portugueses de Hoje

Título:

Estranha Noiva de Guerra

Autor:

Armor Pires Mota

Capa:

Artur Fino

Data:

Maio 95

Edição:

Estante Editora

Av. 5 de Outubro, 47-49

Telef. (034) 25794

3800 AVEIRO

Execução Gráfica:

Carvalho & Oliveira - Artes Gráficas, Lda

Estrada da Beira, 479

Telef. (039) 702210 / 702648

3040 COIMBRA

Depósito Legal:

N.º 89910/95

bibRIA

OBRA DO AUTOR

1

— "Cidade Ferida", poesia, edição do autor, 1961 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

— "Tempo para amar e tempo para morrer", poesia, edição do autor, 1965 (esgotado);

bibRIA

Tempo para amar
e tempo para morrer
que foi o que coube
a milhares e milhares
de Portugueses

FICHA TÉCNICA

Collecção

OBRAS DO AUTOR

- "Cidade Perdida", poesia, edição do autor, 1961 (esgotado);
- "Tarrafo, Diário de um Soldado", edição do autor, 1965 (apreendido pela PIDE);
- "Baga-Baga", poesia, Editora Pax, prémio Camilo Pessanha, 1968 (esgotado);
- "Guiné Sol e Sangue", contos e narrativas, Editora Pax, 1968 (esgotado);
- "Préstimo a Caminho de Lisboa ou as arbitrariedades dos Serviços Florestais", crónicas, edição do autor, 1971 (esgotado);
- "O tempo em que se mata o mesmo em que se morre", poesia, Editora Pax, 1974 (esgotado);
- "Meu País de si inimigo", (Crónicas de Portugal morrendo), edição do autor, 1976 (esgotado);
- "Impossível um pássaro", poesia, Editora Pax, 1979 (esgotado);
- "De Abril os Frutos", poesia, Paisagem Editora, 1985 (esgotado);
- "Oiã, Terras e Gentes", monografia, Edição da AJEB (Associação Jornalistas e Escritores da Bairrada), 1991;
- "Cabo Donato, Pastor de Raparigas", contos, Estante Editora, 1991;
- "Mamarrosa Milenária", monografia, Edição da Junta de Freguesia da Mamarrosa, 1993.

EU, Bravo Elias, — de nome completo José Joaquim Bravo Elias —, nado e criado em Parada de Junco, que não invento, por verdade ser o sangue e o tormento da hora, o dizer dos desasados momentos por que tive de passar, a cobra verde, o mosquito adejando raivoso, o olho miúdo mas generoso das duas velhas recitando o seu hamedulilai, a heróica rapariga, ah a rapariga, e, como dizia, picado no ouvido fito por violento tiroteio, muito lá para a frente, assarapantado, agarrei da G-3 e cavei de onde estava para a cratera aberta. Premi o gatilho, com raiva patenteada nas mãos humedecidas, varrendo, da esquerda para a direita, todo o campo de tiro, aliás, como costumava fazer sempre.

De repente, pude aperceber-me de que eu era ali o único a disparar. Marado? Perturbei-me. Olhei para um e outro lado. Sesguei ainda um pouco mais longe, mas, de armas, nem a fumarada azulada dos cartuchos nem a respiração sustida de alguém medroso em seu resfolegar. Nem os berros dos furriéis nem as ordens desabridas dos alferes. O silêncio, de quase pântano ao amanhecer, gelava-me. O incorlú não fendia a madrugada com os remos das asas. A folha do capim não bulia espantada. Porém, senti que os fios do medo eram tão crispados como as lianas da floresta em dia de fomalha. A alma sentia-a tão violentada como o couro de tambores de África

em noite de choro grande. Os nervos estavam no limite.

Estou feito, foi o que pensei de imediato. Estou cosido, foi o que disse. E minto se não disser que até larguei por claro umas valentes caralhadas, tipo de linguagem a que, por formação, era avesso. Embora o meu pai às voltas com as terras ou os pássaros que lhe mutilavam as sementeiras, não se ensaiasse nada para dizê-las. Às vezes ia mesmo mais além. Quando tal acontecia sabíamos que estava mesmo arreliado. A minha mãe, nem pensar. Caía o céu.

Depois, pude concluir que, afinal, o fogo crepitava muito além do meu buraco. Recolhi a arma para o lado do corpo entontecido. Não havia dúvida nenhuma. Assim eu tivesse a pele salva, assim eu tivesse a certeza de me safar, de olhos bem acordados de esperança e dorso a sangrar de saúde.

Mas como é que raio ninguém havia ainda dado pela minha falta, pelo meu sono estúpido e quase sereno, como se estivesse à sombra de um pinheiro em Parada de Junco, carregado de sol e de pássaros voando um vento manso? Havia que, de facto, ponderar a situação. Perigosa e possivelmente irremediável.

Coisa de fazer pensar. A não ser que eu me tivesse adiantado à coluna de pirilau para me certificar de alguma coisa duvidosa. Sinistramente duvidosa. Mas que coisa, Elias? Nessa altura, deveria ter rebentado o tiroteio com o habitual baque surdo das morteiradas, morteiradas que, lá para as proximidades de Malimorés, fendiam os ares, atroando-os, juntamente com o estoirar das granadas de bazucas e o sibilo exasperante das balas rompendo o capim.

Sempre teriam, daquela vez, atingido, por terra e ar, os abrigos de cimento armado que, constava, havia naquela zona, como bastião seguro e inexpugnável da guerrilha, que era mesmo a sério? Como eu, todos os meus camaradas estavam fartos, fartinhos de calcorrear, dia e noite, matos à procura de não se sabia o quê, apoiados pela aviação que fazia razia ou, uma vez por outra, incendiava a selva com as bombas de napalm.

A primeira vez que a minha companhia fora para aquelas bandas,

integrada em dois batalhões, um dos quais, se não me engano, de Bula, comandado por um nome bem sonante da equitação nacional, depois de termos andado em busca da sombra de um helicóptero, que ali ia levar medicamento e levantar feridos, quando os havia graves, de bojo naturalmente prenhes de bom material, estalara uma bronca: os dois batalhões, cada um por seu trilho e apartados nem por quinhentos metros de intranquilidade, pegaram-se de fogo alto, atizado pelo soldado Mandíbulas, que era de Beja e tinha um rosto picado das bexigas. Logo ali não foi difícil de perspectivar um massacre sangrento na notícia que, difundida pela Rádio Ghana, iria correr as tabancas, desde Guidage a Cacine, no extremo sul, por sinal, desde sempre bem quente e outros pontos nevrálgicos da luta e espantar os milhares de negros, que, de ouvido colado aos rádios portáteis, os consideravam uma das suas mais recentes conquistas no campo do progresso.

Por mim confesso que acordava assustado e não me diminuo em dizê-lo. Ainda pensei que acabava de ter um pesadelo em que ficava ferido no mato e sozinho, suando frios de morte, atrapalhado no respirar. É que tinha uma espécie de corda fechando-me a garganta e as pernas estavam presas das raízes da floresta, que, aliás, me empecia o olhar mais dilatado.

Perdiz, esse, ao menos, pensava. Mas nem sabia o que pensava.

Pela intensidade com que a corda filava o gorgomilo, com um excreável gelo à mistura, dava-me a nítida impressão de que estava ali, não há minutos mas há dias, há anos, há séculos até, e que alguém, cantando grotescamente qualquer canção macarena, me arrastara pelos cabelos àquele buraco.

Sacudi um braço e o estabanado de um pássaro abafou, com o grito (medonho, me pareceu), o pipilo das aves mais humildes em seu bico e ramo e, nesse instante, deixei-me arrastar no tempo.

Abandonando a caserna, que era um forno, atravesssei, prestes, a boqueira da porta e fui sentar-me numa cadeira baixa, de madeira, com

costas de simples pano azul, já arruçado, sob a luz forte do petromax, onde iam queimar as asas, por engano da luz ou em honra da amolecida claridade, as formigas voadoras, aos milhares, enquanto outros camaradas iam babosando frioleiras, coisas sem nexos (também de fendas cor de rosa e armas aveludadas, que eram sexo), porque, se o chão era coisa incerta e insegura, mesmo naquele momento, o céu, por sua vez, andava longe, por caminhos onde certamente não maticassem armas.

Enquanto isto, a rádio lançava no quarto a sua lengalenga monótona e áspera, sibilina e frágil, uma coisa desgraçada e irritante aquela, invadindo o estreito corredor, atafalhado de material bélico, alfa, romio, charlie, ómega. Por mim murmurava: — "Porra, tanta chinfrineira! Já sei que é a guerra que aí vem, que temos de ir e ser tesos. Mais peso nos olhos espantados como cavalos, mais sustos na ilhargia, mais cambulhada de sombras e lagartos, mais cortiça na língua, mais sangue no ventre, mais carreiros armadilhados, mais olhos esgrouviados por trás dos morros de бага-бага, mais farripas de nervos, mais coragem, mais lembranças da terra e da mãe, mais afoiteza e gritos de avançar, são mesmo eles, filhos da puta, que não nos deixam sossegados a roer uma unha ou a chupar uma beata, que nos roubam (e nós a eles também) o sonho de sermos jovens mais são e escorreitos".

Estava eu assim, quando pestanejava, de mãos enganadoramente serenas, sobre um livro aberto a meio, que dissertava sobre a guerra do Vietnam. O livro estava tombado sobre os joelhos erguidos, como se fosse sagrado infólio e eu, Bravo Elias, aí de mim, um bom e simples djalolo. Ora foi nesse preciso momento que a surriada chilra de alfa, romio, charlie, ómega, veio acender uma rosa de alegria nos olhos pestanudos do Cambraia que também no outro dia havia de ir para o mato. Então, acordei saborosamente da paz castigada por pensamentos desavindos e fui o primeiro a empunhar uma cerveja, exultando:

— Dá cá esses ossos, Cambraia! — Atirei, descontraído, um arroto cego. — Como foi isso, homem? — Rodei a garrafa nas mãos suadas e ergui-a como um cálice de vinho do Porto. — Ao fim de nove meses. —

Beberriquei. — Isso é que foi. — Sorri-me. — Que pontaria!

— Brincadeiras. Temos pena de deixar aquilo, andamos sempre a pensar que vamos para um açougue, depois, sabe... — Tartamudeou Cambraia, mas chispando de visível e gorda euforia.

Cambraia fora substituir o cabo Jasmim Branco, que fora dado pelo QG como tendo desaparecido nos matos fechados do Oio, mas a versão mais corrente era de que se tinha pisgado para a fronteira do Senegal, a levar em conta alguns desabafos menos ortodoxos. Ou teria mesmo ban-deado com o IN.

— Uma bela umbigada, não haja dúvida! — adiantei ainda.

— Mais do que isso, mais do que isso, foi mesmo... — respondeu Cambraia, sorrindo um dente maroto.

— E, afinal, é rachada ou é soldado? — insisti ainda.

Cambraia não cabia de contente. Embaraçado, foi de um pulo ao rádio-telegrafista confirmar. De outro pulo, saltou para a varanda corrida que enfeitava a messe.

— É um soldado. Vamos beber. É um soldado! — E nem sabia por que festejava assim. Perigoso era nascer-se homem, por causa da malfadada guerra.

— Então, se fosse...

— É um soldado, caramba! — Disse e emudeceu, não se sabe se a magicar no outro dia e na mochila e no que ia levar na mochila, nas algibeiras ou como estaria a terna Benilde, ainda gemendo a última dor ou limpando a nádega boa de qualquer resto de bolha de água e a mãe dele dizendo com quem era mesmo parecido. Depois, voltou a pular de euforia. Caramba, era pai. Ainda nem estava nele. As brincadeiras davam aquele lindo resultado: tinha um filho e estava longe, diziam-lhe. Não sabia como tinha as mãos e os pés, quanto pesava, se chorava muito ou pouco, se gostava do seio rijo da mãe, que chupava todo, tinha uma forcinha danada que nem eu, furriel Elias, calculava. Aquele seu filho, que não ia ver tão depressa ou nunca, era de certeza um encanto. O pior é que tinha ainda tanta guerra à sua frente e muitos incêndios e muitos

gritos de raiva e muitas tripas fora do bandulho e filhos de muita mãe chamando por eles como cães — lamentava-se.

Espalhada a notícia, todos queriam saber a cor do cabelo, a cor dos olhos, como fora e não fora, como aconteceu aquilo. Engraçado, diziam uns. Não fosses lambão, diziam outros. Tinhas medo que aquilo ficasse no maninho, e toca de fazer minuciosa exploração, argumentavam, em grupo, outros, ao passo que o alferes, com grande empáfia na voz, via no gesto a melhor credencial de macho latino, criando vida antes que pudes-se chegar a morte sarnenta e vigarista. Porra, isso não, que o diabo fosse surdo e mudo, protestavam todos. *Ad retro mortem*, dizia eu. E até o negro Embaló, de beijoleta farandolando o gargalo da cerveja preta, bebia à vida, enquanto outro alferes, o Costa, começou a puxar pela alegria de uma viola, que atraiu a mulher do capitão. Aí turvou-se-me a vista, mais o pensamento do que a vista.

— Viva o Cambrata, viva o filho e sua mulher Benilde! — gritou a mulher do capitão, a bonita Helena Abranches Torráo.⁽¹⁾

Mas mulher ainda não era à face das leis. O que os dois andaram a fazer, antes do embarque, foi a castinçar no sótão do senhor Cardoso Vieira, à revelia de todos os olhos, no sótão, onde dormiam braços de cebolas e feno para o gado, quando a Lua ia alta e o fogo de ambos também e os cães da vizinhança ladravam às sombras.

Cambrata ficou realmente azabumbado como se a notícia fosse inesperada. Quando deveria cantar, deitou algumas lágrimas a lamber o canhão da camisa e, depois, nos próprios dedos. Pensava certamente no filho. Talvez na arma que ficara dependurada na tarimba e, no outro dia, iria empunhar, de raiva ou cobardia, enfiando-a no ombro resolutivo ou encostando-a, no desespero de alguma emboscada, ao morro de baga-baga, que em Angola se chama de salalé. Possivelmente, aninhava o pensamento no seio que a Benilde servia, cheio e alegre, rijo e soberbo, ao ganapo que dava cabeçadas de malandro e o seio fendendo em rio de pão e mel. Teria rasgado muito o que Deus lhe deu e ele bem provou no pino do Verão, como abelha gulosa pastando sua florzinha? Era no que o

Cambraia mais pensava, um tanto fôssemos nós!

Perdiz, que nunca podia faltar a este género de festas, também botou discurso e beberricou cerveja e até vinho do Porto, bebido pelo fundo do cantil, mas não foi muito longe na bebida, alegando um não se sabe o quê no estômago ou na alma, nem sabia bem onde era, talvez sim mais na alma do que no estômago, um nó na tripa grossa, era uma faca lá dentro, realmente não se sabia o que era aquilo.

— Como foi isso, nosso cabo? Dá cá os ossos — avançou Perdiz.

— Sabes como é, prova-se... — respondeu Cambraia.

— E foi dentro daquele prazo? — insinuou ainda, brincando, Perdiz.

— Que julgas tu quem é a Benilde? Algum esfregão? Há menos de nove meses embarquei eu, meu cabeça de morteiro.

— Perdão, eu não queria.

— Eu também não me quero zangar com ninguém esta noite.

— Deixa lá que te diga que tem acontecido a muito bom e honesto soldado (e até a muitos de bonitos galões) ser pai, passados dez meses e mais de ausência.

— Comigo, não! — afinou Cambraia.

Helena Abrantes Torráo sorria com gosto e a viola fazia ninho redondo na alma dos retardatários.

— Ainda vou à tabanca, esta noite — disse Cambraia.

— Fazer?

— Ora que fazer. Queres mesmo saber? O que tu não podes fazer por mim. — Fez uma pausa e depois: — Nem a um general eu faria esta franqueza. Só se eu fosse doido e isso é coisa que não sou. — Levantou o queixo afilado: — Vou comemorar.

Eram duas da manhã, talvez duas e um quarto, quando os soldados, apressadamente e de olhos ainda colados na noite, tomaram café e devoraram o casqueiro da ordem e se prepararam, num ápice, para arrancar, desengonçados nas suas fardas de sardão e devidamente enquadrados

pelos comandantes de pelotão.

Eu, depois de ter afivelado o capacete e pendurado as suspeitas granadas dos bolsos do dólman surrado, verifiquei, como me competia, se tinha tudo o que fora aconselhado a levar para aquela operação: ração de combate, cantil, faca de mato, quem a tivesse, munições. Munições, tinha bastantes, as suficientes para destroçar um acampamento, digo eu, quatro granadas, mas ia carregar outras duas, poderia ser necessário, antes não fosse, nunca se sabia. De seguida, claro, passei rápida revista ao pessoal da minha secção e, em especial, a minha atenção incidiu sobre Júlio Perdiz que, falazando, mexia muito as mãos e os ombros, atrás de todos, naquele dia.

— Que é das granadas? — perguntei-lhe em tom cordato.

— Eh, filhas da puta, que já as esquecia.

— A tua cabeça anda à razão de juros.

— Quantas, meu furriel?

— Duas. — Hesitei. — Traz quatro — rematei.

Daí a pouco, já Júlio Perdiz pesava bastante mais. Fez questão de beijocar as granadas, uma a uma. Depois, disse:

— Tanto faz, se vier algum tirásio, uma basta.

— Muita atenção aos ruídos. Depois, não se queixem, — ainda anunciou, uma última vez, o capitão que era Castro e era Matias, Castro Matias.

A marcha começava a devorar o caminho incerto. Junto à tabanca de Tabassai, fora espezinhada a última beata. Lá à frente eu abria o caminho, precedido de Embaló, que era o guia nesse dia. Atrás de mim, Perdiz, rezando ou gemendo, não o distinguia muito bem. E cada um pensando coisas, coisas, soltando imprecações, mas, no fundo, ia tudo dar ao mesmo: a terra, a mãe, a namorada, a carta, o filho, o assalto às casas de mato, Malimorés, Malibolom, a malfadada guerra. Em vez da minha namorada, eu pensava libidinosamente na mulher do meu capitão, mas, por enquanto, ou para sempre, népia.

Tabassai, que o IN arrasara por colaboração com o branco, era sobejamente conhecida de todos pela curva dos malditos. Numa triste manhã de cacimbo, uma emboscada ceifou dois negros que iam na frente. Dois forninhos arrumaram dois alferes, um com uma bala às portas do coração, outro com uma cicatriz alongada no braço direito, a primeira vez que foram até lá com a missão do levantamento de abatizes. De outra vez, a porra de uma mina desfez um jipe. Os soldados que, um dia, vinham da caça à rola ou à perdiz, não ganharam para o susto. Mesmo assim, foram honrados com alguns rasgões que lhes riscaram o corpo jovem. As minas faziam farta vindima de sangue. Iam longe as emboscadas com abelhas disparadas de dentro de cântaras de barro. Quando isso aconteceu, fez largar a muitos as armas e correr para dentro do mato, espojando-se na estrada, no capim, como porcos. Sabia-se ainda que um informador do IN fora ali enforcado no enorme poilão que, a partir daí, começou a exhibir alguns esquisitos dísticos de mau humor (ou bom?): "é favor não pisar a relva"; "é proibido colher flores"; "é favor não avançar"; "as portas do inferno"; "daqui a Lisboa, 3.500 Kms." A vítima dançando de um galho, não fez mais do que arremessar para fora a língua seborrênta. Um esguicho de esperma, colado à tanga, exultou-lhe a morte anunciada pelo capitão à hora do almoço. O negro, desde então, ficou a bailar-nos na colher da sopa.

Eu ia no meu caminho pensativo e não julguem que era diferente dos outros. Dominava-me um pouco mais, talvez. Tinha que dar o exemplo. Ao passar aquela bizarma da floresta e ao ler, já de memória, o que já lera tantas e apertadas vezes, comecei a fazer contas à vida. Seriam mesmo 3.500 Km. dali a Lisboa? Menos? Mais? Apagada a distância, quando se morria?

Mas para quê aquelas contas todas se, ao fim daquele tempo todo, ainda não sabia o chão que pisava, cada vez mais inseguro, a água que bebia (e, às vezes, era pouco menos do que mijo), o vento que respirava (e, às vezes, eram facas que respirava), o fogo que ia pelo mato e a força e as mãos que o faziam mover (e para eles, esse fogo era sagrado e lutavam por ele), a subcondição que ali existia, dolorosa, à porta daquela gentiaga,

os interesses que estavam por debaixo dessa máquina de guerra?

Pessoalmente, não gabava muito a teoria do capitão Castro Matias que, aliás, achava calaceiro e brutal, desumanizado. O comandante de companhia afirmava, em tom chocarreiro, que "os gajos têm pontaria nos cornos". E, se assim era efectivamente, algumas vezes, era justo e forçoso reconhecer também que eles sabiam matar e escolhiam onde e quando. Tinham sempre a vantagem das esperas, já que aí normalmente eram os primeiros a disparar. Às vezes era certa, como no caso do vagomestre que havia saído com a tropa com a intenção de ir gamar alguma manada de vacas. Quando do mato cerrado saltitou uma rajada, quedou-se imóvel, espantadiço (aquela não era efectivamente a sua guerra) e, assim, ficou encostado à cabina do unimogue. Mas já outro tiro o dobrava por terra. Era bom rapaz o vagomestre, supunha-se mesmo que sério, sem a tentação assumida por outros, mas de barriga côncava, algarvio de bom costado, mas tão torto como é a aduela de um pipo. Como é óbvio nestas coisas, ganhou um louvor "pelo sangue frio demonstrado debaixo de fogo cerrado" e só por um triz não ameahou uma cruz de guerra, de terceira que fosse. Apanhasse ele mais um tirozito, insinuava zombeteiro, mais tarde, o capitão.

Atrás de mim, o meu conterrâneo, respingão, mais do que nunca, bichanava qualquer coisa para dentro, reza ou lamentação, e engolia súplica atrás de súplica, seguidas sempre de um ai profundo e miserável. Mas que rom, rom, corta cavilha, dizia-se na nossa terra de Parada de Junco. Tal qual como o gato, rom, rom. Nunca lhe tinha visto uma coisa daquelas.

Ultimamente não compreendia os motivos que, mais profundos, levavam Júlio Perdiz a vacilar. Ele não era, de facto, nada daquilo ou então eu já não o conhecia verdadeiramente.

Em todo o tempo não apresentara sintomas de medricas. Pelo contrário. Nos últimos dias, é que começara a ser recalcitrante, a fechar-se em esquisita sisudez. Alguma má notícia voada nos aerogramas? Teria a mãe, que era viúva e nova, dado mau passo? Nunca lho perguntei claramente. O que eu sei é que o vi rasgar o aerograma em mil pedaços.

Algum medo? No entanto, a companhia (e Júlio Perdiz também) tinha percorrido aquela corda de povos por aquele emaranhado de matos misteriosos e olímpicamente belos, embora bordejando desleixo de viver gorda miséria, de resto, bem estampada no rosto das crianças, barrigas convexas de fome, e nas mãos secas e terrosas dos velhos.

Por outra filosofia qualquer que lhe justificasse a recusa ou por mero capricho político que lhe ditasse inconformismo não parecia efectivamente que fosse. Eu continuava a confiar nele e dizia-o claramente ao nosso comandante de companhia: "Ponho os meus tomates num cepo pelo Júlio Perdiz como ali não há nada de manha ou política até, qualquer problema, qual não sei, mas ainda hei-de saber".

Mas eu punha era uma gaita, confesso-o agora.

Por qualquer lado que se pegasse, Júlio Perdiz era bem diferente do Bigodes de Aljezur, o 45, o Miguel Ponces da Silva, que era soldado bem caçado. Se calhava ser o seu pelotão a sair para o mato, nem que fosse montar uma emboscada, barafustava gordamente: "enfiem-nos todos na boca dos gajos, andem, matem-nos todos, matem-nos todos..." Porém, se ficava estiraçado na tarimba, porque era outro pelotão a devassar a noite ou a abrir os olhos até ao couce em pleno dia, dizia, riso untuoso de maldade: — estou cá com um pau, meu furriel. Às vezes, o furriel lembrava-lhe o que tinha de fazer. Por sua vez, os camaradas, como calculam, desciam ao despautério mais soez: que o metesse... isso mesmo que estão a pensar.

Passada a fronteira de Tabassai, abandonámos a estrada, flectindo para o lado esquerdo. Os pés humedeceram do capim. Seguiu a tropa em fila indiana. Os negros haviam sido distribuídos e enquadrados nas diversas secções e pelotões de modo que, a haver refrega, houvesse uma certa unidade de fogo. Comandava a companhia, assim reforçada de tropa nativa, o capitão Castro Matias, por ser o mais antigo e experiente.

Como as sombras rastejassem em levas sucessivas e o cacimbo fosse de se cortar à faca, não havia outro remédio senão os soldados darem-se as mãos uns aos outros, num longo encadeado de

calor humano e solidárias tremuras. Eu, por exemplo, alongara o braço para o Júlio Perdiz. A mão direita dei-a, pela ponta dos dedos e com certa relutância, ao guia Embaló. Pude sentir, então, quanto o meu conterrâneo ia medroso, tiritando autenticamente de frios diversos. Mais do que o próprio Embaló, que nem tugia nem mugia. Intimei-o, ainda que em voz baixa e familiar:

— Que raio! Pareces uma virgem quando vai para a cama, apertada por terrível galifão.

— Não sabia.

— Com esse barulho, ainda vais acordar os gajos, antes do tempo marcado e podes apanhar com a filha da puta de uma bala nos dentes.

— Não és tu que a apanhas, pois não?

— Mostra-os agora.

— Cala essa boca.

— É uma vergonha. O Embaló, ao menos, não geme. Que vai dizer ele no mato? Naturalmente que somos uma cambada de medrosos...

O que eu fui dizer! Replicou, pronto e seco, que não era comigo, que não o chateasse mais, que da vida dele sabia ele. Mas, na verdade, o que eu queria era acordá-lo, abanar-lhe os ombros, puxar-lhe pelos brios, que os tinha.

O silêncio, esse, começou a semear fantasmas, enquanto os soldados contavam os passos e os minutos e desejavam que chegasse depressa a manhã e nunca mais fosse noite. Mas que raio, se tinha que ser! Ao tropeçar, caí desamparado e, pelo barulho que brotou das raízes do chão, dois pássaros, voando, iluminaram a escuridão.

A esperança estava na madrugada. De madrugada ia tombar cerce o pesadume da noite que andava sempre de gorra com os mistérios e deuses subterrâneos e as bruxas, que espreitavam pelas ramagens, danadas e sujas, cascalhando gargalhadas invisíveis e cínicas por cada morto que tínhamos, por cada membro que voava do corpo. O escuro, pressentia-se isso já nos olhos, ainda que lentamente, iria esboroar-se daí a pouco em luz trémula, primeiro,

segura e redonda, depois. Então, sempre se veria melhor o que estaria para além do nariz molhado e atento e era natural que Júlio Perdiz se recompusesse, que aquilo não era de seu natural. Mas a escuridão era realmente o boqueirão de uma qualquer porta do inferno.

bibRIA

(1) – Esta mulher continua viva numa cidade do nosso país. De resto, como o marido, coronel na Reserva. Isso não permite descrevê-la excessivamente.

bibRIA

DO fundo do buraco, onde me deixara ficar inocentemente esparvado, confuso, olhei, uma e outra vez, para a banda de uma touça cerrada de arbustos. De seguida, ergui o tronco, um pouco enregelado da posição incômoda em que estivera. As árvores pingavam cacimbo e alguns raios de sol. Esfreguei os olhos, escancarei a boca, muitas vezes. Disse duas ou três palavras. Não sei mesmo se larguei para lá algum feio palavrão e isto naturalmente para saber se ainda estava vivo, embora da maneira que estava. Apalpei as cartucheiras. Estavam quase vazias, sinal de que eu havia feito fogo. Fiquei satisfeito por ter a G-3. Ensaiei a pontaria. Ainda acertaria, sem medo de errar, à cabeça de um qualquer, digo eu, se acertasse. Era necessário viver, fora e longe daquele buraco. Mas, ao encostar a arma ao ombro esquerdo, doeu-me um pouco, mas não tanto que desse para gritar. Escusado seria dizer que, naquele momento, pousei a canhota e passei os dedos pelo ombro de modo a descobrir o que eu, efectivamente, já receava. A confirmação veio, sem tardança, nos pedacitos de sangue que os dedos trouxeram. Despi o dólman, para me certificar melhor, olho em mim, olho na lonjura, que morria a uns escassos cem metros. Ao colocá-lo no chão, atapetado de folhe-lho, vi que sem ele, por sinal escurecido do suor e da lavagem com lixívia

e pouco cuidadosa das negras, sentia um frio súbito. A pele enriçava pêlos de galinha. Então, rondaram-me pensamentos desencontrados pela cabeça, que me começava a doer como que carregando nela o mundo ou, pelo menos, o bojo de uma canoa mal amanhada. As veias engrossavam como raízes e o coração, atônito, desembocava em marteladas potentes, mais parecendo um alazão fogoso, cavalgando o peito que, de nervoso, se fazia também uma tábua cheia de pregos, pois eu sentia picadelas como alfinetes.

Poderia tentar aproximar-me deles, mas não tinha a certeza de lá chegar inteiro. Quem me garantia que não fosse interceptado na difícil jornada, no meu passo miúdo, medroso e vasculhador, por algum fugitivo que, não se dando bem com a fuzilaria dos nossos, se escapulia como coelho, ou não tropeçasse nos que, afoitos e amando aquele chão, podiam estar a cercar a tropa pelas costas? Eles levavam a guerra a sério e, por isso, fazê-la da nossa parte não era, com segurança, brincadeira nenhuma. O mais provável seria enfiar-me na boca do lobo e isso seria muito pior do que estar ali sozinho, apenas com uma luzinha de esperança tremeluzindo ao fundo do meu olhar azul, que ali eu já não sabia se era ainda azul ou, antes, vermelho de raiva, roxo de espanto, mas, em qualquer dos casos, aberto até ao coice, como se dizia em Parada de Junco.

A ideia que começava a ganhar certa consistência era a fuga, o regresso atento, o meter-me a caminho, fossem quais fossem os perigos e carreiros, sempre mais enovelados do que uma linha no bolso. Essa era possivelmente a única solução. Não deveria estar longe da estrada que dava para Tabassai. Ou estava? Daí ao quartel era o tiro de um morteiro, para assim dizer. Depois de enxergar a coruta do poilão enorme daquela tabanca, ganharia uma alma nova. A respiração deixaria de ter aquele tom fanhoso e encravado na garganta e tinha quase a certeza de que tinha uns quilómetros de vida. O relógio, porém, batia horas de séculos nos pulsos atormentados. O tempo contava ali sempre como um passo para a morte, sempre fronteira e possível, mas se fosse para a vida, tanto melhor, concluí.

Eu estava, no entanto, ciente do que resolveria, de uma vez por todas, aquela náusea, aquele resquício de vida, aquele garrote na alma, aquele tremendo fiasco de ter ficado a dormir de barriga para baixo, como um lagarto ao mais famoso sol, enquanto, lá na frente, os outros combatiam — era um tiro e pronto, acabava-se de vez a guerra. Mas isso, remoí, era desistir de viver e eu era um moço. O céu que esperasse pelo menos cem anos.

Tornei a deixar tombar o corpo sobre o cano da espingarda que, pouco depois, escorregava ao longo do corpo moído de sustos, que não era realmente para menos. Era a falência da coragem, a cedência dos músculos em contínua vigília?

Apetecia-me realmente gritar, trepar às árvores mais altas como para fugir de um dilúvio, fugir de mim próprio, chamar por Deus que me pareceu tão longe, pelos meus avós, por alguém que fosse em meu socorro, urgente. Mas não o fiz por medo. O que fiz, com algum nojo de mim, foi passear os dedos pelo fuste da G-3 e deixar descansar o queixo, que se afilava naquela hora diabólica. Sentia, à minha volta, uma névoa a fechar-se em círculos de sombras e sabres. Viajei pela casa de meu pai, pelas ruas da aldeia. Com isso, ganhei um pouco de fôlego e ânimo. Então, procurei acalmar-me. Fui mesmo sentar-me por detrás de um tronco grosso como que com medo de mim próprio. Ou vergonha. Ou medo dos guerrilheiros. Apalpei os bolsos da farda. Encontrei um maço de tabaco.

Curiosamente, o cigarro trouxe-me, daí a pouco, Helena Torrão. Também o soldado Garcês. Fiquei com o último. Fora por ali perto que travámos um dos nossos primeiros combates. Era dura e perigosa a nossa guerra naquele mês de Novembro. Havíamos chegado em Agosto.

Tudo era calado como terra. O luar lambia as matas fechadas do Oio. Pressentia-se por todo o lado o gume de uma navalha inevitável. A lua desfiava páginas do Alcorão. Mentia como jovem rapariga. E os olhos

da mulher do meu capitão também não mentiam?

Muito antes de Cai, ainda a companhia ia completa, o resmalhar do capim começou a acordar os bichos, as aves. Sobretudo, os macacos. Isso inquietava. Feria o cérebro. Quando, aqui e ali, as palmeiras novas entrechocavam os seus ramos, havia um estremecimento súbito, um medo geral. Os menos afoitos aguçavam o ouvido. Seria mentira até se não se dissesse que se pressentia um silencioso ranger de dentes e de pragas deles escorrendo. Muitos começavam a acariciar as patilhas das G-3. Ou o coração áspero das granadas. Arrepiados de dúvidas e talvez tocados de maus presságios, seguíamos atentos e pressurosos na árdua tarefa que nos coubera.

O frio enregelava as mãos e o capim ensopava as fardas. A todo o momento, esperava-se que aquele ofegante silêncio fosse estilhaçado pelo IN. Flagelando-nos de perto ou de longe. Ou investindo, rápidos e sabedores dos cantos do seu chão. De vez em quando pressentia-se o cigarrar eléctrico dos postos ANPRC-10.

O pelotão de António Moço ficava para trás, para interdizer quaisquer grupos de guerrilheiros que seguissem a rota de Malimorés. António Moço era o comandante do segundo grupo de combate que era também o meu.

Quando amanheceu, nas costas dos soldados, rebentou vermelho o sol a prometer inferno de fogo lá para o meio dia. Os homens, molhados de cacimbo, começaram a transpirar, cilhados os rins pelas incómodas cartucheiras. Mas mais incómoda seria a morte.

Os matos ganharam, então, cores milenárias e desvairavam as copas das árvores da luz que ia do tom azul ao pérola e do rosa ao jasmim e de pássaros. Os deuses acordaram certamente com o sol e vestiam tudo de uma beleza bárbara e ao mesmo tempo impressionante. O silêncio arrastado já não os asfixiava. A apreensão, essa, é que havia crescido, tanto como o risco. A qualquer momento, eles podiam surgir implacáveis. Todos vasculhavam, era assim, com os olhos, o maldito capim, como se andassem em busca de caça. Era certamente caça que procuravam. Ou

pior: eram caçadores, com armas semelhantes ou mais sofisticadas. A retina, vigilante e rubra, viajava nos ramos das palmeiras, nos penteados das lianas, na seara inútil do capim, na mais insignificante touceira de musgo ou folhas miúdas. Ou até nas margens do vento que, cabriolando, pelas folhas, ia bufando, de manso, o eterno mistério de África.

De repente, o barulho de uma culatra e os primeiros disparos apressados de uma sentinela estremunhada. A tropa reagindo forte e abafando o grunhido irritante da costureira malvada. Sabem como era. Então, os soldados receberam ordem para avançar em linha na ponta direita. Aldroengas havia deixado para trás o corpo do guerrilheiro, com um pontapé do Garcês, que lhe sacou a arma. Entretanto, outras armas começaram a berregar e ladravam foitas à medida que o estrondear dos morteiros e bazucas começaram a impôr a sua voz. Mas já um grito lancinante havia de vibrar contra o aço. Era o pobre Garcês que recolhia um tiro em pleno peito. Que merda de pontaria. O alferes ainda acorreu, mas só teve tempo de lhe rezar por alma, se é que rezou. Garcês era já uma estrumeira de sangue. Olhou-o e disse: que grande merda, nosso capitão.

António Garcês não voltava a pedir-lhe quinhentos escuditos para ir às pegas lá para as bandas do Castelo ou do Convento em Estremoz. Afinal, os gajos tinham boa pontaria, nada como o seu capitão e meu capitão dizia: que eles tinham a pontaria no meio dos cornos. Quando calhava e Deus permitia, lá ia um dos nossos pedir asilo no céu, que na terra não se podia viver a inocência dos dias por vir ou os sonhos estupidamente adiados no cano das espingardas. Que grande porra, nosso capitão, nosso primeiro Fortunato, Nosso comandante Castro Loureiro, nosso comandante das Forças Armadas não sei quantos. Quando mal nos precatávamos, a malvada dava a alguns um nó cego na garganta que nos borrávamos todos.

Garcês dizia que dava sorte tamborilar os dedos no fuste da espingarda. Talvez não fosse mentira. Mas a verdade é que, repentinamente, foi outra: rastejar, pela última vez, seu ombro maduro na selva e deixar escoar pela ilharga a alma azul de pássaro cigano, pingo a pingo de

sangue e aguadilha, onde, num instante, pousou uma rodela de sol a castigar ainda o corpo aprisionado.

Depois, havia de ser o assalto. Com o António Garcês a caminho da eternidade numa padiola improvisada por dois soldados.

Contas finais?

Um morto e ainda não se sabia se Malan Seidi se ia aguentar. E cinco feridos. Em troca, uma pistola metralhadora PPSH calibre 7,72m/m, três pistolas Thompson calibre 11,4, cinco carabinas Mosin Nagant, carregadores ainda para a pistola Ceska Pbrobovka, várias baixas (prováveis), livro de anedotas em português, o primeiro livro de leitura do PAIGC, material escolar (cadernos e lápis), folhas de um livro de conta corrente da firma viúva Campos e Grácio, Ld^a, cargas prismáticas TNT, medicamentos de origem russa e americana, etc.

Quando Malimorés já era próximo, a noite era carregada de sombras e o pelotão de António Moco já integrava a companhia. De repente, eram quatro horas da manhã. Foi, então, que dois soldados dispararam. As G-3 espalharam uma chuva de aço que se acendeu áspera de um e de outro lado. Num instante, misturaram dolorosa conversa. O IN retirava precipitado. Ou parecia. Uns metros, à frente, jazia gravemente ferido na anca um guerrilheiro. Foi poupado, porque se prontificara a colaborar, a levar-nos ao santuário. Fazia o seu trabalho com pistola metralhadora. Foi pensado e interrogado. Depois, era visto do lado sul outro guerrilheiro que fazia parte do grupo. Mas não foi mais possível encontrá-lo. Nem quando começou a clarear. Estes cabrões dão à sola que nem ratos, dizia o Aviz, mas ele sabia que não era nada assim. Um pouco à frente, foi recolhido um carregador cheio de cartuchos de 9 m/m. Era noite cerrada como o diabo. Entretanto não se chegava à conclusão de quem abatera o rapaz. Supunha-se que Júlio Perdiz. Isso nem tinha sentido sequer. Era deveras secundário.

A marcha continuava. Mais enervante. Passámos além de Cai. Uma

calabaceira enorme pontificava na aldeia deserta. Mais além, as figueiras bravas e, a seguir, um labirinto naturalmente assombrado de medos e de bichos, humidade e fungos.

Seis outros elementos do IN visaram-nos. Tiros de espingarda e, mais adiante, um tiro de pistola, referiu o comandante mais tarde.

Malimorés foi atingida já o sol anunciava violenta fornalha. Silêncio que doía e enervava. Passada revista às palhotas, foi detida uma mulher cujas peles escorriam medos e suores. Estava junto do seu homem. Ela chamava-se Mala Seidi. O homem, cujo nome era de somenos, estava doente e tremia. Deixámo-lo tocado por um sorriso frouxo. Mala Seidi confirmava o que o prisioneiro havia dito. Ficámos, então, com a certeza de que as casamatas se achavam junto ao caminho que de Malimorés conduzia a Talicó. Pouco mais ou menos, a meio das duas bolanhas a sul e do lado esquerdo. Um disparo de bazuca fez internar na mata oito negros. Armados e fardando camuflados.

Ali foi armada a defesa em círculo. Em círculo e ao largo. Enquanto isto era feito, foi pedido pelo ANRCP a eventual evacuação do negro ferido. O helicóptero chegou depois do meio dia, quando o sol comia os miolos de todos. Sua excelência o comandante-chefe havia de chegar também noutro. Para bater o tacão naquele chão vermelho. Com uma bandeira nacional que foi hasteada. Tirou algumas fotos. Convenceu-se o general que tinha ganho aquela batalha sem que soubesse o que havia de vir depois. Podia dizer até que já fizera a sua guerra, que não era nenhum maçarico. Tão entusiasmado ficou que mandou vir água, pão e guloseimas de Bissau para distribuir pelos soldados. Coisas que eram, evidentemente, melhor do que uma bala no cu, mais doces do que o raio de um tiro numa orelha, miava, à sucapa, Júlio Perdiz. A história do Batalhão sempre empolou este facto.

Pelas onze horas, começou a ouvir-se o rugido de dois T6 que iam bater as zonas das casamatas. Enquanto isto, os soldados puxavam dos isqueiros. Atearam o fogo a cerca de sessenta palhotas. Aproveitaram ainda para um rápido trago de cigarro. Corriam de um lado para o outro

com fachos de capim a arder. Mas a verdadeira Malimorés, a dos aquartelamentos dos guerrilheiros, ainda não era ali.

Feita a refeição do meio-dia, engolida com uns bagos de medo à mistura, como era natural nessas situações, utilizando Mala Seidi, a velha que tinha a falha de três dentes, era intenção do comandante chegar às casamatas. O caminho era estreito e a mata era vestida de espesso arvoredo. Via-se pouco mais do que um palmo à frente do nariz. Um labirinto de estarrecer. O silêncio era compacto como terra. Só se ouviam estalidos na floresta provocados pelo calor intenso. Suávamos como cavalos. O sol feria o cérebro de cada um dos soldados. O silêncio anavalhava os nervos. No silêncio expectante havia um mau prenúncio. Entrar, lá se ia entrando, com todo o cuidado e vigilância. Sair é que não se sabia se tal ia acontecer. Cheirava a esturro, a antro, a centro operacional do IN. E, quando assim sucedia, suávamos mais do que nunca. Não se enganava o alferes Costa quando disse isso ao comandante. O general já havia voado para Bissau. Alferes Costa sentia já uma tenaz nas suas costas. Era já como se fosse um aperto na alma, um garrote na garganta. De repente, zás. O IN entrou a atacar em força. De todos os lados. Com pistolas, metralhadoras, espingardas e granadas de mão, armas pesadas, estas grassando de mais longe, mas sempre respeitáveis e atemorizadoras, bem por cima das nossas cabeças. A resposta da tropa foi simultânea. Lutava-se, porém, com grande dificuldade. Era extremamente difícil localizar os pontos exactos de onde partia o fogo, bem nutrido e bem arrepiante. Às vezes, o IN abrandava, como para se recompor do esforço ou se municiar melhor. A tropa imitava-o e alguns soldados aproveitavam esse compasso dorido para sacudirem algumas formigas que entravam pela perneira e já rabiavam no sexo suado. Depois, lá recomeçava com redobrada violência. Um negro matulote, de capacete puxado para a frente, valente, vinha à frente lançar granadas de mão.

Vinha, até que, a certa altura, deixou de aparecer. Talvez tivesse sido abatido por uma basucada do furriel. Dois outros eram atingidos, um à esquerda, outro à direita. Um terceiro tombava como um coco

maduro espalhando-se no capim. Tombava de uma árvore espessa. No mesmo morro de baga-baga, de um lado, estavam dois guerrilheiros de Amílcar Cabral, do outro, Júlio Perdiz. Um desses negros procurava visar o Cambraia que se desunhava quanto podia. Casimiro Fortes que ia na frente estava a ser batido intensamente pelo fogo. Um desses dois negros apontou para o furriel.

O Bigodes de Aljezur, o 45, dava ao gatilho compenetradamente e arrumava dois que rastejavam próximo.

A luta era intensa, irritante e mortífera, e ainda era só na entrada do aquartelamento.

No primeiro grupo de combate havia feridos graves, um na retaguarda, outro, no meio da coluna. O primeiro cabo Cerejo estava gravemente ferido. Apanhara um tiro quando se movimentava a socorrer uns e outros. Acabava de enrolar panos no braço de um camarada, quando sentiu um calor no braço, depois, o gorgolejar do sangue. Havia necessidade de evacuar para a retaguarda todos os feridos. Ele não parava. Só parou com aquele tiro esgalhado. Os T6 ainda não haviam chegado. Nem os Fiat. Aquele era o duelo mais temido de toda a Guiné. A boca a saber a cortiça. Os nervos em farripas.

Caminhava-se para uma hora de inferno e a salvação não estava ainda à vista. Longe disso. Nunca. Era uma eternidade velha, sem o rumor da cor azul, quando o ronco da aviação se anunciou ao longe. Ganhámos um pouco de ânimo, como era normal. Lá vinham os anjos de alumínio. Começaram a metralhar nas nossas costas. Aliviaram a tensão e permitiam que se erguesse o pescoço rendido no contacto.

Sáímos do labirinto. Demos com a velha, que não tinha todos os dentes da frente e vestia peles encorilhadas, mastigadas pelos ventos e pelas agruras de muita miséria, miséria de séculos, varada por uma rajada de PM dos próprios correligionários. Eu disse-lhe, como numa torpe oração: que pena avozinha! Que merda te havia de acontecer. Uma merda, realmente a guerra. A culpa foi de. Não cheguei a mencionar o nome de ninguém em especial. Passei-lhe a mão pela face, estremeceu ainda

um pouco, apaguei-lhe os olhos.

Os hélis começaram a transportar os feridos mais graves. Um deles era o cabo enfermeiro que se debatia com ferimentos fundos. Peneda, também ferido, mesmo assim, ajudava no transporte dos camaradas e tratamento de lanhos, como nunca vira.

Entretanto, era decidido estacionar ali perto. A área escolhida era o ponto cota 34 do esporão. Ali fumegavam ainda as ruínas. Era já bastante tarde. Dois cadáveres no descampado e uma criança que não tinha ainda dois anos, de olhos abismados, sentada a brincar com umas latas não sei de quê. Cambraia tomou conta dela.

Era já bastante tarde e pouco se podia fazer. Pouco mais do que cada um desembaraçar-se do capim que cobria os campos de tiro, dividir a área em zonas de responsabilidade e montar as sentinelas. Foi o que se fez, porque comer, nem vê-lo. Água, sim. Porém, durante a noite — ninguém conseguia pregar olho, — as condições de defesa foram melhorando com a implantação de abrigos sumários feitos com ferramentas improvisadas. Porém, todos notavam uma coisa à volta do acampamento: era o grande porte das árvores que serviriam de rico abrigo ao IN. O IN atacaria, era quase certo. Não perdoavam incursões ao seu território. Por onde e quando é que ninguém sabia, embora muitos conjecturassem, como o comandante, os alferes Costa e Serôdeo. Uma tenaz de apertar os nervos.

Ao lusco-fusco soaram os primeiros disparos. Em busca de uma resposta que pudesse situar os nossos abrigos. Mula, a tropa, nicles. Pouco depois, calavam-se, enrolados como cobras, pelas sombras.

Às 22 horas, estoirou uma granada do lado sul, prova de que o IN se acercava da posição que era vulnerável. O silêncio era a única voz a gritar alto naquela escuridão avantesma. Só quem, um dia, andou de canhota no mato. Todos apalpavam as armas, as granadas, quase sempre o coração, às vezes, a alma. Esfregavam os olhos até doer. Dormir era um risco. Ninguém queria entrar na eternidade de olhos fechados por um tiro ou coração esborrachado por uma granada. Porra, porra, dizia baixinho António Mestre. Outras pragas lançava Aldroengas. Passadas, porém, três

horas, o IN atacou em força. Por todos os lados. Menos, felizmente, pelo lado do céu, que estava tão longe. Se fosse também por esse lado, estávamos feitos num oito, ninguém duvidasse. O IN utilizava espingardas e granadas de mão em grandes quantidades. Nada de misérias para defender o seu aquartelamento quase lendário de Malimorés. Algumas granadas faziam frufu, terrível frufu, por cima das nossas cabeças e iam rebentar, por vezes, bem próximo do posto de comando. A tropa ripostava de igual modo e corria palavra de que alguns negros haviam sido abatidos. Um a norte, outro no meio das ruínas da tabanca.

Noite comprida de séculos, angústia anavalhando os nervos, e todos se interrogavam como é que o IN, parindo aquele fogo intenso, não havia ninguém sido morto do nosso lado, embora os feridos abundassem. O guia Malan Seidi com quem, aliás, eu me dava muito bem, recebera um ferimento no joelho na véspera. A bala, segundo o médico, não saíra. Quiseram evacuá-lo. Ele respondia sempre: mim no vai, tropa no cúnhece mato.

No dia seguinte, os hélis foram evacuar alguns feridos. Levaram porém mais munições, alimentos e água, que aquela guerra estava para durar.

Voltaram ainda os aviões. Quando a segunda bomba foi lançada e explodiu, elevou-se no espaço um rolo de fumo espesso. Uma nuvem negra soltou-se, o que não havia sucedido com nenhuma outra. Isto fez sorrir de alívio os olhos dos soldados, de barba grande e olhos vermelhos e o Bigodes de Aljezur, o 45, aliviado na alma:

— Estou cá com um pau, meu furriel!

— Oxalá que seja por muito tempo! — respondi-lhe.

Mas entrar no aquartelamento ainda não fora dessa vez. Embora o senhor general ficasse convencido que sim.

bibRIA

QUANDO me voltei para o lado de onde subia de tom a metralha, deveriam ser para aí umas sete horas. Esfreguei as costas até onde os dedos alcançavam. Cocci também as canelas. Que raio de coisa! Todo eu, de repente, ganhara um formigueiro no corpo, incómodo e irritante. Parecia até que o sangue queria rebentar a pele, estoirá-la.

O meu capitão dizia que estas coisas não faziam mal a ninguém. Mas garanto-lhes que bem não faziam elas, de modo algum. Que sempre eram histórias que trazíamos para contar, um dia, aos nosso netos. “Não me fecundem, vocês são umas amélias, se pensam no medo, se não fazem fogo direito ou se deixam de mijar em arco por via desses malandros que nos enfernizam os ouvidos” (palavras dele). Que se não fosse assim, e mais isto e mais aquilo, nem teríamos nada de excitante para dizer a uma debochada que fosse. Ora o raio! Contar por contar, que as contasse ele, que era mais velho e, além disso, a guerra era de seu ofício e até ganhava bago. Eu, porém, ainda mal tinha vinte anos e já me parecia certamente com um velho, às sete horas de um dia explosivo.

Depois de apagar um borrão (maldita mata, que havia de arder toda, com os bichos e eles, que bem se ateava o capim, era só enquanto o diabo esfregava um olho — disse), meti, com certo desinteresse, outro

cigarro ao canto da boca trémula. Alumiei a solidão até que o cigarro não era mais do que uma beata que logo desfiz com a ponta da bota molhada.

Felizmente, o tiro fora de raspão. Por isso, fui capaz de me convencer que ainda não seria daquela vez que a malvada me trairia. Os ossos ainda mexiam, a ferrugem ainda não tinha lugar. Nem a morte poderia jamais ter lugar em mim. Também era melhor, com vinte anos, afoitava-me. Daí o sentir-me mais calmo, um pouco melhor. Com as ideias em seu lugar. Então, decidi arrancar. Ou fingia-o bem com aqueles monólogos, até que um cão, velhorro e ralaço, focinho pintalgado de preto, depois de me fixar um pouco, de esguelha e parando um pouco, seguiu na sua tineta e faro, sem um latido. Cheguei a pensar que era bom que não se fosse embora. Sempre era uma companhia. Depois, assobiei uma voz de pássaro, tal qual a de John, que se confundia com as vozes que tombavam azuis, cor de rosa (ou tinham outra cor?) das árvores que sacudiam, pouco a pouco, dos seus ramos as lágrimas da noite. O cão, amarelo de pêlo, velho de alma, estacou, meneou a cabeça, voltando-se, mais uma vez, para trás e deixou-me com um olhar desconfiado. Eu só lhe pedi uma coisa: que, cão do céu ou do diabo, não fosse chamar ninguém e tentei adoá-lo com alguma coisa do meu bernal.

Tive um pensamento. Os pensamentos eram como os amendoins. Vinham atrás uns dos outros. Era capaz de vir alguém atrás do animal. Por isso, talvez, não fosse estratégia errada esconder-me, até para me recompor, até para pôr a funcionar direita a cabecinha que, se era uma nódoa para as matemáticas, por outro, já rejubilava com as línguas. Até Ovídio e Horácio. Não podia deixar de traçar seguro um plano. Mais importante do que ser herói era sobreviver, quando se descia aos abismos. E não havia pior guerra do que a do mato. Nós andávamos no inferno. Os negros também. Estes com a vantagem de conhecerem e amarem o chão vermelho do Oio. Até o cão sugeria uma cilada e ninguém me podia garantir que não fosse. Até o vento, que mal se ouvia, mas ainda havia de nesse mesmo dia zimbrar raivoso de dor ou lá o que era mesmo. Até o meu assobio, trauteado um pouco pelo medo de morrer, de estar a

morrer. Tudo isso fazia com que colocar um pé sempre atrás. Mas não deixava de me afoitar, convencendo-me de que aquilo era natural em quem tinha um furo ao fundo das costas. Só os generais não sentiam o rabo a tremer-lhes, tufe, cagufe. Faziam a guerra nos papéis, nem sempre bem, mas somavam sempre vitórias. Davam ordens, tarrafo, marche, mato, marche. Se não sentisse tremer a espinha, já estaria morto, disse para mim. E morto, é que nunca, meu rapaz!

Mas a verdade é que estava preso da selva e sozinho. Nunca julgara. Mais valera ter recebido, pensava, já não digo no peito, porque viver era sempre bom, ainda que voasse a ponta de um dedo ou um esguicho de sangue escorresse do traseiro, do braço, sei lá, da coxa, — aquele tiro que, por descuido do furriel Afonso, foi esfaruncar em diversos pontos a minha mala que, por ingenuidade, carregara de roupas à civil, como se fosse para a caça. Estaria naquela altura em casa, livre da guerra. Como aquele que, de Sepins, havia disparado sobre o dedo colocado de propósito na boca da arma. Mas isso não acontecera, porque não tinha de acontecer. Não, não ia desistir.

Isso, a memória falava alto. Estávamos, então, aboletados na Amura, num quarto, aos fundos, estreito como um esquife, onde mal cabiam dois divãs ou lá o que era aquilo. Afonso mexeu e remexeu na pistola Walter, coisa falsa, e tanto mexeu e espulgou que a merda da pistola disparou. Eu estava de tronco nu estendido na enxerga. A dois palmos era o chão. De cimento. Debaixo da cama a mala, que havia de ficar um crivo. Bastava ter subido um pouco mais a pistola e sabia que isso teria sido o bastante para me limpar o sebo. Assim, como foi, só me estremeceu a alma, mas pôs-me de sobreaviso. Realmente, não era necessário andar no mato para levar um tiro certo e apanhar, se ficasse vivo, por boa informação, um louvor.

A minha missão ali era de coragem. Se fosse preciso sorvar os frutos da floresta, de preferência, os frutos já acariciados e amadurecidos nos bicos dos pássaros, como mandava o manual do atirador, tinha de o fazer. Se eles os podiam debicar, cantando, também eu, forçosamente, poderia rilhar a sua carne doce e sumarenta, lamuriando-me. Lá matar

cobras e frigi-las, depois de cortar a cabeça a uma certa distância, como fazia outro furriel de outra companhia, filho até de gente grada e de boa estirpe, ah, isso, juro que não era capaz. Agora, colher frutos, grimpar a uma palmeira para saber quanto sumo tem dentro um belo coco ou quanto mede de altura uma calabaceira desgrenhada em seus ramos, ainda vá que não vá. De resto, pensei, também havia de haver por ali alguma tabanca amiga capaz de me fazer arribar ao quartel.

Isso acontecera, quando havia regressado da cidade, de uma exploração de bares e ruas, coisa de uma hora depois. Da cidade havia trazido uma espantosa imagem, a qual eu fui confirmando, depois, nas andanças do mato. Com mais ou menos ingredientes. Desejoso de rabiscar na memória o meu caminho, que já se afigurava tormentoso e chapejando minhas botas de lona e com uma sede que já me exigia o viático de um uísque duplo com gin tónico ou de cerveja, fresca, claro, abanquei no café Império, a inchar de fardas.

Sentados a uma mesa, quatro soldados. Desses que, uma vez por acaso e sem ser por coxa rota ou pé engessado, vinham até Bissau. Abancavam eles, com grande alarido de picapaus, um excelente camarão. Cor de rosa como as coxas da mulher do meu capitão (havia de verificar isso mais tarde). O camarão transbordava de um prato sopeiro, o qual apetecia como um sonho. E as coxas de Helena também. O prato estava esbeçado, mas isso não era importante para os soldados que algaraviavam festivos. Os soldados tinham os braços queimados. Dois tinham tatuado nos braços a palavra Guiné. Os quépis, surrados das valetas e dos medos, davam-lhes a glória de veteranos da frente Leste ou Sul, cada qual a melhor. Falazavam alto, como já disse, e contavam coisas picarescas passadas com mulheres, que não eram exactamente mudas de boca. Talvez, só de alma. Muda de boca, era uma rapariga alta, roliça, bonita, que, virando lavadeira de furriel na Amura, já era lavadeira para todo o serviço e o pior é que alguns a usavam do avesso. Ao mesmo tempo, espraivam o olhar pelas ruas cheias de movimento. Numa palavra: desenfadavam-se como podiam, afinando-lhe cerveja fresca. Mas tam-

bém uma garrafa de uísque, que ali era ao preço da uva mijona, talvez mais barata do que uma garrafa de vinho verde, de boa marca, fazia as honras maiores da mesa. Efectivamente, se sessenta escudos eram uma bagatela para um subalterno ou mesmo um cabo (que se lixasse o pré!), era quase certo que os generais bem podiam lavar o rosto, mesmo a rabadilha, com o uísque da Manutenção Militar.

As garrafas denunciavam os estragos feitos por aqueles rapazes, que, alguns dias de férias ou de sorte trouxeram à capital. E certamente até faziam horas para ir ao cinema à UDIB, lá no cimo da Avenida (hoje com outro patrono, Amílcar Cabral). A UDIB só funcionava duas vezes por semana e a qualidade dos filmes conhecia-se pelas vezes que partiam as fitas. Se isso acontecia várias vezes, era sinal de qualidade.

Estavam tão satisfeitos que os vi chamar para a mesa, que se alargou, alguns soldados negros que partilharam, sóbrios e alegres, da exuberância daquela boa hora.

— Olha, Silva, aquele bilha preta que ali vai, que redondinha que ela é, que fofa não deve ser! — lançava alguém.

— No mato, é uma miséria — queixaram-se todos, à uma.

— Era de rebimba-o-malho — insistiu o primeiro.

Nisto, dois ou três gafanhotos deram para sarabandear por ali, descendo e subindo como insignificantes Aluetes, em curvas apertadas sobre os ombros dos soldados e, às vezes, sobre as mãos ocupadas. Tanto esvoaçaram que um teve descontrolo de asa, arribando, espantadiço, ao prato do camarão, onde negrejou como doido abutre.

O mais alto que debitava mais farófias e ria às escâncaras, barafustou:

— Eh, filho da puta, que já não sais daqui!

— Não me digas.

De facto, não saiu. Deitou-lhe os galfarros e, enquanto o diabo esfregou um olho no inferno, ripou-lhe as asas e a cabeça e, sem uma careta que fosse, levou-o à boca, com o ar mais convencido deste mundo, o ar mais heróico. De seguida, trincou-o, entalado por dois camarões, dos maiores. Feito isto, regou-o, por causa dos enjoos, com uma golada de

uísque. Feita a mastigação rápida e engolido o uísque, outro uísque, por favor, desabafou:

— Afinal, esta merda não é assim tão má. Comparado com os bifes de vaca velha e relha do rancho, isto é uma maravilha, das tais de comer e chorar por mais.

Um deles aproveitou o ensejo para dizer de um alferes que, por falta de parafuso ou para conquista barata de uma cahopa, num bar do Algarve, tinha caçado à mão duas ou três moscas, que, depois, enfiou dentro de um papo seco, que barrou com manteiga e comeu, rindo muito.

Também ali uma gargalhada galgou aquela muralha gloriosa de ombros, como varrela saudável de perigosos miasmas, enchendo e galvanizando os restantes soldados. E eram muitos.

Furriéis eram alguns.

Sentados na esplanada do Tropical três divertiam-se à brava e davam a entender que esperavam o barco para o regresso. Segundo vim a saber, tinham os furriéis jurado, por sua honra e de boca mergulhada na cerveja fresca, que era proibido falar de guerra. Tinham de sacudir, pouco a pouco, as botas da poeira e do sangue, apagar alguma ponta de remorso por acto menos digno, segundo afirmava o mais alto de todos e que se dava pelo nome de Virgílio Gandarinha. Era alto e meio encorcado de tronco, como se tivesse passado por aquela barriga uma grande fome.

Umas garotas também os ajudavam a matar a guerra que ainda traziam a bulir-lhes nas veias. Mas onde é que andavam? Eram mais raras do que as andorinhas. Ou eles, soldados, mais do que os pardais? Era isso, eram mais do que os pardais. Essa era a opinião defendida, com acesa fumaça, pelo outro colega.

Isso era o que estava combinado. Mas, pelas garrafas vazias, que se exibiam no tampo da mesa, todo rodela da solta espuma, já não contando com as que rolavam por debaixo das cadeiras, poderia concluir-se que, afinal, não era assim tão fácil fugir daquele chão vermelho da Guiné,

do estupor daquela guerra, onde cada um fazia a sua. Embora fosse jogo divertido tentar. E era-o naquele exacto momento em que me havia sentado com o soldado Aldroengas.

O terceiro, que tinha a bóina puxada para o lado, quase a tombar, e tinha uns olhos castanhos e um cabelo hirsuto, afirmava, apaixonadamente, que dali iam para o cais, para a beira do cais. Ou, então, para o Copilão ou Alto Crim procurar garotas. Dizia que se pelava todo por elas. Não importava a cor. A cor branca era escassa e, portanto, a morena ou escura tinham também o seu mérito. Garotas, bajudas, quem não se pelava, afinal, com vinte e poucos anos e a guerra feita, que não ganha, já a pensar na casa, na terra, no futuro emprego?

Faziam horas.

O Tropical era café que dava para a avenida, que subia do rio ao palácio do governador, ladeada de renques de acácias que, no tempo da flor, sempre emprestavam ao local e às casas, envergonhadas e tristes, uma nota de suave apaziguamento.

Virgílio Gandarinha estava de espalda para o movimento que se fazia. Empunhava a quinta ou sexta garrafa de cerveja e dardejava o olhar miúdo e rutilante sobre os fartos seios de duas moças que entravam no café. Foi nesse momento que tive o ensejo de presenciar uma cena que só de soldados!.

Atrás das gárrulas moças, um vulto que não lhes era estranho; alto, menos no entanto do que Virgílio Gandarinha, tinha o cabelo farto e arruivado.

Diabo, era o alferes Cassiano Ribeiro ou o diabo por ele, dizia espantado. Mirou, remirou, compôs a sua imagem quebrada e nevoenta por meses de ausência. Era ele, não podia ser outro. Tinha combinado que não se falava mais em guerra e sabia que ia perder a rodada de cerveja. Quem trouxesse à mesa uma pontinha que fosse do que haviam sofrido ou passado, pagava uma rodada. Não importava. A vida de um amigo, do seu comandante de pelotão, isso, sim, importava. Se fosse ele, vinha mesmo um uísque com água Perrier, o luxo dos guerreiros. Ia ser uma

bomba para o capitão.

Os outros dois recalcitavam que Cassiano Ribeiro estava era a fazer estrume ao troço de alguma bananeira, que, afinal, quem entrara tinha todo o aspecto de maçarico.

Entretanto, um deles, que se dava por Campos Rosa, começou a fixá-lo melhor, a medi-lo de alto a baixo e chegou, afinal, à conclusão de que estava bem queimado do sol e do mato. E o raio do macaco que trazia ao ombro não era giro? Isso era coisa de soldado feito e velho nas andanças do mato. Por ele ia também por Cassiano Ribeiro. Não viam, porventura, aquele cabelo ruivo e aquela cicatriz alongada na face, lado esquerdo, que apanhara na primeira vez que saíram para Cai?

— Olhem que é mesmo! — replicou o terceiro.

— Agora é que vai mesmo uma rodada — disse Campos Rosa.

— Bebe-se já o Tropical mas é — atirou Virgílio Gandarinha, que se aproximou do rapaz, gritando e arremessando a muleta ao chão. Tinha sofrido, por via da porra de uma granada, algumas fracturas na perna direita, que trazia ainda engessada e onde todos escreviam dedicatórias, declarações amorosas, pragas até, e os mais dados à arte desenhavam coxas e adjacências. Mas uma sobressaía: era a que indicava “peluda, 18 de Novembro de 1968”. A muleta, essa, bateu de encontro às canelas de um soldado que logo para ali chamou a mãe do furriel e, não satisfeito ainda, também a restante família. Virgílio Gandarinha é que nem olhou mais para nada nem para ninguém. O centro do mundo, de toda a vida que regorgitava na avenida e no café, era o rapaz que arribava e a quem chamava de alferes, o alferes Cassiano Ribeiro.

Caíram nos braços um do outro, enquanto eu, que me livreí por pouco de levar com a muleta, confesso que olhava, abismado, aquela cena.

— Dá cá esses ossos, ó Cassiano de uma figa! — gritava Gandarinha.

— Como vai corpo di bó? — gracejava Campos Rosa.

— Como foi isso, rapaz? Podiam ter-te morto — avançava o terceiro, mais comedido de palavras e de gestos, todo introspectivo.

O rapaz não cabia de satisfação e metendo aqui e ali alguma palavra

do dialecto indígena, foi dizendo:

— *Aliquibaro*, julgava que nunca mais nos víamos. Alá esteja convosco, *aliquibaro*, como dizem os negros. — Enxugou as primeiras lágrimas. — Estão mesmo famosos? Portaram-se bem?

O motorista de um jipe premia forte o claxon e todos rodaram os ombros.

Depois, contaram-lhe. Todos tinham apanhado um tiro. Mais acima ou mais abaixo, mais perigoso ou só de raspão, todos tinham marcas. Via-se. Um tiro era um tiro e, sendo assim, sem mais complicação e não sendo nas partes, até era uma recordação boa. Boa, quando se ficava de pé e se ia pelo seu próprio pé para o navio de regresso a casa. Sorte tinham eles, que estavam já de volta às berças. Ora digam lá que não era giro e heróico e não sei que mais. E, se fosse na coxa, tanto melhor. Era um sítio excitante para mostrar às raparigas, às bajudas da sua aldeia. Nisso estavam de acordo todos, apenas, com algumas discussões sem ímpeto sobre o local menos doloroso.

Gandarinha era o mais esfusiante:

— Pela primeira vez, gostei de perder nesta guerra. Valeu a pena perder desta vez. Dá cá os ossos, meu velho. — Uma nuvem de jugudis atravessou a cidade em direcção ao matadouro ou à Bolola. — Mandem vir, pronto, ganharam todos uma rodada de uísque, uma garrafa, mandem vir uma garrafa, duas garrafas, temos de festejar este fim de comissão em beleza.

Aproximou-se o rapaz do balcão, que servia de sandálias cor de rosa, e andaria aí pelas dezasseis chuvas. Olhava, porém, a cena com um olhar de viés, azedo.

— Temos o Cassiano vivo da costa, caramba! — Mexeu-lhe nos ombros. — Um pouco mais enxuto, mas a carne que se quilhe. Desde que não fiquem cá os ossos. Afinal, ainda há muito tempo para uns bons bifés e um bom sol de criar beleza. A carne que se f..., ouviste? — Fitou-o nos olhos e notou-os pisados, algo fundos e medrosos. Como se o azul antigo se tivesse esvaziado com a dor e as lágrimas derramadas. Devia ter sofrido muito, dizia-lhe. Os olhos pareciam realmente dois pássaros negros

tentando sair de um poço fundo e muito baço. Batia-lhe nos ombros: — desculpa, eu tenho de ter a certeza de que estás vivo. Isto é um milagre.

Pude ver do meu canto que aquilo que se desenrolava no Tropical, não era nenhum sonho ou miragem. Às vezes, no fim da comissão, devem saber como era: havia malta que ficava meia aturdida, meia patachoca, marada, sem uma réstia de civilização. As armas não eram realmente civilizadas. Nem cobertas de rosas. São tão áridas as espingardas e os canhões que nenhum campo de espingardas ou canhões é capaz de dar, em tempo algum, uma flor. Murcha que seja.

— Dá-me, mano, esses ossos — dizia ainda o furriel Gandarinha que, sem muleta, se ficou todo escarranchado, como uma louca criança, no corpo do que eles diziam alferes. Escandalosamente aos olhos de quantos por ali estadeavam e espreitavam a cena. E eram muitos a fazê-lo. Só o rapaz do balcão e das sandálias cor de rosa tinha um olhar inviesado.

— Que querem? O homem estava morto, percebem, morto? Todos o julgavam. Até o capitão.

Sentaram-se à mesa. Juntaram mais duas. Chamavam todos. Eu também, com o Aldroengas.

Cassiano Ribeiro ficou a agitar as mãos. Agitava muito as mãos.

Falaram da guerra deles: que Faim andava já na pista das missangas, que Simplício, um tal Simplício Fortes, ia meter-se a contrabandista. E como era o melhor do pelotão, era bem capaz de arrecadar bons proveitos. Não conseguia ter em toda a fronteira guarda que o guardasse. A não ser com um tiro. Mesmo assim, debaixo do fogo, diziam, era o diabo feito gente. Debaixo de fogo, corria como um gato. Um grande soldado, portanto, um bom contrabandista, concluíam todos. De mais a mais, também sempre fora o maior no gamanço pelas tabancas.

O furriel Gadarinha deu-lhe um cigarro:

— Toma, chega-lhe.

Depois veio à baila o capitão, que não gramava Cassiano, porque as suas ideias sobre a guerra não coincidiam exactamente. No regresso ainda tiveram, para despedida, uma emboscada brutal, a doer. Dera mesmo para o

torto. Dura, complicada, sarna. O capitão expusera-se demasiado às balas. Gritava que tinha de ser de pé. Berrava: viva a companhia, viva a pátria. Julgava-se imortal o capitão Uísque. Era assim que falavam do seu capitão, que levava um balásio que o ia limpando. Não fosse idiota, disseram todos.

— Imortal, ora imortal — disseram e sorriram.

Entravam mais soldados. Soldados saíam para recolher o ar fresco da tarde que ia tombando com bagos de fogo a poente. Nessa leva, também um alferes que se sentou com grande espalhafato na mesa que medrava de alegria e turbulência. Com a chegada do alferes a conversa mudou um pouco de rumo. A dor de corno veio à baila, vejam só, a dor de corno, que tanto dava para fazer heróis como cobardes, dizia. Uns lavam no sangue das esposas ou no do amante a sua honra ultrajada, traída. Outros, mais humildes e tímidos, ficam, amouxxados ao peso daquilo. Para ele, alferes Anselmo de Castro, a guerra começava a perder-se no exacto momento em que a esposa de um capitão fechava no quarto o impedido que, por bondade daquele e sempre confiante na diferença de graduação, ficou em Lisboa para os recados. Alguns sofriam mais por aquilo do que por causa da guerra. Depois, já a mulher do capitão, ausente algures em África. Era o capitão com a mulher de um major, a qual, mergulhada em solidão, não era mais capaz de resistir a um consolo ténue, primeiro, mais forte depois e já incendiado aí para o terceiro dia. E tudo em nome da nunca desmentida camaradagem.

Era um tema que não me apaixonava. Eu estava era ansioso por saber o que acontecera ao alferes de cabelo ruivo e magro como um cão. Mas eles não desistiam.

— Bom, não sejamos tão pessimistas. Tudo isto é uma suposição — emendou Anselmo de Castro.

— Pois claro, as mulheres não são assim tão desmioladas. E desde que caíam na minha cama, são as mais sérias do mundo — fazia saber o furriel Gandarinha.

— Sim, elas são sempre escandalosamente sérias e honestas — adiantou Campos Rosa.

— Na vida civil, isso também acontece — meti eu.

— Mas os civis não perdem guerras — ripostou Anselmo de Castro.

— Quem te disse que os civis não perdem a guerra?

Tragaram todos mais um uísque, dois uísques, por cima daquela chocante e maravilhosa explanação sobre tão desastrado tema. O alferes ruivo perguntou se alguém tinha consigo uma pistola, que precisava dela por via de uma coisa. Talvez só suspeitas. Mas uma pistola, caramba, fazia jeito.

Combinaram encontrar-se no outro dia no café do Bento. Seria assim até ao embarque. Depois, no Império.

— Agora, para lavar a boca desta porcaria, pago eu uma rodada — adiantou Campos Rosa.

— Então, à nossa!

— E à honra das nossas namoradas e futuras mulheres — murmurava, rindo um dente partido, Anselmo de Castro.

— Pois claro, pois claro, — concordavam todos.

Como eu tivesse uma Walter, que não utilizava, ofereci-a ao alferes ruivo que me acompanhou até à Amura. Só então fiquei dentro do assunto. Fora raptado para o mato por alguns guerrilheiros da tabanca, onde, ingenuamente, fora fazer a psico-social. Do que ele me contou dava um romance de guerra. Esse, sim, de guerra. Do mato escapou-se quase por milagre, enamorado que foi de uma guerrilheira a quem encheu a barriga com um filho.

Mas a alegria, aquela alegria por um camarada vivo, ele que estava morto, decerto já para a família, era estupenda mesmo sem discursos. Era sinal de quanto valia um soldado vivo. A vida estimava-se mais quando a morte rondava.

Só por isso eu tinha que resistir. Era um moço com vinte anos. E vinte anos não era a melhor idade para morrer. O céu que mandasse os ceifeiros da noite para outras partes. Ou melhor: que esperasse, porque eu, efectivamente, não tinha pressa nenhuma de voar da terra na cauda de um anjo. Mesmo assim e sendo o que os governantes davam aos rapazes de vinte anos, apesar de tudo, era melhor o inferno. Mas vivos. Ou então, fugir.

A companhia havia chegado ali ⁽¹⁾ ainda a noite ia de jornada. Os unimogues haviam ficado além da ponte de Bubacar, então me lembrava. De mãos dadas, num encadeado de calor humano, os soldados, por carreiros de pé posto, seguiam silenciosos, ouvindo-se apenas, de vez em quando e à margem de todas as normas de disciplina, barulhos esquisitos. Eram, por certo, os mais nervosos que, baixando-se, defecavam, com licença; puxavam o autoclismo no mato, desculpem. Era, por vezes, a súbita diarreia, que deixava para trás um cheiro horrível.

As sentinelas é que não dormiam.

Uma metralhadora pesada, que parecia estar à nossa espera, estalara em densa fúria e, num ladrar irritante, varejou a coluna. Outras armas automáticas, como as simonovs, golfando aço, cantavam paralelamente, enquanto os morteiros abriam, à frente e atrás, clareiras e crateras. Já não era, todavia, surpresa nenhuma para nós. Naquele chão vermelho do Oio e na fronteira sul, eles tinham um grande poder mortífero e boa mobilidade.

Alapardados, os soldados, de armas enroscadas ao ombro, entraram, de imediato, no concerto geral. As G-3 crepitavam raivosas, generosas, como sempre em busca de vítimas. Nenhuma arma deixava de grasnar senão a minha. A fuzilaria estoirava. Às metralhadoras açuladas do

outro lado juntava-se o troar cavo das basucas e morteiros. Talvez alguns dos nossos estivessem verdes, enfiados. Verdes o Perdiz, o Cambraia.

As balas, assobiando, constituíam uma perigosa muralha de aço, difícil de transpor. A luta não deixava ninguém de fora. Depois, do outro lado, os gritos começaram a dizer que o sangue havia rebentado como um vulcão em chamas. Era uma onda quente inundando o capim, metendo medo ao anúncio da madrugada. O IN tentava, a todo o transe, evitar a aproximação da tropa do santuário de Malimorés. Ainda ouvi o alferes Costa a gritar: — vamos a eles! A seguir devo ter perdido os sentidos, porque não me lembrava de mais nada.

Uns metros à frente o cão latia como que ferido, ou colhido numa armadilha. Enxotei-o com uma pedra, pedindo-lhe que se calasse. Que filho da puta de "irmão" eu não arranjava! Estava era a trair-me. Então, abri o bernal e saquei para cima dos joelhos um pedaço de casqueiro que lhe arremessei. Cheirei os ladrilhos de marmelada, feri ainda com o dente o rijo nougat, mas depressa reflecti: estava a fazer mal. Não tinha grande fome e agia como se já estivesse garantida a salvação da minha pele, quando, na verdade, não sabia, e estava longe de saber, o que ia acontecer até arribar ao quartel, se arribasse, quantos dias ia levar no regresso e, assim, é que meti tudo no alforge. Havia que poupar, decididamente, não só o que era de fazer trincar o dente, mas também o que era de amparar a alma, a esperança. O pior é que o cão continuava, de orelha guicha e focinho esticado, a ganir.

Não suportava mais. Soergui-me sobre a perna direita. Então, avistei o rafeiro, um tanto quanto atormentado, focinho espetado para baixo, como que a querer arrastar alguma coisa: trapo, osso, víscera. Decidi aproximar-me. Meti as mãos à cabeça. Víscera não era. Não estava, infelizmente, sozinho. Nisto, ganhei coragem e dei mais dois passos. O cão lambia-lhe a farda. Foi nessa altura que baptizei o cão com nome de homem — Fanate. Apelido de homem, quero eu dizer. Ferrei as unhas no chão húmido. Atordoados, deixando o céu e os pássaros lá no alto, nenhum era o John, voltei-me mais

para o meu companheiro. Estava tramado, murmurei, estávamos, realmente, tramados. Rebolei o corpo do Júlio Perdiz. De papo para o ar, ficou muito parado, muito senhor da sua pose sinistra e pensava como o meu amigo de escola estava reventado como um velho. Eu bem dizia ao meu capitão que ele carregava qualquer problema grave, que não tinha jeito para estas coisas de guerra. Mas, afinal, também quem tinha engenho para essas coisas? O que ele sabia fazer, às mil maravilhas, era a barriga dos barcos e, além disso, ser um exímio pescador.

Coração cosido de amargura, meus olhos ganhavam raízes torcidas de solidão. Limpava algumas lágrimas quentes ao canhão da camisa. “Um valente nunca chora” — dizia o meu capitão — “não chora nem arreia” e lazarava tanta contrariedade junta. Voltei a dobrar o joelho, à laia de furtivo caçador, sobre uma touceira de flores miudinhas. Peguei-lhe do pulso e, de satisfação, vi que havia uma réstea de calor, uma vibração no peito. Puxei do outro e verifiquei o mesmo. Quanto eu não dava para vê-lo de pé! Puxei-lhe ainda a cabeça para os joelhos. Nisto, pude reparar que o seu olhar, suplicante e enrugado de névoa, tagarelava lá longe, sumindo-se como um pássaro branco na solidão de um céu vazio. No entanto, a respiração escoava-se. Por minha parte, sempre julguei que a alma se lhe soltasse naquele lagoeiro de sangue. Rápido, despi o dólman e a camisa. Com a mais esplendorosa raiva na ponta da faca de mato, fiz tiras da camisa. Como se anavalhasse o destino que nos anavalhava. O melhor que pude, dei tantas voltas com os panos que o sangue deixou de gorgolejar por debaixo da orelha esquerda. Por vezes também o chamava, em múrmurios. Júlio não me ouvia. Ou talvez sim, porque, como em pedido de socorro, dardejava um olhar húmido e longo. Era a hora em que o sol, glorioso do seu caminho, marchando no céu como um soldado pronto, começava a pôr, de verdade, os olhos de fora por entre as folhas de algumas palmeiras que pingavam forte. Dois pássaros ou três, indo seu voo raso, cantavam a manhã, exaltando o céu azul. Com ternura. Por vezes, rasavam-me a cabeça, já partida em duas como uma madura melancia da aldeia.

Não sei por quê, e fazendo movimentos de rotação ao braço, procurei um tufo de palmeiras novas que me salpicaram de gotas na cara. Com elas e com a esperança lavei melhor os olhos e o próprio rosto. E ainda as levei na ponta dos dedos à própria ferida que não era nada comparada com a do Perdiz. Afinal, naquele momento, só me incomodava a ferida do meu companheiro. Estúpido tinha sido eu ao ficar ali. Pior do que macaco, concluía, sentado já numa mancheia de capim seco, pernas cruzadas e a arma sobre elas, com as cartucheiras, o cantil e o bernal ao lado e passando a mão pela testa.

Aí quedei-me a fitar a distância nos braços hirtos de um poilão secular que se perfilava grandioso no horizonte. Mas não era, seguramente, o de Tabassai. Ao mesmo tempo, procurava encher o peito de ar fresco da manhã. A manhã prometia forno escaldante por cima das cinzas do Perdiz e das minhas próprias. A voz de minha mãe escancarou-me a porta da memória e, assim, com o fogo de uma cicatriz nas mãos indecisas e trementes, deambulei, veloz, por acontecimentos recentes ou mais gastos pela patina do tempo. Então vingava-me num carreirinho de formigas, convencendo-as de que melhor seria outro trilho. Esmagava algumas com a ponta da bota. Proibido era fazer ali gala da ordem unida e da família perfeita. Ali era a desordem, a solidão. Um pássaro, não grande, vinha rasar-me os ombros e tão depressa descia como subia, naquele circuito lúdico e lírico, como que dizendo: pobre soldado, tão pequeno que tu és nesta floresta de bichos e médos. Olá, bom dia, meu rapaz. Tens uma arma, mas, num dia de sol assim, é proibido fazer guerra. Estás só e de nada te vale a arma. Mais te valia uma asa. E não vais dar um tiro no sol, nos deuses que acordam, quebrar a minha asa, liquidar nenhum pássaro, meu irmão, só por cantar de alegria, quando tu estás na antecâmara do inferno ou mesmo já dentro dele. E também te digo: não vale a pena matar nenhum homem.

Ou era o meu amigo John a falar-me?

Acabar, todavia, com a vida já não era ideia fixa. Não, não me ia deixar vencer pelo medo e pela situação, deveras embaraçosa. Alguma

coisa lá no fundo me fazia ver que homem perdido não era um homem liquidado. Eu não podia ser um homem liquidado. Mas, para isso, sabia que não podia deixar-me ir abaixo das pernas, vender a alma ao diabo. *Vae victis*, ai dos vencidos. Mas, infelizmente, dava comigo, de novo, a conversar com quantas árvores tinha a selva (e a selva era imensa); com quantos santos e anjos tinha o céu (e o céu parecia estar vazio de anjos); com quanto vento sacudia o cacimbo (mas não me arrumava a angústia), com quantas tremuras rachavam a espinha ou vergavam o peito (e eram toneladas de peso e ânsia revoltada). E falava e mexia os dedos que fazia estalar. Estalavam, portanto, ainda estava vivo, embora de rosto amarrutado. Dava-me, sobretudo, a conversar com velhos de poesia rachada nos olhos e de cachimbo dependurado no lábio tosco ou esgarço ou apenas tombando da memória em rolos de cinza. Perguntava-lhes o que queriam para morrerem em paz, se a guerra os deixava dormir bem e do mesmo lado. Ainda me dava a conversar com as crianças, talvez pequeninas como o filho do Cambraia, de pila ao léu, e perguntava-lhes se estavam a crescer para ganharem a guerra e o chão ou para morrerem ainda. Eu, pessoalmente, queria que todos, sem exceção, portanto o filho do Cambraia também, nascessem para viverem cem anos.

No fundo o que sentia era uma faca nos testículos e ainda não se tratava, felizmente, da próstata. Nem tão pouco tinha o problema do meu camarada Aldroengas.

O relógio, esse, emperrava como carro de combate.

Júlio Perdiz tinha na cabeça um arrepio intraquilo de sangue e nenhum relincho era capaz de acordá-lo. Sózinho, o rafeiro não me levaria a parte nenhuma. Se enguichasse o ouvido, era para me trair, nunca para me dizer: branco, foge, que aí vem gente. Por isso, talvez o tenha esquecido. Se ao menos fosse um burro. À custa de um burro já um dia Perdiz ganhara um louvor.

No princípio da comissão, vínhamos de Sare Sofi, onde encontrámos

algumas azémolas e, pondo-lhes os galfarros em cima, chamámos-lhes nossas. Passada a bolanha, subimos-lhes para o pêlo. Júlio Perdiz também. Porém, um pouco à frente, rebentou uma emboscada. O meu conterrâneo, aí, ou porque não tenha tido tempo de se apeiar ou porque se tenha embriagado na luta, nunca lho sondei para não manchar os seus brios, certo é que mal teve tempo de meter a arma à cara e disparar. O bicho, apesar de um rasgão na orelha, também não meteu travão, talvez com a mira única de o dar a comer às feras. Enganou-se. Perdiz avançou sempre e, quando os guerrilheiros viram tal propósito, fugiram em debandada cega, o que fez rir, às gargalhadas, ao fim e ao cabo, toda a companhia e, daí a dias, todos os coronéis do Q.G. A proeza caiu muito bem e foi bem aceite pelo Comando e com isso depressa se viu guindado ao número dos que eram louvados por grandiosos feitos em campanha. Mas o que na verdade aquele gesto, tido por uns como solene, único e heróico, por outros como mera brincadeira a merecer um valente porradão (para usar as palavras do meu capitão), fez, sobretudo, foi arregaçar uma risota diária no terreiro, a propósito de tudo ou de nada, a qual fazia tão bem como um chá de tília para o fígado doente. O burro, por sua vez, ganhou o direito a ração melhorada. Júlio Perdiz servia-lhe couves repolhudas que ia todas as manhãs surripiar à horta, com a gabação de que valera um bom cavalo na guerra. E, de facto, até merecia louvor a sair na ordem de serviço de batalhão.

(1) – Realizava-se então a operação Rampa 1.

QUANDO acordei desta ensimesmação, um pássaro maior, fazendo sábia planagem no descampado a sul, ergueu-se a pique e quase era colhido pela hélice de um helicóptero que, depois de rodopiar várias vezes, endireitou a cabeça e se foi. Julguei, então, que andasse alguém à minha procura, o que me alegrou. Ergui a arma, esbracejando. Cheguei mesmo a despir o dólman e a enfiá-lo no cano da G-3. Levantei, de novo, a arma e assim, acenando, acenando. Mas o estupor é que não me via. Levava a carcaça cheia de feridos ou mortos, era o que era. Devia estar a ser lindo, devia. Porém, não sei por quê, o besoiro metálico voltou a rodopiar sobre a minha estrita zona de guerra. Restrita, mas imensa. Voltei a repetir o gesto, mas vi-o partir de rabo torcido. Mal me estava a nascer uma esperança, eis que aquele pássaro de alumínio me deixou tombar outra vez no abismo, na náusea e na revolta.

Tomado de maior fôlego, abandonei, por momentos, o meu camarada e fui espreitar por espreitar e sempre de árvore em árvore nem eu sei o quê. E, assim, estive atônito, de mãos encabadas nos bolsos, quando uma nuvem brilhante de pássaros, desfazendo-se sobre os ramos de muitas e corpulentas árvores, deu um enorme rufo de asas na madrugada. Por vezes, pousavam nos ramos acrobáticas sinfonias que, depois, iam

incendiar as gotas de orvalho que, com o sol a erguer-se sólido, tombavam faiscando um imaginário arco-íris. Enfim, sacudiam as asas do torpor da noite. Porém, num galho seco, cantava, aflita, uma pequena ave que os meus fracos conhecimentos de ornitologia não foram capazes de catalogar. Mas, vermelho e azul, era muito bonito. O caso chamou-me a atenção, apesar do clima interior que me pintava de chuva e borrasca as próximas horas ou as últimas. Não se movia do ramo. Se bulia as patitas, era só para que não tombasse com o peso do seu canto, pensava eu. Os olhos estavam terrivelmente seduzidos por alguma coisa. Avançando, dei com uma serpente de cabeça a prumo por entre o capim e a folhagem velha, longa língua bifurcada. Tive pena. Já não sei se pena da ave, se de mim, se medo da serpente. Pensei ir buscar a G-3, mas não era seguro acertar-lhe. Optei por procurar um ramo ou uma raiz de árvore ou arbusto e forte. Alcancei um bom tronco de arbusto, mais para a minha direita. Porém, quando me levantei, só tive tempo de ver a pobre ave tombar como um fruto maduro na bocarra da serpente. Nesse instante, lembrei-me de John. De Júlio Perdiz também. Às vezes, parava para me pôr à escuta da sua respiração. Respirava ainda. Abceirei-me e disse-lhe que não trazia boas notícias: lá longe o sangue corria e poucos ou ninguém iriam lembrar-se de nós.

Ao erguer os olhos, dei de caras com uma cobra verde, pendurada do ramo de uma palmeira. Ainda dei com outra, mirando melhor. Duas ao todo, se é que não havia mais e misturadas com a folhagem. Arrastei o corpo do rapaz para fora da mira das terríveis venenosas e, pela primeira vez, vi quanto ele pesava. Depois, esfregando os dedos, fiquei-me a dar estalidos para fugir ao asco que elas sempre me metiam, quando as divisava, e não eram poucas as vezes.

Uma das coisas que, nessa altura, mais me fez impressão foi vê-lo de barriga para o ar e com aqueles olhos obliquados e ainda ternos postos em ponto longínquo, lembrando, certamente, na fraqueza do corpo, o sol das dunas no mês de Julho, as roliças pernas das raparigas correndo a praia, a namorada, a mãe, a rua direita onde morava, topando na capela

azulejada e ziguezagueando para a esquerda até topar com dois álamos sobre a curva, o rosto do pai pendurado da fotografia na sala grande, o qual uns diziam ser marca pistola e outros que enxertado em corno de cabra. Do pai mal o Júlio Perdiz se lembrava. Constou que esbarrondara fama de mulher casada. Os tribunais porém foram incapazes de demonstrar quem fora o verdadeiro autor do crime da sua morte no pinhal.

O sol começava a trepar no horizonte ao largo, por cima das árvores. Eu suava muito. Teria de zarpar dali, o mais rápido possível. Comecei a esgaravatar na terra para enterrar a arma do Perdiz. Entretanto, um macaco fula resmalhou, fazendo ponte entre dois ramos que estremeceram por riba da minha cabeça entontecida, quase tocando o chão. Ia tentar levar o meu companheiro e isso ia durar algumas horas. As mais longas por certo. Mais do que um dia? Conforme, pensava. Que havia eu de pensar? Enterrei mesmo tudo, à excepção da ração de combate, que me podia vir a ser necessária.

Eu sabia que a jornada ia ser espinhosa. Avaliando as minhas forças, ergui os meus olhos ao céu e disse qualquer coisa como: para vós volto os meus olhos, a vós confio, salvai-me, Senhor. Talvez breves versículos do Tempo da Paixão, não sei.

Foi então que convoquei para essa jornada (a última? questionava-me) todas as forças: o meu avô, António Francisco Elias, que era um poço de bravura, em terra e no mar; o meu pai que com o seu arado acordava a terra para a festa das sementes, ainda o sol vinha longe; a minha mãe que pusera na cómoda a minha fotografia sob a protecção de um quadro do Arcanjo S. Gabriel; a minha namorada, que não sabia que eu tinha uma história com uma negra, de belos traços; também a padroeira do lugar de Parada de Junco; Nossa Senhora do Livramento, e o próprio Deus.

A verdade é que era necessário meter-me a caminho e com força bastante para resgatar aos matos, aos bichos e aos guerrilheiros, o meu camarada. Porém, não deixava de me aperceber em estilhas de sofrimento que era uma coisa triste tudo aquilo, mas ao mesmo tempo sentia uma

vaga e confusa sensação que também era possivelmente a coisa mais bela que me cabia em toda a guerra até àquele momento. Era restitui-lo à família, devolvê-lo à aldeia, nossa comum raiz. Ou talvez fosse uma coisa absurda, erradamente épica.

Cambaleando ligeiramente das pernas, depois de carregado com o mínimo, arremessei para os ombros o corpo do meu camarada. O rapaz deu um urro, que não havia de ser o último, abafado e soturno, do tamanho da sua angústia. E, quebrando-se todo, as mãos de um lado, os pés do outro, dançando, dançando e boca largando uma babugem suja, uma aguadilha sanguinolenta, as pernas tropeçando nas minhas, — parti a caminho de Tabassai, não deixando de dizer-lhe que tínhamos que nos safar depressa, que ele não pesava nada como uma perdiz, antes como um burro, que, que.

De súbito, uma nuvem de jugudis, sinistra, começou a perseguir-me. Passo a passo, adensando-se sobre a minha cabeça. Cada vez mais baixas e ameaçadoras, as suas asas eram uma onda de terror e só o cão era minha companhia naquele fuga e desventura. Mas que valia o cão? Não falava nem chorava, abanava muito o rabo. Ia comigo como iam simplesmente as botas. Ah, se fosse o burro de Sare Sofi, pensava. E, assim, suando por todos os poros e os joelhos quebrando, não fui longe. Alijada, uma vez, a carga, dispus-me a descansar, arrimado ao tronco de um bissilão. Alquebrado como o profeta do meu nome e sentado à sombra do seu junípero bíblico para as bandas de Serepta, assim era eu, Bravo Elias, perto de Bigine.

A breve trecho, os jugudis já não eram uma onda de vento rugoso e compacto. Por isso, é que não tardou muito que eu entrasse noutra luta desigual. Repentinos, desceram sobre o corpo do rapaz. Ele, coitado, num ronco longo e penoso, teve de ficar, numa primeira investida, com os olhos esburacados e o nariz rendilhado. Putas de merda, balbuciei. Lembrei-me ainda de pegar da G-3 e fazer ali um estardalhaço. Mas ainda

bem que me veio à mente que poderia isso ser mais complicado para mim. Pior para mim. Travei a arma e, então à coronhada e ao pontapé, consegui, com a ajuda do rafeiro, que se embrulhava em cambalhotas com eles, atirar para o céu, bem acima das árvores, aquele bando. Júlio Perdiz estava a ficar com um aspecto verdadeiramente deplorável, mas julgo que ainda lhe ouvi, entre o espadeirar fundo de asas, um suspiro lento e profundo.

Meti, outra vez, o fardo aos ombros. Não avancei muitos metros. Sempre por dentro do capim, embora perseguindo a estrada encaçada de abatizes e salpicada de invólucros das milhentas emboscadas a caminho daquele santuário. O cão seguia-me ou, contornando-me, corria à minha frente. Murmurava-lhe coisas sem nexos, quando uma voz de mulher vibrou uma chicotada de terror. Chamava o cão pelo seu nome. Ou pensei que chamava. Mas era certamente o que fazia. É evidente que estremei. Os pés curvaram-se, quase deixando cair o outro. Pousei-o com jeito. Deveria estar metido noutro buraco. Andava por ali gente. Mau ou bom sinal? Pensei que fosse bom. Mim ajuda branco — ouvira eu — mim vai ajuda branco. Deparei, então, com um vulto grácil de rapariga e esguio. Mas agora me lembro que, para descarregar o corpo do Perdiz, tive de me acocorar. Nessa posição, certamente ridícula, como que querendo esconder-me por entre as ervas rasteiras e os pequenos arbustos ou enfiar-me pela terra dentro, perguntei-lhe como era capaz de ajudar e em quê. A rapariga respondia que me levava à tropa, que a Mansabá, que sabia onde. Mim sabe, insistia. Arrastámos o corpo do meu camarada para um tufo de palmeiras novas, o qual foi coberto com farrapos de esteira de palmeira que se achavam no local. Mas não sendo estreitos, acabaram por chegar para mim também. Ela insistia comigo para que não saísse dali, que andava pessoal do mato em alvoroço. Ia à tabanca buscar água, mangas. Demorou ainda as pupilas acesas e vivas e espantadas no rosto do soldado. Ou era no meu que reparava? Levantou-se, de

rompante, e de tal modo que o seu corpo me pareceu ainda mais esguio e esbelto. Eu pedi-lhe que fosse depressa, que não me enganasse e ela respondeu-me que ia no *goss-goss*.

Ansaro?

Se era a rapariga que eu julgava ser, a Ansaro, dos primeiros dias da Mansabá, onde ia, como tantas outras (“bo mist lavadeira nosso furriele?”) pela roupa, pelo rancho, pelo namorisco, deixando-se por vezes afagar muito nos bicos dos seios muito direitos, menos mal. Os soldados eram assim, tinham sempre os olhos nas mãos! Se era Ansaro, era a minha lavadeira. Melhor dizendo: foi minha lavadeira, naquele seu fadário estreito, até que, um dia, que não ia longe, a guerra batera-lhe à porta da tabanca e teve de partir com os seus lá mais para dentro e cada vez mais longe de nós, levando na sua fuga as malas de madeira, os pilões e os cestos, os balaios e os potes, algum arado e outros utensílios domésticos, numa procissão silenciosa e clandestina de pobreza. Com isso, eu voava nos pensamentos que uma brisa, amável de tão leveira, parecia trazer e levar, insensível ao tiroteio, que fazia troar os ares para os lados de Bigine, com os Fiats e os T6 em acrobacias fantásticas. Eu é que a havia esquecido nas linhas essenciais. Oxalá fosse Ansaro ou o diabo por ela, já tanto importava. Importante era salvar a pele, chegar ao diabo do quartel.

Não, não era Ansaro. Talvez fosse mesmo e só Mariama. Também eram tão parecidas. Mas se fosse realmente a Mariama que, um dia, a companhia havia recolhido perto de Lala Samba, tremendo e de olhos suplicantes e quentes, ternos e medrosos, depois de um assalto que não correu de feição à tropa, estaria menos mal. Isto é: estaria mesmo ótimo. Assim, supunha eu, porque bem podia ter acontecido ter fortalecido a fé na revolução, em Amílcar Cabral, no futuro de um chão livre.

E se ela, em vez de mangas, fosse chamar os camaradas?

Mariama fora uma adorável noiva de guerra, embora esquivada e envergonhada, o que a fazia, depois, mais generosa. Ou parecia. À falta de João Embaló que, depois de apertados interrogatórios, de faca de mato em cima da mesa da messe e onde o capitão exibia toda a sua truculência e cinismo para uma duvidosa operacionalidade, capitão que, mais tarde, lhe havia de comprar uma bicicleta, voltava assim a andar no mato to-pando de guia, mas não vendendo a alma, como se havia de comprovar mais tarde, também Mariama serviu, pelo menos uma vez, de guia, mas quem não ficou satisfeito foi o capitão, porque efectivamente ela não nos levou a acampamento nenhum, apenas a meia dúzia de casamatas há muito abandonadas. O sangue contava muito.

Não era uma criatura perfeitíssima, todavia, tinha um não sei quê no olhar espantadiço e rutilante que era muito natural que se gostasse dela, como, aliás, eu gostei. Pode dizer-se que era bonita. Na verdade, nunca tinha sentido tanto gosto em possuir uma mulher como aquela que me fora noiva durante três atribulados dias. E depois, mais algumas semanas.

Naquele momento, tinha tudo aquilo um sabor a vitória do branco sobre o negro, do soldado sobre a guerrilha, pensava eu. Sobretudo, tudo aquilo tinha, pelo menos, uma paz aparente entre dois que, ainda não havia muitos dias, se batiam cada um com sua bandeira, sua mística e seu furor. Cada um com a sua medida de ódio ou indiferença. E eu gostava daquela paz entre os dois, embora hoje concorde que ela não teria o mesmo entendimento que eu. Ainda quando havia o jogo violento de corpos e coxas suadas. Talvez por medo de outro embate, a negar aquela troca de bocas e seiva.

Eis um noivado que se fizera, por ordem do tenente coronel Loureiro, para uma nomadização na zona de Lala Samba, durante três dias e à base de dois grupos de combate. Um noivado que se fizera, que porra, para que a guerra, ao outro dia, pudesse ser mais feroz. Com ombros desfeitos e um braço gritando do cimo de uma palmeira e um ventre aliviando-se à força, espapaçado no capim ondulante. Isso revoltava-me. No fundo, ambos queríamos que guerra nunca mais.

Mariama era assim a minha noiva de guerra sem que eu tivesse dado ao pai cinco nozes de cola branca para firmar o contrato. É claro que o pai, feito com os guerrilheiros, dava-me era uma pouca. Honrado o pai porque não traía um milímetro os seus camaradas.

Cinco nozes de cola branca. Como aquilo doía e era brutal. Como aleijava e tudo era disparatado e injusto, cheirando a embuste.

A verdade é que a guerra era a sério e, pela nossa parte, era necessário esconjurá-la. Com mil figas ou mil padre-nossos bravos, como dizia minha mãe, quando a oração já não tocava a franja da túnica dos anjos *Vae victis*. Ai dos vencidos, queria eu dizer e eu não queria ser vencido ali no mato.

Eu tinha dezoito meses de guerra e já não era, com efeito, um real maçarico. Um soldado de quatro meses não era exactamente o mesmo que ia nos dezoito ou nos vinte. Estes começavam a tratar o IN por tu, as armas como companheiras dilectas, embora pudessem dizer muitas vezes, “ai que porra esta ainda me tocou a mim, seus cretinos”. Ou: “Vá, respeitem a velhice e viva a peluda” (a peluda era, na verdade, pelo que mais ansiava um bom lapuz). Sorriam nas emboscadas. Menos nas que o Nino montava. Aí fiava mais fino. Negavam-se aos capacetes, deitavam-se a eles, quando podiam, é claro, como cavalos açodados, relinchando fogo feroz e mortal e “deixem que ainda levam mais para o tabaco”. Às vezes, era o contrário. Era a guerra. Ou apenas encostados aos troncos das árvores ou à lembrança da noiva ou namorada, confiavam na experiência e provas dadas e mais do que ninguém tinham histórias para contar, se contassem. É que até ao último momento havia sempre a hipótese da vindima de sangue.

O comandante de batalhão dissera-me: “enquanto a operação durar e vai durar mais dois ou três dias, não vais largar a rapariga, que não pode dar à língua, percebes? Uma palavra e tudo pode deitar a perder. Se tal acontecer, tu serás responsabilizado! E, no fundo, não estou a dar-te nenhum desgosto. Percebes?”

Perceber, percebia, só não sabia como segurar a rapariga, retê-la

dentro do arame farpado.

Eu ficava com o meu grupo de combate para defesa do aquartelamento. Além disso, ainda não estava refeito do trabalho de andar com o Bigas às costas, rapaz tarraco, que havia ganhado uma insolação, mas que, aos ombros, pesava que só visto.

Na manhã do primeiro dia em que ficou comigo, levantou-se com a roupa enxovalhada da noite. Eu, por minha vez, estava de farda enfiada e notei que cheirava um pouco a suor. Disse-lhe que se deixasse estar, enquanto ia tomar banho, se água houvesse. O poço do quartel havia secado há muito e a última gota que subiu foi para lavar o bom do soldado Crespo, dos lados de Mortágua, que quilara com um tiro no peito. Na altura, já a água se ia buscar em bidões ao poço que de negros ficava junto ao riacho e de quem muito se receava um possível envenenamento. Crespo, em troca de tanto atavio, deixou para alguns mais galifões, no bolso do dólman novo, um punhado de preservativos.

Querendo refrescar, avancei assim para o bidão pendurado de duas traves de bissilão e trauteei uma canção vaga mas alegre. Depois, regressi à tenda de pássaro ao ombro. Era o lindo John, de quem eu não me afastava nunca. Então vi que a rapariga tinha tirado a saia e a blusa, colocando ambas as peças em cima da cama. Com ambas as mãos, esticando aqui, compondo acolá, amaciando e afagando, tentava dar uma jeito à roupa. Eu disse-lhe que aquilo que fazia não era importante. Importante era a maciez da sua pele, o fulgor dos seus ombros, o lume dos seus olhos, talvez o calor do ventre. Era efectivamente macia e quente a sua pele.

Quando fomos à messe pelo pequeno-almoço, havia de surdir de uma janela da escola-quartel a imponente figura da mulher do meu capitão, que me olhou com um aceno muito grave. A Helena Abranches Torráo. Depois, perguntou-me se eu não tinha vergonha de dormir com uma negra daquelas. E sabia-se lá o que era ela no movimento de Amílcar Cabral. Só de quem perdera o tino. Nem sabia se tal era permitido pelo RDM. Helena era também um pouco apegada aos compêndios mili-

tares. Respondi-lhe que estava a cumprir ordens e afirmei-lhe que dormir com uma negra ou uma branca não faria muita diferença. Pensava eu. A mulher do meu capitão continuou com ameaças veladas, incluindo a de que, se estivesse lá o marido, ela já estaria na tábua. Onde é que já se vira tal descoco? A tábua era um dos castigos infligidos aos prisioneiros em Mansabá. Continha buracos onde eles enfiavam a perna ou as pernas.

Entretanto eu rematava, com uma certa agressividade, só possível por cobertura do tenete coronel Loureiro, que em tudo quanto era negro ela via terrorista, guerrilheiro, sabia lá o quê. Até nos cães vadios. E desandávamos para a messe, onde o cozinheiro se riu à brava por causa da rapariga que se chamava Mariama. Enquanto a bonita Helena me desafiava, ostensivamente insinuante no seu olhar ávido de fantasias. Nisso reparei eu e, dessa vez, fiquei a mordê-la por dentro.

Mariama era o que se pode dizer uma bonita rapariga. Com suas ancas bamboaleando como canoas. Seus seios empurrando a blusa em jeito de cone aveludado. Seus olhos penetrantes e fundos. Mas era também uma boa partisan, uma hábil guerrilheira, uma invejável mulher negra. Sabia manejar as armas, marcar passo, fazer pontaria, matar, se fosse necessário. Ela chegou a dizer-me que era necessário matar. Quando dizia isso, eu lia-lhe a verdade nos olhos fundos.

A minha secção apanhou-a entre dois fogos. Pouco depois, parávamos. O pequeno Margaça queixava-se do rasgo de um estilhaço que lhe anavalhara, a sério, a coxa e que ele havia já ligado com uma tira de camuflado, que arrancara ao dólman surrado com a ponta da faca. O enfermeiro estava junto do alferes Costa.

— Está a doer muito? — Interrogou Júlio Perdiz.

— Não tanto como os gajos queriam que doesse.

Mariama estava sentada com a rabadilha bem assente nos pés.

— Isso é de homem — ripostava Júlio Perdiz.

— E, então Margaça não é um homem? — Caçoava Bigas, enquanto

franzia a testa ou apontava a rapariga.

— Dói mesmo, Margaça? — interroguei eu.

— Na vossa pele não dói nada.

— Aguenta, que é serviço — outra vez, Perdiz.

— Que merda de serviço!

— Sabes o que faz mesmo bem, à falta de enfermeiro?

— O quê?

— Mijo virgem, mijo virgem.

— Vê se a rapariga... — outro.

A rapariga era envolta em receio. Quando erguia o olhar, notava-se uma certa agitação e raiva.

O sol alteava o peito bem emplumado em flechas que, ardendo, tombavam no dorso, raspando e ferindo.

Bigas, Margaça e Perdiz deram uns passos, cada um para seu lado. Com a natural intenção de descortinarem qualquer movimento suspeito, e suspeito era tudo, também aquela rapariga, enquanto lá, ao longe, começava a desenhar-se cada vez mais nítido o barulho de um Fiat ou T6.

A minha secção esperava o reagrupamento das restantes secções do pelotão. De quando em vez, um tiro rasgando o silêncio ou o chiar de uma cobra acalorada. A rapariga que ficou ao pé de mim, sentia, olhava-me de viés. Via que me odiava naquele momento. Ou parecia. Porém, eu tentava acalmá-la com variadas palavras. Os soldados é que não se continham.

— Que rico par! — Bigas

— Ali já não há cabaço — sondava, alumando um sorriso torvo, o malandro do meu patrício.

— Perguntem-lhe — insinuava Margaça.

— A quem?

— Ora a quem! À rapariga, claro!

— E se ela tiver o cabaço.

— Tira-se. Onde é que está o problema.

— E o nosso furriel deixa? Deixa, nosso furriel?

— O cabaço é da rapariga, não é do furriel!

— Isso é fácil saber-se.

— Como?

— Leva-se a rapariga ali para a palhota. Vocês ficam aqui a guardar e eu vou lá — avançava o Perdiz.

Disse-lhes que na rapariga ninguém tocava. Ninguém. Ela soluçava de medo. Margaça entretanto, lançava:

— A gaja era capaz de mos pôr com os guerrilheiros e isso doía-me imenso. É melhor não tentar.

Margaça era um tudo nada mal feito, mas voluntarioso, de poucas palavras. Tipicamente alentejano. De boa fibra que, de boa febra dizia que era a prima, o qual cantava sempre nas horas vagas, quando as havia, canções dolentes e arrastadas da campina.

A rapariga havia de estar a varejar de medo. Ou a orar a Alá que afastasse aquela guerra, que daquela terra afastasse os brancos, que afastasse aquele sangue a jorrar quente e às golfadas impressionantes, como uma maldição do chão vermelho do Oio.

De repente, vi passar, todos viram e se interrogaram, lá ao fundo da mata, alguns negros. Os nervos explodiam. Os nervos dorsais escorreram suores e tremores. Pois, também tremores. Os olhos dos negros coruscavam entre o capim como olhos de cães em noite escura. Cães que eram homens afinal. Como nós. A todos apeteceu fazer pontaria. Certeira. Júlio Perdiz e Bigas levaram a arma à cara, mas, num instante, como que electrizados, tiveram uma ideia acertada. Baixaram as G-3. Os guerrilheiros voltaram costas. E não era isso o que todos nós queríamos? Pelo menos, a rapariga. A rapariga pediu que não matássemos mais negros, mas quando, surgiram de novo os guerrilheiros, metemos a arma à cara. Os negros, espavoridos, vasculharam também em volta. Ainda que vagamente. Havia-nos denunciado qualquer ruído metálico dos cantis, apesar das nuvens de pássaros que faziam sua zanguizarra por cima de nós? De vez em quando, entretanto, o choro abafado da rapariga trazia ao de cima do capim um soluço mais fundo e pedia no mata mais negro, não.

Não disparámos mais nessa manhã.

Entretanto, não sei o que se passava na cabeça de Mariama. Sei é que desde esse momento em que não puxámos do gatilho, e os negros tiveram sorte e ela também em não estar ali o capitão C. Matias — esboçou um sorriso medroso, mas tinha já outra cara. Nunca lho perguntei, mas é natural que fosse naquele exacto momento que se selou, no mínimo, um pacto de simpatia mútua que ganhou novos contornos, quando o John, que pousava no meu ombro ou na arma, a meu chamamento, começou a esvoaçar-lhe no cabelo, a catar-lhe as tranças em bandós trabalhadas. Enquanto eu lhe ia dispensando atenção e uma certa ternura, a ternura que ela merecia, de facto.

bibRIA

bibRIA

COMECEI a sentir-me mal debaixo da esteira. Esbarrondava-me em suor e medos outra vez. Mas a verdade é que um soldado, quanto mais de pé, melhor. E eu era um soldado, com mil raios. Talvez a rapariga tivesse ido pelos partisans e nunca pelas mangas e pela água. O sangue ainda contava muito e o chão muito mais, ora se contava.

Nessa altura, passou-me pela cabeça o dia em que, na estação, subi o estribo do comboio a caminho das Caldas. Muito povo laborava já e o céu tinha a cor de um dia criador. Daí em diante, fora conhecer outro e outros. Durante a viagem saboreámos os rojões frescos que o Faim serviu, bem adubados com um vinho tinto da terra. Dizia que da encosta. Faim era um espírito bem caçado, brincalhão, um pouca-roupa, porém, não julguem que se deixava calcar alguma vez. Um dia, o capitão mandou-o ir à arrecadação pelas estrias do morteiro, pois que faltavam, argumentava o oficial. Ir, foi. De regresso, e dando pelo engano, não deixou de disparar: "meu capitão, quer um das Caldas?" Claro, o oficial não quis, e desenhou um sorriso amarelo na parada, amargo e seco. Faim, esse, claro, ganhou dois dias de detenção na casa da rata.

Ali, amarrado à selva, também eu disse baixinho, que as moscas podiam ouvir: meu general, quer um das Caldas? Ou foi ao meu capitão

que perguntei? Mas confesso que nem sei por que disse aquilo. Generais não havia na frente leste, podia ser que, no entanto, para sul, no entanto, para norte, talvez mesmo só em Bissau. Como eram invisíveis os generais.

O sol não se compadecia, trepava, felino e arrogante, no horizonte. De Mariama ou Ansaro, nem rasto. Ao diabo, então, com elas. Não havia que esperar mais. *Alea jacta est*. Queria eu dizer que a sorte estava lançada. Havia que abalar, antes que ela chegasse com partisans. E, ainda que não quisesse, voltava sempre à véspera. A memória era uma cicatriz de fogo nos meus olhos.

— Estás um soldado feito! — disse a Júlio Perdiz, que verificava os carregadores, se vazios, se cheios, enquanto outros arrumavam as marmitas.

— Estou feito num oito, estou — foi o que Perdiz respondeu.

— Avia-te em terra, que a mata.

— Quem tem o destino de morrer cedo.

— Ninguém traz estampada na cara a foice da morte.

— Mas, às vezes, as pessoas parece que adivinham que vão morrer.

— À força de pensarem, acreditam no que pensam.

— Pensam e acontece.

— O medo é já meia morte.

— A mangar que o digas, morre muito soldado atropelado em Bissau.

— E na metrópole.

— Mas não morrem na guerra.

— Mas morrem estupidamente. Que diferença faz? Morrem.

— Estupidamente como nós, às vezes.

— No inferno que nós andamos, nosso, — atirou para a liça um soldado machacaz, que acabava de enfiar a arma em bandoleira e se dirigia à porta. Lá ao fundo, um soldado cantava "Oh Laurinda, oh Laurinda" e outro assobiava "Oh rama, oh que linda rama".

— Não se pode ficar à espera que a sorte venha bater-nos à porta com um ramo de flores e dizer: aqui me tens, Júlio.

- Como?
- Não ficando de braços cruzados.
- De braços cruzados nesta merda?
- Do outro lado, todos sabem que as armas não servem para assentar o traseiro. É isso que nós temos que saber, porque estamos no inferno.
- Estás para aí a armar em herói.
- Nem penses.
- A morte dá cá uma atrapalhação, não dá?
- Julgo que sim. Mas o que é necessário é fazer manguitos à morte.
- Manguitos, e dos grandes.
- Todos os dias.
- Todos os minutos, direi eu. Devíamos era fazer manguitos também à guerra.
- Concordo. Mas continuo a dizer-te que os gajos sabem que as armas não servem exactamente para sentar o olho nelas.
- Vou tentar não sentar.
- A não ser que andes com cieiro.
- Cieiro, a tua prima.
- Vá, tens tudo em ordem?
- Penso que tenho.
- Onde tens as granadas?
- Ai que me esquecia.
- Faz favor.
- O melhor é não levar.
- Ao menos duas. Leva duas. Duas, não, quatro.
- Se tiver de ser. E, logo amanhã, que tinha umas rolas de churrasco. O capitão, que é bom tipo e melhor garfo, ia gabar-me o pitéu e emborcar uns tintos valentes.
- Quando chegarmos.
- Olhe que este dedo mindinho não está a adivinhar coisa boa.
- Não sejas doido.
- Eu, doido? Doidos são vocês, que até parece que amam a guerra.

— Estás enganado. Amar a guerra!

— Logo, amanhã.

— Vai dizer ao capitão. Pode ser que.

— Eu não me importava.

— O que é preciso é tê-los no sítio.

— Mas eu tenho. Duvidas? Queres que abra a braguilha?

— Se isso te dá gozo!

— Se isto continuar assim, qualquer dia despacho o do gatilho.

— Vê se o tiro faz ricochete e, em vez do dedo, vão os queixos.

— Também para o caso servia.

— Irra, estás cá de um maneira.

Desandei até ao fundo da caserna, enquanto Júlio Perdiz deitou a arma nos joelhos, libertou o cão, extorquiu o carregador com a mão direita e verificou que estava cheio. Disse ainda que queria ver as balas a bailar nos cornos dos que o tentassem liquidar. Antes eles. Depois, mirou e remirou tanto o cano que alguém disse:

— Vê lá se ainda tem as estrias todas.

— Estou-me cagando para o que dizes. Estrias tens tu no cu — ripostou, azedo, Perdiz.

— Como sabes? — rematou o outro.

Com o carregador nas mãos, premiu o fundo e as balas soltaram-se. Beijou-as, uma a uma. Depois, perfilou-se com a tarimba, enfiou a arma a tiracolo, fez menção de sair. Porém, volvidos escassos minutos, desocupava o vão da porta, onde já tombavam algumas sombras, e foi dependurá-la definitivamente dos ferros da tarimba, onde se esparramou.

John, que andava esvoaçando e pousando em tudo quanto era caserna, insinuou uma fuga precipitada e ia embatendo com o voo na padieira da porta. Gritei-lhe: John, very nice, John, yes, John, mas já o pássaro aterrava no meu ombro. Quando fazia isso, sentia-me mais livre e leve. Servi-lhe umas migalhas de casqueiro na palma da mão estendida. Depois, a mão fechou-se sobre ele em carícias. Com medo que desertasse da minha esperança.

ESTAVA eu com esta conversa, sentado na solidão, que mais parecia de meio louco, quando a rapariga surgiu por entre o capim, trazendo no cabaço de ir ao poço não só duas ou três mangas, como bananas e uma corda para que, assim, ninguém suspeitasse de nada. Lembrando-se da corda, trazia a ideia de uma padiola. Por acaso, eu já havia cortado, sem grande ruído, duas varas que acabei por esgarçar de dois bons arbustos com o auxílio da faca de mato.

Não, Mariama não mentira. Por isso, ainda hoje, à distância de tudo o que aconteceu naquele dia de anavalhar os nervos e espatifar a alma contra um mundo de destroços, estou convicto que ela gostava mesmo de mim. Basta lembrar a dança do ventre, de pé ou deitada sobre a esteira, onde em palhota apartada das outras me esperava por vezes ao cair manso da tarde aureolada de tons e sons. Por mim posso dizer que correspondia ao seu desejo, ao seu sonho, e uma prova de paixão lhe dei. Deixei tatuar num dos braços, o esquerdo, o seu corpo bem opulento de formas e terno de sensualidade. O cabo Manguelas era um especialista nesta arte, melhor do que a disparar com a Breda.⁽¹⁾

— Tive receio que não viesses — abri a conversa.

— Eu vinha mesmo — disse e estendeu-me o cabaço — naquela lura

que, segundo me contou, era cama de namorados pelas tardes de mornidão em tudo ou com estrelas espicaçando a fantasia dos sentidos.

Voltei-me um pouco para o Perdiz e disse-lhe que tinha de aproveitar o coração da bajuda.

— Coitado! — avançara a rapariga.

— Como te chamas mesmo? — indaguei.

— Bó já não lembra minha cara?

— Não!

— Ia ao quartel.

— Muitas raparigas lindas como tu vão ao quartel.

— Bó lembra Sare Sofi, Lala Samba?

— Não me digas que és mesmo Mariama?

— Mariama mesmo.

Abracei-a com ternura. Pela minha parte, queria fugir dos fantasmas que me atafegavam o pescoço, queria verdadeiramente esmagá-los com uma das suas ternuras e entre a minha boca e a sua.

— Branco tem cabeça quente.

— Por causa de ti. — E acrescentei, corrigindo: — e por causa do estupor da guerra.

— Branco tem maldade na cabeça.

— Não.

— Branco não mente.

— Então, está bem, eu não minto.

Desenlaçámo-nos.

— Nós vamos levá-lo, custe o que custar — adiantei eu.

Íamos levá-lo. Mas quantos ficavam pelo mato, desaparecidos para sempre? Aí ficavam os ossos, a caveira a rir-se de frio ou de nojo do mundo. Perdeu-se, ficou no mato ou na bolanha, à mercê de algum jacaré, como acontecera para o sul com o furriel Nunes, não era o primeiro, que se...

(Também acontecia o contrário, infelizmente, poucas vezes: dar-se um soldado como morto em combate, pelo que o despachavam, aos pe-

daços, pelo navio mais próximo para ser enterrado, depois de saudado pela descarga das armas, a merda da praxe. Porém, alguns meses depois, já a companhia tinha regressado, surgia na aldeia, numa manhã confusa, o verdadeiro soldado, de lágrima contente e pé alceiro, contando uma longa história, num encadeado de peripécias que, essas, sim, davam um belo romance).

— Mim ajuda mesmo.

Peguei do dólman do meu patrício, já bastante surrado e ambos o enfiámos nas duas varas, abotoando-o da parte de baixo. Depois, deitámo-lo com desnecessário jeito, como uma criança em seu sono profundo de pedra, e ainda aproveitámos a padiola para carregar todo o material bélico, com especial relevo para a arma e as cartucheiras, que fiz questão de ir desenterrar lá atrás. Então, já calmo, verifiquei, com sereno alívio, como, sem Mariama, seria difícil regressar com ele.

A rapariga à frente, porque só ela sabia os caminhos a perseguir, os melhores desvios, eu atrás, ambos pegávamos, resolutos e de cabeça atirada para a frente, naquele esquife. O sol batia nas covas dos olhos. Os raios voltando ao espaço, pareciam ensanguentar os arbustos, o azul do céu e eu assustava-me, ao passo que os pássaros, depois de feito o ensaio geral pela manhã, se davam ao luxo de uma sesta bem antecipada. Porém, mal tínhamos andado para aí cinco tiros de funda, (como eram inocentes as minhas fundas de atirar aos pássaros que me roubavam as cerejas da infância ou amadureciam no bico os figos de pingo-mel!), vi, com susto, que Mariama soçobrava do esforço. À uma, descemos a padiola. Aproveitei aí para compor o cabelo do Júlio Perdiz. A rapariga, entretanto, fazia-me sinal para que eu me sentasse. Com um aceno de cabeça, disse que sim. Puxou-me pelo braço. Brincando, tacteou-me os poros com uma adaga de fogo branco, avassalando a alma, os nervos. Era aquele queixinho a tremer, aquela voz a enterrar-se na carne, a enroscar-se no umbigo como um bichinho do céu.

— És a mais linda rapariga negra do mundo, — atirei eu, muito confuso de sentimentos.

Quis saber a razão. Disse-lha:

— Porque estás comigo, aqui comigo, Mariama.

— Negra cá fia.

— Podes confiar. És realmente uma linda rapariga.

— Mim cá fia branco.

— Estás enganada. Confia. És bela como um anjo.

Lembrados de que estávamos ali à mercê de tanta coisa, natureza, homens (que até eram da sua cor e do seu chão), armas, bichos, acordámos da teia de um sonho. Caído em mim, olhei para o Perdiz. Depois, para a rapariga. Surripei algumas folhas de arbustos e umas florzitas e vesti-lhe os olhos com elas. Azuis ou verdes. Talvez roxas. Mas, apesar disso, ainda estava feio o rapaz. Horrível. De um sacão brusco, larguei a mão de Mariama. Como seria mau se aparecesse por ali um partisan, muitos partisans. Seria o fim. Pensei, mas não disse nada à rapariga para que ela não suspeitasse sequer que eu ali era um débil soldado. Havia que fazer das fraquezas forças e eu não tinha a certeza de estar a acontecer isso comigo.

Mariama arrancou aos olhos do Perdiz as folhas dos arbustos. Pegou do quico do soldado e resolveu tapá-los de outro jeito. De quico, já parecia melhor. Eu pensava isso e dizia-lho. Tinha outra cara, mas escondia o que, à viva força, nos queria mostrar. Deu-me o lenço da cabeça, vermelho. Dobrei-o em dois, ponta com ponta, e amarrei-o com um nó por cima do quico. A parte mais limpa voltada para os olhos habitados por dois enormes abismos.

Recomeçámos a jornada. Por falta de força, Mariama balanceava muito a padiola, porém, dava o melhor de si e tinha uma vantagem: suportava melhor o calor tórrido, agulhando como lâminas, além do meio-dia. Envelhecido de séculos, eu caminhava, dorso todo escorrido, de cabeça rachada em duas metades. Os pensamentos eram enovelados como velhas lianas, onde, por vezes, tropeçámos. Eu caminhava aos tropeções. Mariama bem o sentia. De quando em vez, as varas marravam nas árvores, prendiam-se nos arbustos. Então, os pulos estremeciam e abriam do

esforço, ao longo de todo o percurso difícil e enleado. Eu temia que fosse fazer bolhas nas mãos. As mãos já doíam.

— Vamos, Mariama?

— Vamos.

Era já talvez meio da tarde e o sol dardejava feroz, quando parámos para um rápido descanso. Não, talvez fosse muito mais cedo, porque o sol agulhava deveras. Sentados de costas dadas ao tronco de um grande bissilão e eu de pé na solidão incomensurável, beberricámos do cantil. Mariama estendeu as pernas e encostou-se bem a mim. Aí brincou com os meu cabelos, com as minhas mãos. Enlaçou-me com as suas pela cintura. Mordeu-me o lóbulo da orelha direita. Não, foi o da esquerda. Com uma doçura de alfinetes que me corriam a espinha, vibrantes e subtis. Por mim, não tinha outro remédio senão deixar-me guiar por ela nas suas carícias mais foitas ou na provocação mais ingénua, — coisas que, naquele momento, eram quase inexplicáveis. Eu estava, na verdade, totalmente dependente da ternura daquela rapariga que estava a ser maravilhosa. Ou tudo aquilo não passaria de uma armadilha? Mariama era do sangue dos que andavam a combater pelo chão da Guiné.

O tiroteio, lá para as bandas de Bigine, espicaçava mais uma vez o mormaço doentio da tarde.

— Estão piores do que eu.

— Por quê?

— Porque estão morrendo e não tem a rapariga que eu tenho, a mais bela rapariga da Guiné, desde Bafatá onde há lindas bajudas, até ao extremo sul, se ainda as houver.

Mariama tinha um corpo desenhado a escopro, belo, de ícone.

(1) — Então estava eu longe de pensar que estes riscos desenhando uma rapariga, por acaso bela, me haviam de custar algumas arrelias, passados alguns anos. Minha mulher, nessa altura apenas namorada, é que nunca me perdoou esse gesto, essa fantasia. Ao princípio, chegou a fazer cenas de ciúme, perguntando-me como era e deixava de ser Mariama. Não sei se até algum dia lhe disse, simplesmente para a chatear, que era bonita, de boca muito carnuda, sensual, mas era mesmo. No fundo, sentia-se traída. Vá lá, hoje nem tanto!

bibRIA

OUTRO passo doloroso daquela *via crucis*, brutal e sacrílega, sem redenção à vista, como não houvesse nada em volta e o rapaz fosse apenas bandeira de derrota a mexer por dentro de mim e a tremular nos ramos das palmeiras que vergavam ao peso daquela hora, havia de tolher o nosso passo. Era a bolanha de Lala Samba, que havia engrossado com as chuvas, conquistando assim mais terreno para o pântano. As chuvas haviam tombado há meia dúzia de dias de um céu que vestira serguilha negra, estoirada por coriscos que pareciam hienas caindo sobre a terra, de cambulhada, fazendo fugir, não se sabe para onde, o negro, enquanto o vento inchava o fole de ferreiro zangado com a vida e a calma estonteante das manhãs.

Mariama puxara o caminho para leste, pelo que nos afastámos bastante, embora na convicção de que seria mais seguro, entendi-o mais tarde, e, agora, estávamos ali, de padiola em terra abeberada, mão afundada no queixo ou limpando o rosto, como esculcas de uma perigosa fronteira. Disparatando, recriminei a rapariga:

- Estás a meter-me nalgum buraco.
- Não, branco. Branco cá fia?
- Olha que eu mato-te, se... Ficas aí com o Perdiz, a sangrar como...

Mas, de imediato, me apercebi que já não era eu e larguei, de seguida, um sorriso despidiendo que aliviou a lâmina entre os dois.

— Branco cá fia? — repetiu.

— Desculpa, eu confio. Por que não havia mesmo de confiar?

Não podíamos tornar atrás. Contornar o pântano, podíamos, simplesmente, íamos perder para aí uma hora bem puxada, que a bolanha medrara com as chuvas. Havia que zarpar dali, que se fazia tarde. Por outro lado, porque Mariama, afinal, conhecia os ínvios caminhos e, se fosse necessário afundir-nos no mato, não havia dificuldades. Antes de metermos nas mãos a padiola, resolvemos meter no estômago, a arder, um cibo de casqueiro que eu perfumei com ladrilhos de marmelada.

Os insectos, àquela hora, estendiam pela mata a sua zanguizarra solene e impetuosa como um rio de vozes frescas rebentadas do chão. Mais longe, alguns macacos pincharolavam de festa, numa grulharia irritante e sádica, pois parecia que estavam a trocar de mim e do Perdiz. Com gestos obscenos. Pelo alto, sarabandeavam muitos pássaros. Tantos que era difícil chamá-los pelo nome. Mesmo assim, reconheci, com a ajuda da rapariga, o barbilhão amarelo, o pássaro martelo, o jabiru, a pomba verde, o beija-flor, mas sem prestar grande atenção à ronda do colorido, às palavras que cada espécie ia debitando, eufórica de liberdade, sacudindo as asas num exemplar concerto de audácia e contentamento. Só eu jazia amarrado a um morto-vivo e à mata.

— Vamos?

— Vamos!

O cão ladrava rijo, não sei a quê.

De um empuxão metemos o esquite aos ombros, ajuizando ainda as armas da melhor maneira. Não era, todavia, cómodo levá-las em bando-leira e decidi pô-las ao lado do Júlio Prdiz, mas, numa chispa de luz, concluí que, se fosse necessário puxar do gatilho, seria bastante embaraçoso naquela situação. Por outro lado, não podíamos deitá-lo a boiar na padiola. Depressa, seria engolido de borco. Ficaria vestido de capim podre e ciscos e de quanta porcaria apodrecia na água mal cheirosa do pântano.

sup A rapariga foi a primeira a meter os pés na bolanha rota. Em dois ou três minutos, desapareceram-lhe os pés, depois, a perna gorda e de tal modo que repuxou com uma das mãos a saia azul para baixo, mas, debalde, porque continuava a sumir-se: eram as coxas, era a cintura. Estava realmente alagada e perigosa a bolanha. Eu soçobrava também, maldizendo aquela hora e aquele dia, mas bendizendo, mesmo assim, os céus que me bafejaram com a aparição daquela criatura simpática, jogando a vida entre o branco e os seus irmãos de sangue. Vendo que a saia de Mariama era vela pequena sobre a água pastosa, fisgava-lhe o olhar, para tentar mais esquecer que poderia surgir por ali algum maldito crocodilo do que por concupiscência ou devaneio pecaminoso. Já não era o primeiro soldado que desaparecia na travessia das bolanhas, acometido por esses bichos nefandos, repelentes e sagazes, cuja dentuça era uma tenaz a ranger de encontro aos ossos, abocanhando um homem num credo, como uma saborosa posta de carne para desfastio das refeições habituais.

Mas que raio, não havia que colocar as coisas daquela maneira. Eu já havia atravessado, e Júlio Perdiz também, perto de Encheia, um pântano enorme, na largura e muito mais no comprimento, vislumbrando erguer-se das suas margens uma mata densa e compacta. Aí tivemos de arremessar para os ombros, à laia de porrete, as espingardas para que, apesar de tudo, estivessem em condições de berregar se houvesse lugar a tal. Por acaso ou porque Deus velava ainda lá dos céus, nada aconteceu, conquanto ficássemos todos borrados, dos pés até à cintura ou mais, alguns até ao pescoço esticado como corda, pesando arrobas. Alguns, os mais pequenos, quando o vau era mais fundo, tiveram de montar às cavaleiras dos mais altos e possantes numa precária cena de S. Cristóvão, para que, assim, nenhum naufragasse na lama. Júlio Perdiz revezava-se com outro de igual estaleca. Arribados, porém e ao fim de seguramente duas longas horas, à margem, onde nos esperavam os unimogues, esprememos carra-das de lixo e com as mãos arrancámos quanta imundície se pegara às fardas e não faltou mesmo quem se encostasse às árvores ou deitasse o corpo no chão afagado de ervas rasteiras para que se esfregassem como

cães ou como porcos. Desculpem esta imagem bárbara para soldados que se prezavam de ser, de muita valentia e altanaria, como Júlio Perdiz. E aí nada aconteceu connosco, apesar de um ou outro ter puxado do gatilho para as margens, onde, de repente, ao largo e com outros, estalava um tiroteio com algum fragor. Mas já alguma coisa acontecia na mata, onde um avião T6 era abarbatado pelas metralhadoras do IN, começando a pincharolar com um ronco forte sobre as árvores, como gavião atingido mortalmente na cabeça, para, depois, fazer um tétrico estrondo no terreno.

Como era natural em situações que tais, todos discutiam muito sobre as razões que levaram o capitão Madruga Matos a calcorrear o pântano, totalmente a descoberto, alvos bem definidos, apesar da lonjura, numa enorme fila indiana de pouco mais do que capacetes boiando como uma extemporânea sementeira de cogumelos. Afinal, aquilo não tinha pés nem cabeça, que raio de estratégia. Se era aquilo que aprendiam os oficiais na Academia, era perigosa a Academia. Que se havia passado ao certo? O certo é que, filosofando sobre tácticas certas e erradas, passada uma hora, se tanto, só se lamentava mesmo a queda do bombardeiro, a perda dos tripulantes que ficaram torresmos e outras tropas procuravam e a alma regressava ao corpo húmido e sujo.

Em Encheia foi um martírio de duas horas bem aviadas sob um calor de derreter os ossos dos ombros. Agora, ali, em Lala Samba, com a rapariga enterrada quase até aos seios, íamos já a meio do trajecto e, graças a Deus ou à distracção dos partisanos, o rapaz ainda não rebolara da padiola que oscilava em grandes estremeções, quando os pés iam mais ao fundo buscar o firme, mais um do que outro, quando, inesperadamente e nada o fazia prever, da selva irrompeu um bando de jugudis, num estridente arreganho de asas.

— Estamos perdidos! — gritei e, depois de uma virtualha de silêncio pantanoso: — coitado do Perdiz!

— Não, elas vão em frente.

— Vão comê-lo todo, se não saímos depressa desta merda.

— Eu sabe.

Mariama sabia. Em menos de um ámen, (ia eu no meio de um padre nosso por alma do meu contrerrâneo), primeiro, um grasnando sibilino, depois, outro fechando já as pás enormes e a seguir muitos outros, numa nuvem compacta, que já não deixava ver o corpo do soldado, lançaram-se ao repasto. Eu, por força da posição, quase batia como nariz nos pés do Perdiz e tive um estremeção de pânico, quando um, naturalmente por engano, me pousou no ombro, já que, assim, indo no nosso caminho último, parecíamos um e mesmo morto. A minha cabeça havia momentos em que com o movimento tocava os joelhos dobrados do rapaz. Eu e Mariana sacudíamos muito as mãos por cima do seu corpo, enxotando, mas as feias aves é que não debandavam, antes já lhe alargavam a cratera dos olhos, arrancavam metade de uma orelha, esburgavam a cana do nariz, rompiam as calças à procura do sexo ou serravam os dedos, um a um. Era tão intensa a luta, enxota que enxota, que as mãos do Perdiz, daí a pouco, estavam a baloiçar totalmente fora da padiola.

— Putas de merda. Que terra!

— Ih, nosso furriete!

No meio daquela grulharia infernal, pude ainda adivinhar um gemido longo, um súbito ronco de dor. O rapaz esbarrondou-se em maus cheiros. A padiola, que era um esquife, estremeceu. De repente levantou-se um vento impetuoso sobre as águas, bufando, e foi tão intenso que tivemos de andar de través, sendo forçoso caminharmos um pouco mais para sul. E, assim, por algum tempo. Deveria ter sido essa a hora em que a alma deixou o que restava do invólucro do corpo meio devorado. Pelo menos, eu ainda hoje considero que sim. Foi esse o trágico momento. Pois, que raio queria dizer o vento, que se foi tão depressa como veio?

Fosse ou não fosse, lembro-me que, nessa altura, resmunguei esta prece, mil vezes ouvida da boca dos padres que, junto dos cadáveres e de voz untuosa, tentavam levar aos céus as suas almas: *requiem aeternum dona eis Domine, lux perpetua luceat eis*. Exactamente as mesmas palavras que também os padres capelães usavam para levar à eterna glória os que por acaso se perdiam naquele inferno de sangue, desânimo, pragas e

sofrimento, pois que outro sítio podiam usufruir em paz senão aquele? Pelo menos, era isso que eu pensava. E como, por vezes, era doloroso saber que alguns partiam para a eternidade sem um pé, um braço ou mesmo os testículos!

Um grito chispou-me nos dentes e ouvi um baque surdo na água. Era uma ave que tentara atrelar-se ao meu ombro esquerdo, mas eu, com um murro seco, conseguira atirá-la para o pântano que, entretanto, sossegava. Saquei da G-3 e, com toda a fúria e ódio que iam acesos em mim, abati-a pela cabeça e as pernas já nadavam apartadas, uma de cada lado. O vento assobiou ainda uma ária áspera e breve, mas, com os balanços, o esquife fugiu-nos dos ombros e, depressa, o meu conterrâneo se agachou, desengonçado, no meio daquela porcaria. As aves sinistras não deixavam de rondar, desejosas de concretizarem uma boa merenda de carne de soldado. Mariama, constrangida, chorava baixo. Disse-lhe:

— Já falta pouco. Vamos levá-lo para a margem.

— Eu tem culpa.

— Não tens culpa nenhuma. Talvez eu, os outros...

Como a água começava a ser mais baixa, abandonámos a maca improvisada e o filho de José Caçoilo Elias arremessou para cima o camarada, terçando-o sobre os seus ombros. Então, achou-o mais mal cheiroso, mais pesado do que nunca.

— Traz essa porcaria! — gritei-lhe.

Mariama agarrou naquele esquife, talhado à pressa e na aflição daquela manhã, e arrastou-se, saía a escorrer, também para a margem, onde acabava de arribar o Fanate com algumas penas na boca e eu próprio, que deitei por cima de folhelho o camarada abatido pelos tiros e pelos abutres. Na margem olhámo-nos e também o Perdiz. Se, antes, já metia medo, então era doloroso mirá-lo. Imaginem um homem sem nariz. Em vez dos olhos, dois buracos, o sítio das orelhas, os dedos serrotados, uma lástima — gente feita merda na mira dos abutres. Nem a mãe o reconheceria. Na margem, o cão ladrazava qualquer arreceio. Fora sempre um camaradão, mesmo na luta, dentuça arregaçada até ao couce, um bom e bonito cabo

de guerra. Enriçava-se todo, empinava o dorso e o focinho, regougando. Ora corria atrás de um, obrigando-o a ensaiar um voo zambro e raso, desmiolado, ora contrafilava um que outro pela pescocreira, desnudada e vermelhona e, quando tal acontecia, procurava abafar-lhe o sinistro pio, fazendo-o dar duas ou três voltas no ar. Mas como fossem pesadões, por vezes, embrulhava-se com a presa no capim. Bicho de admirar, combatia sempre até à exaustão. Depois, ficava-se a mirá-los, com língua de metro esfregando o chão, atabafado, deixando escorrer baba espessa. Era então que eu o louvava com um pedaço de casqueiro e feijão com chouriça que safava da lata com a faca de mato. Condecorava-o até de boas e meigas palavras ou passava-lhe a mão pelo cêrro suado e eriçado ainda. E falava-lhe que ainda ia figurar com um louvor na folha de serviço do batalhão, se chegasse vivo a Mansabá. Afinal, saíra-me uma boa peça.

Júlio Perdiz dava a impressão macabra de ter sido levantado de um esgoto, do cano de um esgoto, onde havia milhares de caranguejos. Começava a cheirar mal, não só, porque, ao soltar-se-lhe a alma, fez as suas necessidades, mas porque realmente, comido e esburacado, por aquelas putas de merda, então era quase uma vergonha de homem e soldado.

A alguns metros, empontava num bissilão e por detrás de uma palhota solitariamente espantada.

— Que tabanca é aquela, Mariama?

— Cumbijã Sare.

— Há poço?

— Sim.

— Vamos lavar o Perdiz?

Fomos dar uma água na cara do rapaz, arrancar-lhe a lama dos pés, das calças, pô-lo composto para a viagem, dar-lhe um jeito no cabelo. No entanto, para fazer isso com uma certa segurança, afastámo-lo para a palhota espantada que, por acaso, tinha ainda o tecto de colmo incólume ou quase, a contracenar com as outras, que mostravam as cangras devoradas pelo fogo ou desmanteladas pelo desmazelo, torcidas por cima das paredes. Aí encontrámos um cabaço esbeçado pela ponta do fogo, que ainda

o tocara, de raspão. Também um balde de folha de flandres em bom estado e uma corda. Com estes tarecos, lá fomos, várias vezes, ao poço pela água límpida, com que nos lavámos também, para o rosto e o corpo do soldado. Calámos também a nossa áspera sede. Porém, o meu camarada continuava a cheirar mal. Decidi despi-lo. Estava todo sujo. Trouxe umas baldadas de água. Julgo que o lavei a preceito. Procurei e encontrei um caroço de uma espiga de milho com que respeitosamente lhe fechei o ânus. Coisa estranha, não é? A rapariga havia ido para o poço lavar-lhe a roupa. Feito isto, deitámo-lo sobre uma paveia de capim seco e permitimos que o sol lhe castigasse todas as feridas. Por mim, de seguida, deixei escorregar o corpo à sombra de um bissilão que se arrimava à palhota solitária.

Mariama, com um sorriso trémulo e duvidoso, começou a passear a aldeia incendiada, a remexer as cinzas, e eu remexia as cinzas do Perdiz com as vozes mais fortes e ásperas da memória, a circunvagando tudo com um olhar frio e penetrante. Ela fazia-o como que em busca de um mundo perdido, mas receosa de que algum espírito da selva ou alguém lhe surgisse a perguntar por que andava por ali quando nada existia, se lá mais além não era o seu lugar, nem velho nem novo, um passado remoto apenas, muito ferido de lembranças. Nem a sebe das canas escapara ao incêndio. A papadeira tinha curvado o tronco numa sede de séculos. As paredes mostravam alguns orifícios por onde as balas devassaram a quietude da manhã. Algumas cangras não eram mais que cotos de carvão. Uma surrada mala, esquecida na fuga, deitava a língua de fora, um pano vermelho desbotado assomando à beira do fecho. Lá mais ao fundo e metendo já para os interstícios do mato, onde fora uma horta, duas galinhas voluteavam alegres sob os barbilhões do galo que se dandinava como um soldado à beira de duas cachopas de seios apontando o despu dor da hora, ao passo que, de outro lado e correndo para norte, um chibato pulava o resto queimado de uma paliçada.

Levantei-me. Estava farto de velar o morto. Naveguei no céu um olhar naturalmente gázeo. A rapariga pegava de um tambor. Fui ter com ela. Chutei o caco de um cabaço, arranquei de um painel de ferro e

arremesseio-o para longe. Pasmei em frente do galo. Era melhor mesmo cortar-lhe o pescoço, havia decidido. Quando ergui os olhos, reparei que a rapariga abria a mala de couro de onde fugia aquele pedaço de pano vermelho. Mais vermelho do que o chão do Oio. Remexia-a como se lá procurasse um tesouro. Uma saia de ráfia, um pente de adorno, um colar de missangas, era tudo o que lhe sobrava daquela mala ratada.

— Para que queres isso?

— Isto é meu.

— Teu? — Volvi.

— Eu leva.

Desandámos um pouco mais e a rapariga deteve-se junto das paredes escalavradas que foram uma palhota e ali se humilhavam, frias e sujas do fumo. Contornou-as lentamente, pensativa e doente. Quando chegou à porta, empurrou a cancela, com jeito, como que com medo de acordar ou aleijar alguém que estivesse por milagre ainda lá dentro. Ouvi um grito, melhor dizendo, um suspiro e reparei, de seguida, no seu rosto aflito que carregava lágrimas e ais.

— Para que choras?

— Bó no sabe nada, nada deste chão.

Eu, pondo-lhe a mão no ombro, de relance entendi tudo. Ali fora até há pouco a tabanca de Mariama. Incendiada pela tropa, tiveram de mudar de poiso, mais uma vez, e cada vez mais para dentro do mato denso. Talvez por isso tenha dado a volta ao largo, porque, no fim de contas, queria passar pela aldeia, que fora a dela. Eu também ali fora numa manhã de denso cacimbo, mas que cacimbo. Por isso, uma faca de remorso me lambia a fronte. Mas a caça havia-se espantado com o petardo zumbente dos aviões, a caça e aquela donairosa rapariguinha, ela que só merecia amor quanto suportasse, o filho às costas, a bolanha cheia de arroz, a lala de mancarra, o seu chão. Ainda bem que ela escapara.

Mariama chamou na sua língua um esquisito nome ao galo. Lá adiante pousou a mala. Retirou o pente de adorno com que enfeitou o cabelo. Depois de me compor as farripas e a barba de muitos dias, puxou do

colar de missangas que enfiou no pescoço esguio e bem modelado e colocou-me nas mãos o pano e a saia e, num arremesso breve, sumiu a mala.

— Queres isto?

— Quer.

Quando passei pelo tambor, filei-o e fiz soar, ao desenfado, duas ou três pancadas secas e desconexas no velho couro, o que a fez sorrir e, quase simultaneamente, meti-o debaixo do braço. De um lado, a rapariga, do outro, o tambor. Ela sorria, procurando-me o olhar.

Eu bem que me havia borrifado com os cabaços de água para arrançar à farda e ao corpo toda aquela musguice de séculos, aquela imundície. Estava quase enxuto, mas as calças, húmidas no cóis, certamente, iriam cortar-me as virilhas, chagar-me até mais não doer, roer-me o sexo, o raio das micoses, antes de chegar ao quartel, se lá chegasse. Mariama, essa, porém, resolvia já o problema, escapulindo-se, dengosa, para dentro da intacta palhota onde não achara nada a não ser alguns amuletos de João Embaló, (outro João Embaló) e uma tábuia de marabú. Aí se despiu sob o meu olhar espantado, ou nem tanto assim, para enrolar à cintura e às luzidias coxas o pano vermelho que, a todo transe, queria fugir da tal mala. Por cima deste, enfeitou-se com a saia de ráfia que ela usava nos dias de batuque ou de festa, curta, arejada, quando ainda havia algum batuque. Eu cada vez a achava mais bonita e graciosa com aquele pente de adorno, aquele colar de missangas e aquela saia a bimbalar de luxúria provocante, sobretudo, quando, inexplicavelmente, começou a dançar, em requebros lúbricos, a dança do ventre.

Havia tanta coisa sem explicação naquele dia. Paradoxalmente, eu não deixava de bater palmas, esquecendo-me até que vinha a velar um morto. E já não sabia distinguir onde estava o mal ou o bem de tudo aquilo. O mal era a guerra. Mas, de certo modo, nem era pecado deixá-la dançar assim. Eu sentia que era bom e libertava-me do meu camarada. E havia mais de uma hora que havia apagado o desejo súbito e perverso de querer matá-la por aquele súbito desvio que foi dar na bolanha e que me havia levado realmente às do cabo.

ERA bem visível o esforço que Mariama havia dispendido. Transpirava. O sol era ainda de aço e feria o corpo. Boa era uma brisa que se se desentranhava da floresta e brincava nas folhas da mangueira, à sombra da qual e ao resguardo de qualquer olhar intempestivo, nos havíamos sentado. Como se tivéssemos ganho a batalha. A rapariga levava as mãos, bastas vezes, à face que limpava com os dedos. Ou baixava-as ainda às ancas. Ela tinha umas belas ancas. Como tinha um peito bem guarnecido. Outras vezes, talvez nervosa, compunha o cabelo e procurava um lugar definitivo para o pente de adorno. Enquanto isso, dava-me um olhar de branca ternura no voo quente e próximo de um sorriso. Do seu lado esquerdo estava o tambor que ia acordando com os dedos. Eu, por vezes, ausentava-me, escapulindo-me à sua vigilância e cuidava de saber se aquele não seria um mau sítio para aquela pausa. A palmeira era bastante copada. A copa era bastante baixa e redonda, parecia esconder-me bem. Em relação a todas as outras, estava como que apartada, esquecida da aldeia. Como se não fosse plantada pela mão de homem, mas simplesmente por um pássaro e à revelia do chefe de tabanca que, como tantos outros, se refugiara junto da guerrilha. Mas porque nenhum carreiro a bordejava de perto, concluí que o lugar não era assim tão mau.

Depois de tudo por que havia passado, era capaz de ser mesmo bom. Em face disso, dei-me um pouco ao desenfado, enquanto enxugava a roupa. Dei-me ao desenfado de alma. A primeira coisa que fiz foi enlaçar Mariama à volta do pescoço. O pescoço era esguio como um caule, mas vibrátil como um fino korá.

— Branco, espera — disse ela.

— O quê? — respondi eu.

— Eu vai ali.

— Daqui é que não sais.

— Vai mesmo.

— Queres fugir?

— Não.

— Então, és teimosa.

— Nosso furriel vai ver que tenho razão.

— Tu tens sempre razão. E és uma linda rapariga.

— Eu vai.

— Vai e não voltes.

— Então, eu não volta.

— Mas eu sei que voltas.

Colocou-me o tambor nos joelhos. Esboçou uma corrida na direcção do poço. Aí arrancou, com desembaraço, a blusa que pendurou na perna-de outra mangueira. Puxou do poço um balde de água e começou a borrifar-se. Viu que molhava a saia de ráfia. Ainda a repuxou para cima dos seios, segurando-a com a mão esquerda, enquanto com a direita lavava as coxas, esfregando bem as virilhas. Verificando, porém, que aquilo era incómodo, deu-me as costas, despiu também a saia de ráfia e lavou-se até ficar fresca. Já de volta, sacou-me o tambor, que colocou à sua frente e sentou-se de modo que o seu corpo se encaixava no meu.

— Mas és mesmo Mariama? Ainda nem estou em mim.

— Se Mariama é a bajuda que há cinco luas estive na tenda do nosso furrielle, eu sou mesmo Mariama.

— Eu sabia que este dedo (o mindinho, frisei eu) nunca se enganava

com respeito a belas raparigas como tu.

— E se fosse outra?

— Não poderia ser outra a fazer o que tens feito por mim.

— Como não?

— Ei sei que não.

— Ih, branco!

— Mostra-me os teus olhos, a tua cicatriz. És mesmo Mariama.

— A minha boca, se quer, nosso furriele.

— Se quero! Como a vida, isso como a vida. Mas eu estou tão confuso e sem esperança.

— Manga di chatice!

O retrato de Mariama jamais seria para esquecer. Era capaz, durante meses e anos, de adivinhar-lhe as formas na sombra de uma palmeira, no luar rasgado de uma acácia, como adivinhar-lhe a voz à sombra de um ninho.

Duas nuvens em farripas filtravam o sol e punham algumas sombras a correr por sobre a tabanca.

— Vai chover! — disse ela.

— Era bom. Eu gosto de ouvir a chuva. Parece que, de repente, se lava a alma com a chuva.

— Quando chovia, eu saltava terreiro, eu lavava corpo.

— Apetece-me tanto que chova. Para correr de encontro aos cordões de água e lavar-me todo.

— Eu gosta ainda nosso furriele — cortou Mariama.

— Acreditas no que dizes?

— Eu acredita mesmo.

— E não tens medo de acreditar num branco como eu?

— Não!

— Mas outros fazem o que eu faço.

Longe, a metralha voltou a ferir-me o ouvido, a esperança.

— Beija-me muito até eu ser velho, Mariama.

— Nosso furriele é um rapaz.

- Não, já sou um velho.
- Para quê?
- Para me esquecer de tudo — do rapaz que levamos e é um farrapo, o resto de um homem, e do velho que sou eu.
- De mim também?
- Eu não quero esquecer-me de ti, como a melhor mulher do mundo. De África.
- Fia, nosso furriale é ainda um rapaz.
- Não, até que amanhã claro, eu sou um velho.
- Eu beija até bó ser velho.
- Não, Mariama, beija-me até eu ser rapaz.
- Branco é bom.
- E tu és uma boa rapariga e enganas-te.
- Voltou-me as palmas das mãos para cima, como que para ler nelas o meu destino; depois, pousou-as dentro das suas.
- Poucos querem o branco. E raparigas como tu, só tu.
- Partisans matam negra por negra gostar de branco. — Entristeceu.
- (Beijei-a para não acreditar. Eu não queria acreditar).
- Homem di mim, quanta bajuda teve na esteira?) — perguntou-me Mariama.
- Uma.
- Linda?
- Lindíssima.
- Como chamava?
- Mariama.
- Quem mais?
- Ninguém.
- Jura?
- Juro por Alá, se queres, se é isso que queres.

Um helicóptero assobiando suas asas, de macas armadas dos lados e

rabo torcido, rumava, de certeza, ao hospital militar em Bissau. Por via disso, de um brusco salto, pus-me de pé, julgando que andasse à minha procura, ao passo que ela, seguindo as instruções do PAIGC, se lançava por terra, perguntando-me por que não me deitava. Eu disse que não valia a pena, mas dei-lhe ambas as mãos.

10

bibRIA

— De mim também. —
— Eu não quero esquecer-me de ser mulher de homem de De África.

— Há, posso furtir-te a coisa em rapar.

— Não, só que amanhã já, eu sou um velho.

— Eu beija até bô ser velho.

— Não, Mariama, beija-me só no teu rapar.

— Branco é bom.

— E tu és uma boa rapar e engata-te.

— Volta-te ao teu lado e não me olhes para ler o meu destino.

— Pois, quando eu te vejo, eu sou um velho.

— Pergunta-me por que não te casas com um velho.

— Deixa-me para não esquecer-me de ser mulher de homem de De África.

— Fica aqui, não te vás embora, não te vás embora.

— Pois, quando eu te vejo, eu sou um velho.

— Pergunta-me por que não te casas com um velho.

— Deixa-me para não esquecer-me de ser mulher de homem de De África.

— Fica aqui, não te vás embora, não te vás embora.

— Mariama.

— Dama.

— Linda?

— Linda.

— Como chama?

— Mariama.

— Quem mais?

— Nenhum.

— Jura?

— Juro por Allah, se não te vejo, eu sou um velho.

— Um velho que não te esqueça, não te esqueça.

A PESAR de tudo, sentia-me cansado, com os músculos devastados de lassidão, a língua encortificada, a alma e os olhos intranquilos. Com a vontade de escarrar ali a alma. As palavras que nos dávamos, silenciosos ou discorrendo vozes e sombras, eram como um rio que nos empurrava para algures, mas não sabíamos para onde. Quando me icei do chão, fiquei a dançar dentro daquela sabadora, meio esfarrapada. Achei-me estranho. Não era um branco arafã da religião islâmica, mas também não era nenhum ser exótico. Era mais um espantalho de meter medo aos pardais nas terras de meu pai. Aquilo era um verdadeiro saco e eu perdia-me nele. Puxei de um ramo de mangueira de modo a roçar os ombros da rapariga. Voaram dois ou três pássaros assustados. Como não tinha dado por eles, gostei de saber que eles haviam sido os únicos ouvidos para a nossa conversa. Lancei o olhar, escarrado de sangue e dubitativo, por toda a parte. Havia que seguir caminho. Lá estava o renque das palmeiras nas margens do riacho. Eram tão novas que os ramos roçavam o chão húmido de folhas e bichos. Avancei para um e outro carreiro. Vi que não traziam ninguém, de regresso, àquela tabanca. Pelo menos, àquela hora. O carreiro mais largo, que tinha recentes pegadas de vacas, devolveu-me um mugido longínquo. O galo, como se fosse manhã, subiu o

resto de uma parede, plantada a sul, e cantarolou seu desejo de posse. Duas galinhas arredias, rente ao capinzal, que rastejava na floresta posante e grandiosa, esvoaçaram.

Lembrei-me de Júlio Perdiz que havíamos deixado a dormir um pedaço de eternidade, lavado e limpo, pelo menos mais do que vinha até ali, à sombra da tal palhota solitária, que disse ter uns restos de colmo, embora apodrecido e desconjuntado da cangra.

Depois, disse a Mariama que a minha roupa devia estar enxuta e Mariama disse que era quase certo não estar, esperasse um pouco mais. Talvez tivesse razão, disse-lhe eu. Era a minha pressa de chegar. Ela disse que também tinha pressa de voltar, mas que, no fundo, nem queria sair dali, pois receava que alguém a estivesse a seguir. Sosseguei-a, sem grande convicção, que nem era bom pensar nisso. Então, está bem, disse, mas agarrou-se a mim de tal forma que o volume aparente do meu corpo proporcionado pela sabadora se reduziu a metade. Imaginem agora a veste que era. Disse-lhe que era um saco.

Cortei duas ou três folhas dos ramos e depu-las nas suas mãos, nem eu sabia bem para quê. Estava perto e andava longe, andava longe e estava perto, como um fantasma. Ela cortou-as com as unhas aos pedacitos e lançou-mos depois pelas costas abaixo, levantando a veste junto do pescoço. Não lhe perguntei por que fazia aquilo, mas senti que me deixaram no dorso dedadas de frescura e achei, para além de tudo aquilo, que era bom.

— Vamos!

Nesse preciso momento, senti à minha espalda um perigoso resma-lhar. Não me volvei. Entretanto, pensava, julgo que ambos pensámos, que fosse macaco ou coisa assim, porco espinho, tudo menos o que era. Mas depressa concluí que não eram animais de tal monta, porque, se fossem, o mais normal era escapulirem-se numa restolhada de medo e no sentido inverso. O que fazia restolhada eram passos pesados e vinham na nossa direcção. Eu, com o susto, invoquei o Senhor com o versículo que diz: *ab ore leone libera nos Domine*. Eu sabia que as matas da Guiné já não guarda-

vam leões, talvez, só para sul, nas matas de Cantanhez. Mas o leão ali significava o perigo, fosse qual fosse, dando cabo de mim e, naquele momento, era já o cano das espingardas voltadas na minha direcção.

Uma voz autoritária, se bem que pouco firme, tolheu-nos as palavras:

— Não vão, não! — disse o que tinha uns olhos grandes, de uma expressão fria, bugalhudos.

— Mas vão para onde ? — perguntou o que tinha o rosto de machacaz.

Voltei-me. A rapariga também.

Eram dois rapazes, um mais novo do que outro. O que eu julguei mais velho não teria ainda dezoito chuvas. Eram partisans e estavam armados. Todavia, ela não os reconheceu. Eles nem sequer suspeitaram de que chão era a rapariga. Eu disse-lhes que queria ir até Cansabá. Depois, pigava-me.

— Se te deixarmos, branco de merda!

— Branco de merda, alto aí.

O que tinha os olhos esbugalhados, como os de um galo doido, tocou-me na sabadora:

— Para que raio foi isto vestido?

— Roubaram-me a roupa.

O que tinha um rosto machacaz e me pareceu mais agressivo e trocista adiantou:

— Ou dizes tudo ou vais ainda hoje para o céu dos brancos. Fugiste da companhia que anda à porrada para ali, em Bigine.

— Perdido? — questionou o outro.

— Os vossos camaradas interceptaram-me há tempos, perto de Bafatá, vinha eu de Calequisse (e nem sei eu se Calequisse existe, meus cabrões, pensei eu, numa pausa breve) com uma camioneta carregada de madeira. Deram-me ordens para saltar da cabina, que me fosse, e antes que fosse tarde, incendiaram-na.

— Calequisse fica — dizia um.

— Calequisse fica — continuava o outro.

Alonguei um pouco os pormenores. Lançado ao mato, longe de Calequisse, frisei, tive de me haver contra bichos, medos, contornar aldeias, dormir de dia e andar de noite, voltando por vezes ao ponto de partida, até que dera (graças a Alá, lhes disse eu!), com aquela rapariga simpática que se comprometera levar-me a Mansabá ou coisa assim, terra que ela dizia alcançar lá para o fim do dia. Sem outra promessa da minha parte senão respeitá-la em tudo.

— Hum! — franziu a testa e arregaçou o lábio superior, com um bordo horrível, obsceno, o que tinha o rosto machadaz, começando com o outro a discutir a situação.

O melhor era darem-me um tiro, enfiarem-me o cano da arma pelo cu acima. Era menos um branco, conversavam. As minhas mãos dançavam-me dentro das mangas como o corpo dentro da veste e eu tinha a certeza de que, por asas como aquelas, é que não trepava ao céu, se ali me liquidassem. Com o arreganho que eles estavam, parecia que pouco faltava. O que tinha os olhos bugalhudos e era Bassiro-Não-Sei-Quanto dizia, resoluto, para o outro, que era Mamadú, que, se eu fosse soldado colonialista que tivesse fugido à tropa, jamais queria voltar a Mansabá. Mariama aí disse que era verdade, o que eu queria era chegar a Mansabá. Hesitavam os bons dos rapazes. Então, desafiei-os:

— É verdade. Se querem, eu juro por Alá, vosso Senhor.

— Que os irãs de toda a Guiné te matem se não for verdade.

— Se não for verdade, que me matem, me enforcuem, que me danem a alma com espíritos imundos e fantasmas e todos os deuses, todos os dias da minha vida, que me entrem pelo cu e me saiam pela boca.

Nem sabia o que estava a dizer ou a blasfemar e benzi-me com a pressa e devoção de gato. De seguida, perguntei-lhes se tinham notícias de Calequisse. Torceram o nariz, mas disseram que não. Para Mariama disse que o velho estava perdido, mas o rapaz também. Puseram as narinas largas no ar, como se aquilo fosse conversa em código. Deixavam-me ir nu. Só nessa condição. Então, quando surripiava ao corpo ensuarado aquela veste para seguir meu caminho, já não sei qual dos dois chamou a

atenção do outro para uma cicatriz que eu tinha e tenho no ombro direito. Mas não repararam felizmente na tatuagem do corpo de Mariama no braço esquerdo.

O rasgão, que uma bala me havia feito de raspão, nessa manhã explosiva, não lhes causou nenhuma dúvida quando afirmei que era rasgão de espinho. Para justificar a cicatriz, que eles teimavam ser motivada por estilhaço de granada, expliquei-lhes que, na minha aldeia, quando era novato, era contrabandista, assim uma espécie de dgila das Gâmbias. Um dia, porém, fora apanhado na rede por dois guardas Quase da vossa idade — disse-lhes — Implicaram comigo, ameaçando-me de cadeia. Aí tive sangue-frio. Consegui desenvencilhar-me deles, arrancando-lhes as armas das mãos, primeiro. Depois, ao murro, ao pontapé, à cabeçada, ia tudo de roldão à minha frente. Pu-los em sentido. Sabem o que é isso em sentido? Pois claro, que sabem. Embora novatos, são tropa de Amílcar Cabral. Os guerrilheiros sabem o que é em sentido. Mas quando arranquei na fuga, ainda senti no meu ombro, isso, o direito, um golpe e sangue a espichar, mas nunca mais parei senão quando me senti a salvo.

Ficaram perplexos. Mas acrescentei que me tinham disparado uma navalha.

— Hum, branco de merda! — condescendeu um.

— Hum, branco, — resmungou Bassiro.

Haviam-se aquietado. Mas não se esqueceram de me puxar nu para um carreiro e eu forçava-os a cortar a direito para evitar que entrasse algum deles na tabanca. Mamadú, (ou era Bassiro?), era quem me empurrava com a coronha.

— Eu não acredita na história.

— Por Amílcar Cabral, acredita.

Despedindo um olhar frouxo e a furto para trás na intenção de ver rodar os negros, (desejava, por quanto tudo me era caro, que seguissem ao largo da palhota com os restos do colmo), fiz-me ao caminho. No entanto, ia deixando atrás de mim cruzeiros feitas com raminhos secos, para que, voltando ali pelo Perdiz, já acompanhado de tropa, não me perdes-

se. Andada meia hora para aí, palpitei que era bom voltar atrás pelo Perdiz. Foi o que fiz. Mariama, numa agradável surpresa, estava junto do poço, mexendo as roupas. Servi-lhe um assobio de pássaro, imitando o de John, o que ela já conhecia da longa e penosa viagem e da caserna. Primeiro, breve e frouxo, depois mais alto e crescendo sempre. Ela voltou-se. Eu fazia isso por detrás de um tufo denso de capim, puxando as pontas ou dobrando-as à frente das partes.

Mariama trouxe-me a roupa lavada e enxuta que enfiei, num ápice, ainda de costas, enquanto ela me dizia que eu era o mais belo motorista do mundo, o melhor dgila de toda a Guiné, tinha orgulho de mim. Mas orgulho por um velho motorista ou por um sábio dgila é que ela não deveria ter, disse-lho eu. A história havia colado, por sorte. Sorte tivera também Mariama. Os partisans, indo pelo carreiro mais largo, alegando outra missão, largaram-me, não sem que a tivessem avisado, com cenho carregado naturalmente, que não queriam encontrá-la com branco. — Branco morreu, diziam eles.

Se tal voltasse a acontecer, matavam-na, que fosse para a sua tabanca e para o seu namorado. Os partisans afinal eram bons rapazes.

E fora o que fizera — que fosse para o meu namorado, acrescentara Mariama, sorrindo dubiamente.

DECIDI avançar. Além de Bubacar, metíamos à estrada que estava livre e seria menos penoso o transporte. Suados e alquebrados até à medula, até aos interstícios da alma, diria o meu camarada Rodrigo Costa em tais situações, continuámos. Felizmente por ali já mexia a macacada, que chiava de ramo em ramo em alegres esgares, não se escondendo para fazer gestos obscenos, com malícia de homens, à passagem do esquife.

Tenho febre, um febrão dos diabos, rosnava eu e seguia.

— Corpo di bó está bom mesmo? — cortou Mariana o silêncio.

Não respondi.

Antes de Tabassai e, cortando para a direita, ao longo de um riacho, que inundava as margens no tempo das chuvas, que roubavam à Guiné milhares de hectares de terreno, existia uma aldeia abandonada, assim pensava Mariama. Aliás, vendo-me ir abaixo das pernas, passo a passo, para lá se dirigiu. Ali passaríamos a noite, era a sua explicação e, de manhã, com a cabeça fresca e as forças retemperadas, partiríamos.

Puro engano. A aldeia estava habitada e certificámo-nos disso mesmo, quando esbarrámos com um oh de espanto, misto de receio e de ansiedade, com um homem alto e velho e duas mulheres pilando arroz,

de seios vazios como odres e pelangas na fase enxovalhada.

Eu deveria ter os olhos com fios de sangue, pois, perfilando-me perante o homem, que tinha o queixo afilado e uma barbicha branca e alongada, logo ele me disse que eu não estava bem. Depois de um olhar longo e aflito sobre o corpo do Perdiz, que mostrava uma fieira de dentes terrivelmente branca num beijo roxo e arregaçado da última palavra libertada a custo, pôs-lhe a mão onde se liam mais os ossos. Por sua vez, as mulheres largaram o pilão e acorreram também. Resmungaram qualquer coisa sobre a minha necessidade de descansar. De seguida, endireitaram as mãos. Ainda pensei que fossem rezar por mim, mas era de certeza pela alma do Perdiz. O velho, voltando-se para Meca, jorrou a face por terra durante algum tempo, desfazendo-se em litanias e salmos, vénias e muita veneração. Supus que fosse pelo rapaz. Quando se levantou, ajudou a arrumar a maca para a casa de tabique, onde cobriram o resto do rapaz, com uma grande esteira e, curioso, não deixaram de ter o cuidado de lhe colocar, junto à boca, torcida de nojo, alguns utensílios domésticos e milho, arroz e água. Pela minha parte, despejei pela minha cabeça abaixo um cabaço de água fresca e, de cambulhada, me arrimei como um saco para cima da cama de canas, que ficava mesmo ao lado. E, assim, dormi para aí uma hora.

Quando me ergui, o sufoco tinha abrandado. O velho, esse, logo que me pus ao alto com a cama, com melhor aspecto naturalmente, fez questão de me oferecer leite de cabra numa chícara esbeçada, que logo me chamou a atenção, pois a peça de louça era da Vista Alegre. Um caco de civilização ali no mato, concluí. Por sua vez, as mulheres trouxeram-me frescas laranjas e bananas e um olhar terno, embora fundo e medroso.

Era a hora em que o sol se esponjava num delíquio de luz e um bando de picanços, à mistura com alguns cachos-caldeirão, atravessava o céu. Foi a essa hora, exactamente, que uma das mulheres que havia ido ao poço, com o cabaço debaixo do braço, solene e magra como uma palmeira, estacou o passo miúdo, fitou a orelha. Ouvira qualquer coisa mais alvoroçada da banda de Mamadú Keta, o que não era habitual e,

rodando meia volta, deu de caras com dois partisanos, armados de Kalashnikovs. Temendo o pior, encolheu-se toda na sua sombra esguia e contornando uma palhota e outra ainda, cosida com as sombras mais velozes que tombavam das árvores e com o amarelo do capim torrado, foi, de mão no peito e atarantada, até onde eu ainda estava, dizendo-me, num cicio de voz, o que se passava.

Numa fracção de segundo, decidi puxar da minha G-3, puxar Mariama e ainda carregar com a arma do meu companheiro. Embiocámos rente à ombreira da porta estreita e baixa e, vendo que os tais estavam de costas, saímos rápidos como gazelas acossadas pelo perigo ou cheiro dele. Então, aconteceu que, ou por me terem visto ou à rapariga naquele pre-
paro ou porque pelas narinas largas lhes entrasse a suspeição de qual-
quer coisa esquisita, os partisanos puxaram do gatilho e derrubaram o
muro de silêncio incómodo e subtil e apontaram ainda ao rafeiro que, de
sêrro teso, se escapuliu para dentro de uma palhota ou se afundou na
mata. Esse pormenor não é importante. O que sei é que, quando o tiro
crepitou numa onda de espasmo, já eu e Mariama nos havíamos agacha-
do num tufo de lianas que deixava aberta uma fenda e por cima da sebe
de pugueira por onde podíamos espreitar, embora naturalmente espavo-
ridos mais uma vez.

Enquanto um tagarelava com o velho, o outro começava a bufarinhar. Muitos fins da tarde ou começo da manhã e, às vezes, até por outras horas, por ali ia gente como aquela, armada no encalço de saber notícias da tropa ou para amolecer a vontade do velho e convencê-lo a abandonar a aldeia para chegar-se às casas de mato. Porém, o homem é que fincava o pé naquele chão, mugindo uma cabra, observando um berrelho que fossava onde queria, plantando uma bolanha de arroz ou uma campada de milho, mirando e remirando no seu quarto milhentas recordações: alguns korás, que coleccionava com gosto, vibrando-lhes, com esmero comovido, as cordas com os dedos compridos como espátulas, peles de gazelas, muitas, uma de hiena, caçada no sul, trastejando as paredes, algumas armas, o cachimbo, aquela mala em que ninguém tocava a não

ser ele e só em dias de grande euforia ou de perturbada recordação.

O partisan, que se havia postado no terreiro, gesticulava imenso, enquanto o velho exibia, ou parecia, uma calma espantosa, a calma que ele, naturalmente, usava na hora das grandes caçadas e dos enormes perigos, quando a hiena inflectia para o seu lado e lhe armava uma cilada ou, fugindo, lhe ria a dentuça farta. Dissimulava o medo muito bem, isso era um facto. Não tanto por ele, mas certamente por mim que me enrodilhava por dentro como um feto. Também pela rapariga. O outro, de fero olho de boi (diabo se não parecia um dos rapazes que nos haviam visitado há poucas horas) deixou os dois a esgrimirem-se no terreiro e entrava na palhota com algumas palavras mordidas à pressa entre os dentes. Mexia aqui, espulgava acolá, mexia e remexia tudo, até que topou com uma rima de capim por cima da esteira. (Era isso, a merda de um monte de capim a cobrir Júlio Perdiz). Quando tocou com as mãos papudas no rosto do soldado, deu um salto para trás. Perto da porta, as duas mulheres, acocoradas e com uma lágrima próspera, miavam orações ininteligíveis, mas graves pelo acento que punham na voz, quase um fio de eternidade.

— Um soldado branco! Um soldado branco! — gritou.

— Quê, camarada?

— Um soldado branco.

O velho aproveitava para fugir. Arrancou com quanto arregarinho um homem da sua idade pode ter, passou pelo quarto e, de um ápice, pegou de um trabuco, lembrou-se ainda das armas boas que tinham ido parar às mãos dos guerrilheiros, meteu-o ao ombro, despedindo para dentro da selva.

Dos dois, o que aparentava menos idade, era o que tinha grandes olhos de boi fero. Ora foi precisamente este que, congeminando não se sabe o quê, arma ou faca de mato debaixo do meu companheiro, o empurrou para o lado com o cano da arma.

Aborrecidos do acaso não lhes ter dado um homem vivo, um português vivo, abandonaram a palhota. Seria eu o homem que eles procura-

vam? Não posso garantir que fosse, mas. Do velho, que chamaram, por diversas vezes e de várias formas, em língua deles e na nossa, atrapalhando, nem rasto. Havia-se já cosido com o escuro morno da noite que, adensando-se nos seus braços, se enroscava às coisas como um rio ou uma gibóia.

— Mamadú! — irrompeu um deles, num grito, que era já trovão a rasgar o espaço que queria deitar seu sossego. Respondeu-lhes, porém, um silêncio abocanhado pelos bichos rastejando. Um pássaro, enorme, esvoaçou então por cima do terreiro e foi perder-se na dobra da ramagem de uma calabaceira.

— Mamadú! — e foi a mesma navalha de silêncio a responder.

Ao esconderijo só me chegava a reza das mulheres que nas mãos temerosas do pior encadeavam a sua litania. Possivelmente versículos do Alcorão pelo tom repetitivo, à guisa de salmos de breviário cristão.

Da tabanca abriam dois caminhos, ou para ser mais franco e claro, dois carreiros para o sul e era costume afastarem-se por um deles, nunca pelo mesmo duas vezes seguidas. Naquela noite, porém, resolveram afastar-se cada um pelo seu, de arma empurrada para o ombro cuidadoso, mas não sem que partissem titubeantes, indecisos, amarfanhados pela dúvida. Não sabiam se haviam de pernoitar ali ou partir. No fundo, sentiam o desejo de ir com a nova, com o insólito nos dias que corriam já muito a seu favor — um branco morto, guardado por duas corujas de mulheres, como se fosse filho da aldeia.

Enxergando mal o que ia seu caminho pelo meu carreiro, perguntei baixinho à rapariga pelo outro, se o tinha visto, ao que ela respondeu claramente com um ligeiro encolher de ombros que não sabia. Um tiro estava sempre certo e era melhor segurá-lo desse jeito! No outro dia, estariam na sua perna, se não fosse ainda naquela noite. E o pior é que iam dar cabo do velho. Se não fosse até pelo velho, era capaz de deixá-lo ir. Não, o melhor era fazer fogo, mas do que ia pensando não transmitia nada à rapariga que tremia de frio ou de medo ou estava a ganhar-me raiva.

O velho, à desbanda do outro carreiro e supondo até que os partisans

me arrastassem já a toque de caixa e de armas no traseiro, havia carregado a velha longa, sem alma suficiente para um bom estampido, que as boas armas haviam-lhas roubado, com a anuência dos filhos, que lhes andavam a dar apoio de todo o género. Um deles ficou ao seu alcance. Era o que tinha olhos de boi fero. O pior era se a longa se negava ao fogacho. Há séculos que não berregava um estampido esfrangalhado e duro. Avançou um pouco mais para a fita do carreiro. O partisan aproximava-se. Estava já ao alcance da sua mão que, duvidosa, ainda apalpou a faca de mato. Mas puxou do gatilho e um grito estrelejou esparvado e súbito. O velho julgando que não o atingira mortalmente, também não lhe violentou mais a pele e deixou-o tombar.

Quando reboou o grito, o outro estacou e um disparo fez-se também ouvir, quase em simultâneo, como se se tratasse de um só atirador e de uma só vítima. Vítima, talvez, só uma, pois que Mariama, no exacto momento, deu-me um empuxão no ombro, começando a barafustar contra mim. Ouviu-se também o estridular de uma kalashnikov. Talvez o velho tivesse sido baleado. Acorremos, lèpidos e nervosos, muito nervosos, na direcção de onde rebentara aquele gemido largo que se esfumara, entretanto. Ao depararmos com a cena do partisan sentado nos joelhos do velho, eu disse que se acabasse com ele, não nego esta minha fraqueza, esta tentação. Era perigoso deixar rasto, argumentei. Mamadú tinha as mãos empapuçadas de sangue. A rapariga disse que era melhor levá-lo para a tabanca e ameaçou mesmo deixar-me ali. À luz de uma fogueira, sempre se haveria de ver melhor o que se havia de fazer e a profundidade do rasgão. Havia que aplicar-lhe qualquer coisa para estancar o sangue. Eu podia trazer comigo alguma ligadura, lembrou Mariama. Eu daria o jeito, disse ainda. Sem medo de estar a trair, respeitei a dor dos dois, embora o meu entendimento naquela hora do demo fosse realmente bem diferente, mas só por causa do que haviam feito ao Perdiz. Acabei por dizer que dava o jeito. Com fúria, rasguei a perneira da calça, amarrei o buraco. O partisan gemia, mas, quando os três tentámos erguê-lo, um pela cabeça, outro pelos pés e eu pelos rins, sentimos o sangue a escorrer

como um espicho de pipo de vinho carrascão de casa do meu pai e um pouco abaixo do peito, sob o mamilo esquerdo. Depois, senti correr-lhe o corpo um grande estremeção, acompanhado de um ronco soturno, logo abafado pelo fim da alma nele. A cabeça tombou definitivamente para o lado da rapariga que também gemeu um ai profundo de pena. Arrastámo-lo, no entanto, até ao rés do terreiro.

Daquela restolhada, que eu já maldizia, restava pelo menos um morto, a quem era necessário dar sumiço seguro. O velho, sacudindo as mãos e a cabeça também ou limpando-as ao capim, sugeriu que sabia de um lugar. Um bom lugar, frisava. Foi chamar as mulheres que deitaram as mãos à cabeça, mas logo apareceram de enxadas e dirigiram-se para as margens da bolanha, lá ao largo, ao largo. Abriram, num credo, duas covas fundas, digo, uma cova com a profundidade necessária para que tão cedo o rapaz não ressuscitasse do lodo. Depois, foram sair lá mais adiante, uma aqui, outra acolá. Ali é que ninguém ia desconfiar, comentou o velho, já com mais vontade de morrer do que fugir para outro lugar.

Como entrasse a arrefecer, o velho acendeu uma fogueira quase defronte à casa de tabique. As mulheres, a seu mando, haviam ido comigo pelas paliçadas, acarreando braçados de paus de purgueira e canas secas. Mamadú, assim se chamava o homem, não se ficou por ali. Comigo içou um tronco de bissilão, com mais raiva do que força, e aconchegou-o ao lume que espevitava à medida que um vento breve o abanava, começando a tomar conta de tudo o que lá caía, lambendo um ramo, retouçando um tronco, esmiolando uma raiz, fazendo saltar tições, endiabrando-se todo por fora e, pouco a pouco, fez-se um incêndio que dava para aquecer uma aldeia inteira, estrelejando fogachos, num babaréu incontrollado. Depois, sem uma palavra mais alta ou sibilina, sentámo-nos à volta do fogo que o diabo espertava com ganas de inferno, a enxugar as roupas que se haviam enlameado na bolanha.

Dando uma mirada, verificámos que ressaltavam nódoas de sangue

nas roupas, a blusa surrada de Mariama, os panos das velhas e a sabadora do homem grande. Dessas dedadas deveras acusadoras e gordas todos tiraram conclusões. Aí, tanto eu como a rapariga, confirmámos que o que o mais queríamos naquele momento e sempre é que eles não tivessem surgido, nem tão pouco no dia seguinte, nunca. A rapariga recriminou-me várias vezes. Fora um erro perdê-los naquela cilada. Realmente nada ficara seguro e resolvido e, se um deles escapara, era tudo uma questão de horas ou dias.

Mamadú, em movimento pensativo e lento, levantou-se, empinou o tronco, fustigou o céu com um olhar cansado, rodou nos pés e foi à palhota. Quando entrava, já num passo sacudido, chamou as mulheres. Ficámos sós, eu e Mariama. Olhámo-nos, medrosos e enternecidos, cúmplices e ansiosos, nem sabíamos de quê, talvez de fugir, um para cada lado, fronte interrogativa, enquanto alguns pássaros, estremunhados pelo crepitar das brasas alterosas e assanhadas, sarabandeavam por ali em círculo, julgando que a manhã já se fazia anunciar na tabanca e eu entendia que nunca fora tão noite. Longe a manhã que eu queria. Depois, vi-o regressar com uma farda de caqui ou de ganga, não se distinguia muito bem, de galões vermelhos enfiados nas platinas, calça escorrida e bem caída sobre as sandálias. As mulheres tinham mudado de roupa, de panos brancos para panos vermelhos. Sobraçavam uma saia e blusa para Mariama, uma sabadora para mim, que me fiquei todo a dançar dentro dela e mãos engolidas por umas mangas largasonas. Feito isto, voltaram de novo à palhota, trazendo consigo, dessa feita, todas as roupas molhadas e tintas de sangue, as quais deitaram à fogueira. Eu entendi que bastava enxugar a minha, que as nódoas de sangue se explicavam pelo transporte de Júlio Perdiz.

Quando fomos à palhota da cama de canas, Mariama e eu olhámo-nos, apeteecendo-nos naquela solidão de fogo. Parecia incrível, mas era isso que acontecia.

Para as bandas de Malimorés, lá estava a crepitar o fogo dos morteiros, lá estavam eles a aguentar, heróicos.

Mamadú foi-se ainda a outra casa de tabique, lá ao fundo, e ripou-lhe uma boa braçada de capim que, mal tombou na fogueira, logo começou a arder. Foi mais uma vez e outra vez, até que deixou a cangra nua como um esqueleto velho e inútil à mostra. Sentou-se, depois, mais um bocado, queixo dentro das mãos escanifradas e olhar muito distante. Quando se levantou, disse que dormíssemos bem, que ele velaria no seu buraco toda a santa noite, malvada noite. Passando em revista o que se havia passado, não iria pregar olho. Por outro lado, quando raiasse o dia, tinha de dar uma saltada ao mato a fim de apagar todos os vestígios de sangue, espantar algum cão que por ali farejasse para que tudo ficasse na devida ordem e disfarce.

Tendo caído numa modorra gorda, eu fui o último a retirar. Mariama acompanhou-me com o tambor que trouxera de Cumbijã Sare debaixo do braço. Eu insistia que ela estava mais bonita naquele momento, embora sabendo que o pai, que colaborava com os guerrilheiros, se soubesse com quem a filha andava e estava, me arrancaria a cabeça. Quando senti a respiração forte e lasciva no pescoço, não tive outra forma de me libertar senão puxá-la para mim, com toda a força que ainda me sobrava. Por sua vez, ela mordia-me a polpa dos lábios e penetrava com a sua língua na minha boca, roçando o palato, fazendo barulho com os dentes, uns de encontro aos outros, como se estivessem quebrando nozes, as mais belas e doces nozes do mundo.

Que me apertasse muito, era o meu grito. Como se eu achasse na boca da rapariga, nos seios e na pele, viajando pelo fogo, o melhor caminho para a fuga.

De ousio no sangue, fui mais além. Puxando a rapariga para cima da cama de canas, ela deixou rebolar o corpo esguio e quente por cima do meu peito de miliciano. Arfei como um touro, como que acordando dentro dela do fundo de uma pesadela, que era aquela morte e a do partisan, aquela guerra. Queria fugir de mim próprio, do capitão, dos generais. Era de mim próprio, de certeza, que queria fugir. No fundo, queria ser tudo menos um moço de vinte anos ali jogados na lama, no sangue e no desespero.

Amámo-nos, como se fosse a última vez. No escuro, como se amam dois bichos da selva. Até ao cansaço dos músculos. Até ao pânico, como se para nós fosse o fim de qualquer coisa, que não se sabia exactamente o quê. Talvez, África.

Lá longe, alguns tiros picaram o silêncio, e o silêncio carregava de sustos a noite.

bibRIA

NÃO podendo suportar o rosto do meu camarada, rota a geografia do peito, dedos sem rota definida, corpo mapa frio de alma, e ficando a pigarrear sem mais nem para quê, deixei as duas mulheres catando, uma a uma, as formigas que lhe corriam os braços, as orelhas, numa paciência beneditina. Assim, abandonei de rópia aquele chão e fui erguer os braços ao sol, esticar as pernas e, dando pontapés em pequenos blocos de terra vermelha, como se quisesse escaqueirar o destino bem adverso, esgueirei-me por entre as casas e sempre ao rés das suas paredes de tabique. Até daria a impressão a quem me visse naquela hora e naquele preparo que eu tinha medo da própria sombra e talvez não se enganasse. Isto mesmo não passou despercebido ao velho que tinha ido ao poço pela água.

Recomposto pelo sono, apesar de assaltado por medos e por um grande pesadelo, o sol revelava-me que a aldeia não me era totalmente desconhecida e os dois poilões, altarrões como tudo, falavam-me, não havia dúvida, de uma manhã e de um rapaz escarranchado na coruta do mais aberto, já lá iam largos meses. Era mesmo a tabanca de Sambuíá. Mirei um e outro poilão, os quais presidiam, como bons irãs, à vida daquela tabanca, mas não sei por quê, demorei-me mais, de propósito ou

não, no de rama mais solta e esvirotada, porque, nos espelhos embaciados da memória, ainda estava a ver, escanchado na sua coruta, um rapaz, de vinte chuvas, se tanto, arremessando a sua mensagem de morte à selva que se agitava léguas em volta, batendo forte no couro de bombolom que fazia com que a nuvem dos urubús, sinistra, rolasse um pouco mais para sul, esfrangalhando-se, depois, na bolanha. Por sua vez, cá em baixo, no sopé das árvores e alguns sentados em bentabás, outros negros arrancavam notas desconcertantes aos tambores de vários tamanhos. Por todo o terreno, mulheres que se gingavam, panos traçados nos rins, torcendo e retorcendo-se como se lhes doesse o corpo ou a alma de febre. Erguiam os braços, agitavam-se, estremeciam como possessas pelo espírito da velha oleira, deixando-se abater, de seguida, de quase desespero.

Eu não deixava de pensar em catadupa. Que era do rapaz de vinte chuvas? Que era das mulheres novas que dançavam, tudo se sumira com a morte da oleira? O garotio berrava sem cerimónia, os homens espetavam estacas no terreiro, degolando galinhas e carneiros e acendendo enormes fogueiras e as mulheres se requebravam, rosto besuntado de óleo de palma, suas ancas em ondas de canoas.

Finara-se Farma, a velha oleira, que, há longos anos e velhos, esgotava os dias e contava as horas pelas cântaras que modelava, toscas, a partir de um barro pobre ou pelos fulls de ventre disforme e certamente frágil. Dedicava-se também a criar bonecos exóticos em que punha toda a sua alma e não raras vezes a sua inocente malícia, bonecos, que, às vezes, representavam deuses protectores ou irados, correndo os mercados das redondezas.

Ora de que morrera Farma! Fora a alma subterrânea do mundo que a chamara a si. Correrá já muitos caminhos e rios, a geografia era então só memória, contrariamente ao Perdiz que uma bala tolhera o passo, em plena força da vida, anichando-o na estreita geografia de um palmo.

A voz dos tambores cavalgava a selva. O rapaz de vinte chuvas não sofrea o ímpeto e tinha, então, a minha idade. Se o rapaz ainda estivesse por ali, pensava eu, (mas certamente era até um bom guerelheiro no

Oio, com um curso tirado na Checoslováquia) treparia, de novo, para fazer rugir o couro por aquela morte ao amanhecer de um dia pesado e subitamente cruel. Isso foi o que pensei no primeiro momento. Não, agora, ele ria simplesmente de contente. Era isso que faria. Dos caminhos dos matos que regressavam de muitas aldeias, anichadas na sua miséria secular, desembocava um rio de gente, esteiras nas unhas para as rezas e o repouso da noite. Novos e velhos. Havia carneiros e aguardente de cana para o batuque que se adivinhava e desejavam fosse grande ronco, isso, grande ronco. Eu, também naquela manhã de sol espichando dardos de fogo nos ombros lestos e sobraçando garrafão de aguardente, que o capitão fez questão de enviar, como prova de amizade, fora por ali, por Sambuíá.

O que me intrigava deveras, ou nem tanto, era a fuga da aldeia. Todos os que ali viviam ou ali vieram, o que era feito deles?

Tempo deveras abrasador aquele de Março, com o sol bruto a martelar rijo as bolanhas e as lalas que abriam rugas fundas de febre em todos os sentidos. Também os ouvidos zuniam como moscardos. As pessoas moviam-se com moleza, quase sem gosto. As palmeiras novas torciam-se e deixavam tombar, dilaceradas pelo calor, os ramos. Com aquele sol exorbitado, os macacos só se aventurariam à rapina dos frutos de cajú, a sul da tabanca, lá para o fim da tarde, vencida a moleza, o rio da sonolência insuportável.

Com esta lâmina na memória, coloquei as mãos atrás das costas e estuguei o passo para Mamadú Keta, como que para interrogá-lo. Que é dos outros, de todos os outros, meu velho? Ou não és tu Mamadú Keta?

As carpideiras regougavam antigas feitiçarias, que ficaram das sigüês, ao mesmo tempo que as misturavam com o salmodiar arrastado de versículos do Alcorão. Então, moviam-se em redor da casa da morta, gritavam desgrenhadas, possessas, contorciam-se em gestos de burlesco ballet, içando os braços ao ar, para de seguida os abandonarem ao longo do corpo desarticulado, batendo com as mãos nos joelhos, desmanchando-se em requebros de dor e quase luxúria para ainda num supremo

arranco se afundarem no pó do terreiro. Quase os mesmo gestos e ritos que eu, espantado, comecei a enxergar na palhota onde fora deitado o Perdiz e, por momentos, receei alguma feitiçaria que fizesse desaparecer o rapaz, através das boas mãos daquelas velhas mulheres que foram muito simpáticas. Mas não, não podia ser. Só eu tinha a estrita obrigação de entregá-lo à mãe viúva. Elas podiam efectivamente ajudá-lo a não errar o buraco da agulha por onde também se entra no céu de Alá, Nosso Senhor. Isso não era, afinal, mal nenhum, antes um grande bem para a alma que ainda não se despedira há muito por entre rajadas de vento e um ronco desordenado. Como estava besuntado de farinha na boca, pela cara toda. Deus me perdoasse, mas. Elas haviam-lhe tratado, em sua devoção, da alma, aviado da alma estava, portanto. Mas eu é que me tinha que haver com o seu corpo pesado.

Uma das velhas atçava um último ramo. Agradei-lhes. Mariama disse que não me zangasse, que eram costumes deles. As mulheres nem por segundos deixaram de fazer o que estavam a fazer — limpar o rosto do soldado. Respondi-lhe que eles acreditavam no que faziam e isso era bastante bom.

Mariama surdia de trás de uma palhota. Um sorriso ténue e vago ficou a pairar na cangra, onde deslizava uma sardaniska, enquanto o Fanate assomava à porta, vindo do mato, com uma perdiz filada nos dentes.

Nunca me apeteceu tanto abalar. Fugir. Se calhar, já era tarde demais.

ATACADO de um frouxo de tosse, por via do resto do fumo que borbulhava das paredes e do tecto de colmo, atravanquei, com o corpo suado, o vão da porta. Dali pude ver Mamdú Keta chamar pelo galo que, pescoço esticado e olho lúbrico, se fazia a duas frangas. Dava estalidos com os dedos e caminhava devagar como se quisesse auscultar a força daquela terra vermelha. Abandonei o local onde me postara e fui ao seu encontro.

— Então, corpo? — perguntou Mamadú.

— Bom, melhor, — respondi-lhe eu.

— E o corpo do nosso soldado?

— As mulheres foram extraordinárias de simpatia. Alá seja louvado.

— Não tiveste medo?

— Não, um pouco, sim, um pouco.

Olhámo-nos como se tivéssemos muito a dizer. Em especial, Mamadú, batido pela experiência de uma vida longa, criando gado e amanhando terra, comerciando mancarra em Farim ou panos de lindas cores pelas terras do Gabú ou no encalço ainda de hienas e fritambás nas terras do sul.

— Venha daí comigo — adiantou o velho.

— E o soldado? — questionei eu.

— Venha daí comigo. Não se preocupe — avançou o velho. — As mulheres tomam conta dele.

— Mas apodrece cada vez mais.

— Mais um pouco.

— Logo está insuportável.

Chegámos à porta de uma palhota plantada para norte e que, em relação a todas as outras, era a mais solitária e apartada, debaixo dos imensos poilões, invulneráveis ao tempo, mas sempre louvados pelas asas e ninhos dos pássaros em todas as primaveras e dias. Todavia, mostrava-se aconchegada, com cortinas floridas nas janelas que filtravam a luz excitante de um sol potente e grandioso. Aí Mamadú Keta colocou a mão esquerda sobre o peito e com a outra apontou para dentro, curvando-se numa reverência que, porém, nada tinha de submisso.

— Faça favor, entre, não tenha vergonha da palhota do velho.

— Por amor de Deus! — disse eu, automaticamente e à força de muito hábito, e afastei-me para dar lugar ao anfitrião.

Tive que ser o primeiro. O velho fez questão nisso.

Como dentro fizesse um suave e fresco crepúsculo, muito próprio à meditação dos mistérios da vida e dos pecados do homem, a primeira coisa que fez foi correr duas das cortinas. As janelas eram exactamente quatro. Duas realçavam a fachada, uma de cada lado da porta que havia rangido um soluço áspero em seus gonzos velhos. De seguida, puxou de um mocho de pau-sangue, devastado e trabalhado com arte, a partir de um pequeno rolo de bissilão.

— Sente-se. Trouxe, um dia, de Bafatá.

— Bonito.

Mamadú Keta, desde moço, teve o privilégio de conviver com o pessoal branco ou mais instruído. O pessoal branco nunca abundou por ali, por via das febres dos pântanos, quando destacado, por despacho dos coronéis ou do governo, para servir nas diversas circunscrições. No entanto, apesar das febres e do terror dos pântanos, dos mosquitos e até da falta de recursos para fazer fortuna do dia para a noite, como acontecia

pelos congos, alguns se aventuravam, subindo os rios ou cavalgando os buliçosos caminhos do mato, a fazer pela vida, difícil e muito castigada pelo sol e por uma pobreza cruel de solo.

Mamadú tinha a fama e o proveito de ser um exímio caçador e, por isso, o convidavam, em especial, as belas patentes do exército (ao tempo em comissão de serviço, que seria mais de turismo do que de arma aperrada ao quadril) a ir pelas hienas e fritambás para o sul, o que lhe valeu, e também por outros serviços, a promoção a alferes de segunda linha. Gazela, onde assentasse o ponto de mira, não ia longe e gabava-se de sentir um certo desprimor se tinha de atirar o bago a uma redonda e bonita perdiz ou a uma irritante galinhola do mato que cacarejasse, aflita, a sair do ninho. Se Mamadú se vangloriava das proezas e dos troféus de caça, por outro lado, emocionava-se fortemente, quando alguém do exército lhe admirava o esmero da farda e o aprumo dos galões. Parecia exultar de uma alegria profunda e heróica.

Mandinga, que se prezava de o ser, sabia tantas histórias como se fosse um bom djalolo, um desses homens predestinados a guardar, de geração em geração, a história desta família cuja origem terá sido na região de Bamako e Seguiri, hoje Mali, a que pertencerão, ainda, por parentesco, mais remoto, os Saracolés do Gabú, os Bambarás e os Sossos. Falava de um hipopótamo calmo e inteligente e de um lobo esfaimado e glutão e da vingança do primeiro. Contava também de uma serpente que trazia aterrorizada uma aldeia inteira, até que, um belo dia, um pastor esperto, com a ajuda do chacal, de uma mosca, de uma águia, de uma pedra e, repare-se, de um elefante, conseguiu pôr termo ao vampirismo da serpente, numa prova de que tudo na vida tem o seu lugar, desde a mosca ínfima e chata ao patudo do elefante. Assim, a serpente deixou de raptar para o seu covil mais qualquer bonita noiva.

Se gostava de desempenhar o papel de djalolo, como tal não se coibia de fazer canções, dedicando-as aos companheiros de caça, fosse qual fosse a cor da pele, branco, cabo-verdiano, negro, gente da tropa ou do foro administrativo, para que as horas de noite no mato, longas e

contaminadas de súbitos e enormes ruídos, num estreloçar de morte, gritos e uivos e cheiros, fossem mais calmas e serenas, ao mesmo tempo que, recordando composições que vinham dos seus velhos avós, como Quelé Fabá ou Fodé Cabá, semeava pelas cordas do seu korá, a célebre harpa mandinga, pequena como talhada de papaia, brancas nuvens de mistério à sua volta e pedia meças aos músicos de Cuiaté, Sussucó e Galissá, quando estava em dia sim. Em dia sim, a música derramava-se como lagarto pelas árvores, pelos telhados das casas das aldeias redondas e encoruchadas.

Mamadú era, assim, um homem culto e religioso. Estava tão familiarizado com o Alcorão que há muitos anos havia ultrapassado a categoria de arafã. Depois da viagem a Meca, paga pelo governo de Lisboa, passou a usar o branco cofió e, com isso, ganhou o título de El Hagi. Um homem importante em toda a linha e alferes de segunda linha.

Mamadú Keta, arafã e Hel Hagi, desenrolou uma esteira de cana, derramando um olhar vivo e expressivo, ao contrário das suas rugas que lho ameaçavam tornar mais pequeno e insignificante com o rodar dos tempos e assim ficou por alguns segundos e, passando a mão pela barba branca e rala, assim estático, assim sereno, de uma calma controlada, de pernas bem firmes por dentro da túnica branca, que lhe dava a dignidade de um patriarca, ofertando-me um sorriso inteiro e intocável, sentenciou:

— Espere um pouco.

— Está bem!

— É só um momento.

Abandonou a esteira, enfiou as sandálias e dirigiu-se a outro compartimento, separado daquele por espécie de biombo, onde havia, como luxo e como glória, uma mesinha de cana envernizada e mais alguns móveis. A mesinha tinha um subtampo atafalhado, na mesma muda espera, de canecas de alumínio e copos de vidro. A um dos cantos, um garrafão de aguardente de cana e dois pratos de cola para os grandes dias. Enquanto esquadrihava tudo, pude ver o velho que cirandava de um lado para outro como que à procura de alguma coisa: talvez, um

trabalho de madeira, uma longa única e rara, mas, depressa, me apercebi de que andava em busca de mala ou coisa parecida.

Fazia fresco dentro daquelas quatro paredes. O velho arredou o biombo de pano, tingido pelos mestre manjacos e trazia consigo uma pequena mala de couro.

— Não me diga que vai viajar.

— Estou velho.

— Está nada!

Rodou o corpo para trás, quebrou os joelhos, já duros, embora ginasticados todos os dias com as suas orações a Alá, deitou o tronco sobre os calcanhares e aconchegou a mala, ao mesmo tempo que estendia as mãos ao comprido com as pernas, soltando um expressivo oh de contentamento.

De cima do banco de pau vermelho, eu tive um estremecimento. Malinha de surpresa na minha frente, ia jurar como ia sair dali uma misteriosa serpente amestrada. De feitiçaria, pelo menos, é que não me ia livrar. Que raio queria o velho mostrar? Porque pensasse na serpente encantada ou na feitiçaria, suave muito e, achando-me demasiado so-branceiro em relação ao anfitrião, que utilizava a esteira com o garbo e a filosofia das coisas mais simples e térreas, senti um repentino mal-estar, uma dor a martelar o estômago ou uma faca a cortar-me o rim ou ambas as coisas. Apetecia-me quebrar aquela solenidade espantada, estilhaçar um grito ou, no mínimo, pedir-lhe para também me sentar na esteira. Se não me garantisse que não havia serpente alguma, claro. Dir-lhe-ia que um simples furriel não era mais do que um venerável chefe de tabanca, El Hagi e alferes de segunda linha. Quando puxou a mala para os joelhos, fazendo correr os fechos, disse:

— Raras vezes abro esta mala.

Escusado será dizer que respirei fundo. Destrocei com isso o nó que me ia arranhando a garganta e dei um sorriso mais largo e aliviado. Numa palavra, empertiguei-me um pouco.

— Permite-me que me sente na esteira?

— Raras vezes abro esta mala — repetiu o velho, sem me dar a impressão de ter ouvido.

— Porquê?

— Nem sei bem.

— Deve ter uma razão. Duas razões. Três razões. Eu sei lá.

— Talvez o medo.

— De quê?

— Do passado.

— Do passado?

Acabou por abrir a malinha e eu, aliviado e recomposto, nada mais vi do que um cachimbo subindo dos dedos adelgaçados e sumidos do negro. Um era maior e mais bonito do que o outro, feito de outra madeira.

— Lindo!

— Era, era lindo!

— Agora não é lindo, por quê?

— Nosso furriel é novo.

— Enfim, já não sou nenhuma criança.

— Eu digo que é novo para entender o que significa fumar um cachimbo em tempo de paz.

Ergueu o olhar, juntamente com o cachimbo que ficou à altura do nariz, ou melhor, da boca. Depois, espreitou as piras com uma lágrima rebentando de uma ruga.

— Fumá-lo no meio da família reunida, ouvindo os conselhos dos mais velhos. — Continuava a volteá-lo. — A guerra, que para aí vai, dividiu a casa, a família, o chão. O nosso furriel sabe.

Miliciano de nervos desaparefusados e cabeça muito confusa, ouvi-o falar e, verdadeiramente, não sabia o que lhe havia de dizer, pois era ele que fazia uma longa viagem com o cachimbo na memória azul ou rosa das coisas e dos acontecimentos. O silêncio era tanto e tão profundo que eu tive a sensação de me achar longe da guerra. Era, se assim se pode dizer, uma quietude sem miasmas, asseada, limpa (mais do que as nossas mãos), como a viagem de um pássaro rosa num céu azul. Havia ainda

uma sussurração de coisa íntima, falando bem por dentro, ao mesmo tempo que errava por ali um cheiro diáfano de verdura incomparável, trepando das raízes da floresta, possante e hercúlea.

Fisgando-o, de perto e de lado, o velho tinha uma idade indefinida e era digno e conspícuo. Pelas rugas, que o arado semeara ao violentar o couro com as cicatrizes dos caminhos ásperos, os trabalhos e os desgostos da vida, que é sempre bruta e feroz em qualquer lado, pelos cabelos de prata que um vento mais severo resolveu pintar-lhe, dia a dia e, ultimamente, às escondidas, no fim de muitas luas e canseiras, palpítei que ele andaria, à vontade, pelos oitenta anos, mais chuva menos chuva. No entanto, olhando-o no rosto inteiro e de frente, no seu gesto sacudido, também não podia eu garantir que não tivesse entre os sessenta e os oitenta.

— Permite-me que me assente aí na esteira?

— Oh! — deixou fugir o velho.

— Permite?

— Esteja à vontade.

Mamadú bateu, então, o cachimbo na palma da mão, chaminé para baixo, uma, duas vezes. De seguida, puxou de bocados de folha de tabaco que logo começou a moer entre os dedos com a lentidão de um buda, o que, aliás, também eu fui fazendo mas já de cócoras, com menos liturgia. Logo que houve uma boa pitada, carregou-mo e deu-mo.

— Primeiro, o nosso alferes!

Recusei.

— O nosso furriel, de qualquer maneira, é minha visita. Faça favor!

Julguei que fosse fazer má figura, talvez nem soubesse puxar uma boa fumaça como algumas velhas do bairro de Farim ou dos caminhos do mato. Não me enganei. Aceso pela mão do velho, usei-o de tal modo sem jeito que comecei a tossir engasgado.

— Assim, assim, é fácil, nosso furriel — disse e abriu um sorriso.

— Diz bem, é fácil.

— É o cachimbo da paz. Pelo menos, entre nós. Fume, fume. — Levantou o queixo. Depois endireitou o indicador: — Não haverá mais

cachimbos destes. — Baixou a cabeça: — É isto que me dói.

Mamadú era de uma esperteza ladina. Aprendeu a ler e a escrever na escola da missão, todavia, nunca deixou de ler e aprender também nas tábuas de marabú os preceitos do Corão.

Mais afeiçoado de boca, puxei ainda mais algumas fumaças, que fiz espiralar no tecto de capim, quase envaidecido e limpando a boquilha à manga do dólman. De seguida, poisei-o nas mãos de Mamadú.

— Agora, o chefe!

— Eu sei que os tempos são outros. Eu é que, se calhar, estou velho e assim não percebo o que eles querem dizer. Resta-me morrer.

— Alá saberá quando o merece.

— Estou demasiado velho.

— Quantas chuvas?

— Noventa e uma.

— Nem parece. Ainda tem ares de rapaz.

Deleitava-se em longos halos e o cachimbo nas suas mãos, notava-se bem, ganhava outra expressão e outro brilho, mais consentâneo com aquela hora até que o pousou na esteira. Voltou a abrir a mala e de lá retirou, satisfeito, o jornal *A Bola* que abriu mais à minha frente.

— Onde comprou?

— Lisboa.

— Para que o guardou?

— Traz aqui a fotografia de um negro importante.

— Sim?

Procurei a primeira página. Era o Eusébio. Daí ter ele afirmado que era coisa linda a bola e que gostava muito do clube *Os Balantas*, de Mansoa, onde tinha já vivido. Passados minutos, dobrou o jornal e o Eusébio e meteu-o na mala, onde adivinhei uma pequena bandeira nacional, que lhe fora oferecida em Lisboa, aquando da última viagem à cidade do profeta.

A casa estava a transbordar de um cheiro adocicado e bom, qualquer coisa de muito subtil, que não era nirvana nem narcótico, mas era

bom, de tal modo que eu, por momentos, esquecera, francamente, tudo, até a guerra e o meu camarada. O velho pegava do cachimbo maior com os dedos. Era um bonito cachimbo, sem dúvida, o maior.

— Pegue, é seu! — disse, muito sério.

— Não tenho o direito! — titubeei.

— Fique com ele, é um favor que me faz.

— Ora, não está a pensar direito, Mamadú!

— Eu já não tenho alegria para usá-lo. A paz vem longe.

— Um dia, quem sabe.

— Vá, branco, é um favor.

— Oh, não!

— É o que de melhor tenho para lhe oferecer.

— Eu não tenho esse direito.

— Será a mania de um velho, será — disse Mamadú Keta a transbordar de visível amargor.

— Pois, sim! Se faz tanta questão nisso.

— Quando eu morrer, nosso furriel, vem fumar o cachimbo da paz sobre a minha cova! — rematou o velho, num entono de voz muito lisa e cordial, mas também carregada de mau presságio.

bibRIA

JÚLIO Perdiz cheirava a humano estrume. Montes de formigas costuravam-lhe o corpo que as velhas, pedindo desculpa, iam limpando com ramos de arbustos, ainda húmidos do cacimbo. Por mim, deitei-lhe na frieza das mãos apagadas de pássaros o calor magoado de um padre-nosso.

— Obrigado, meu bom velho! — disse eu.

— Olhe, não esqueça o que lhe disse do cachimbo — insistiu ele.

Abraçámo-nos, como se nos conhecêssemos há séculos. Disse-lhe bom, boa sorte, até um dia. Devia ter sido isto. Ele procedeu de igual modo, mas de modos mais graves. Dirigi-me para a padiola. Reparando que os lábios do rapaz estavam brancos, porque tinham sido peneirados de farinha pela dor e ternura das boas mulheres, não sei por quê, veio-me à ideia que ainda levava as rações de combate. A minha e a do meu patrício. Então, decidi distribuir os pedaços de marmelada pelos habitantes da aldeia. À Mariama dei o pedaço de nougat, às mulheres a lata de feijão branco e o resto do casqueiro coube ao Fanate.

Feito o que tinha a fazer, levantámos a padiola. Mas aí o filho do meu pai, José Caçoilo Bravo Elias, pousou-a por momentos sobre o joelho esquerdo para começar a rapar, com natural desmazelo e com a maior

naturalidade deste mundo, aquilo com que a natureza o quis honrar para que se cumpra aqui na aldeia de Parada de Junco ou nas terras à sua volta o primeiro mandamento bíblico: “crescei e multiplicai-vos”. E para que também não esmoreça a fama que, em questão de mulherio, gozava o tronco de Elias por banda do meu avô, testaçudo avô, António Francisco Elias, que era conhecido também por Lobo do Mar, ou simplesmente Zé Lobo, na roda dos amigos e nas tardes de domingo na taberna. Naturalmente alguma teimosa formiga que sobejara do Perdiz, quem sabe! O certo é que a filha da puta se infiltrara pela perneira e querem ver que me vai comer as miudezas!, gracejava eu.

Partimos, mas já acompanhados pelos habitantes de Sambuíá. Não havíamos, porém, galgado cem metros, talvez fosse mesmo mais, quando uma súbita voz se ergueu:

— Não esperem por mim. Vão andando. Vou à tabanca, mas volto já. — Era Mamadú Keta.

— Se queres ficar...

— Não, eu volto.

— Que vais fazer?

— Esqueci-me de fazer uma coisa.

— Que coisa?

— Uma coisa, o nosso furriele depois saberá.

Eu tropeçava em mim e por dentro também, fazendo balancear o raio do esquite, o que dificultava o andamento mais sereno de Mariama.

Ao contrário do que até aí acontecera, com mais ou menos coerência, com mais ou menos palavras, acertadas ou desaguizadas, com que ia enchendo a boca para semear de palavras a casa da solidão, que me tinha de pés para o desespero, ia perdendo a fala, a única coisa que me trouxera vivo por cima da inútil seara do capim, além da rapariga, claro, e sob as ondas verdes da floresta que se arremessava lá para cima em busca de melhor raio de sol ou asa de ave. Nessa altura, já mal me sentia vivo por dentro da farda esbodegada que se pegava tanto ao corpo como o visco e o abandono à alma.

Cambaleando, ao deixar Tabassai, quando já não ficava longe a casa da guerra, malhei de morto por cima das pernas do Perdiz. Foi nesse momento que vi Sambuiá a arder num mar de chamas alterosas como se fosse vulcão aticado pelo diabo. Ou, quantas vezes, pela tropa? Por dentro de uma grande névoa, tomei nota de que o velho dava as costas à aldeia, engrandecido na sua farda de alferes de segunda linha, arrastando uma mala, duas malas. Quando nos alcançou, arfando, levantou-me com as suas mãos, perguntou-me se estava bem, ao que eu respondi que sim com a cabeça. Ele não concordou e foi ocupar o meu lugar. Eu ia realmente exausto.

Ladeámos Tabassai junto aos morros de бага-бага. Para diante, havia a certeza do arame farpado, o odor forçado da tranquilidade. Ou nada disso, pensava eu. Realmente, do enorme poilão, que se perfilava no horizonte de aço, saltou um novo bando de jugudis, que investiu contra o resto do Perdiz. Arranquei-me do desânimo, peguei da G-3 e limpei seguramente meia dúzia no seu voo raso e pesado. O velho resmungou que era ave sagrada. Eu dei mais dois ou três tiros e o rafeiro lá ficou a tirar-lhes o derradeiro pio. Ao som da carga brutal, houve uma nuvem de penas e não tardou que surgisse um jipe com dois ou três soldados.

— O resto da tropa? Que aconteceu, nosso?

— Aconteceu merda.

— Júlio Perdiz!

— Como foi isso?

— Logo eu conto.

— Ficaram para trás?

— Oh, minhas grandes bestas! É necessário explicar-lhes tudo com pontos e vírgulas? E com uma espingarda nas mãos, não querem? Estão chatos como os coronéis ou os generais. Porra!

Eram os homens da cozinha, o pessoal-auto.

Alçaram a maca para a viatura, com a carroçaria atapetada de sacos de terra, as malditas minas. Mariama sobressaía do cortejo. Quando passámos pelos cavalos de frisa, mais soldados foram perguntar pelo capitão. Ninguém perguntava pela minha alma, mas:

— Onde arranjaste esta gaja? Tiveste sorte.

— E nós, nosso furriel?

— Tive sorte, meus cabrões! Azar de merda é que eu tive.

Ninguém se lembrava do rosto de Mariama. E ainda bem. Eu continuava a suar a alma por todo o corpo. Levaram-me amparado para a messe.

— Uma granada das pretas para o Elias.

— É dessas que o nosso furriel quer?

Não sei se bebi ou não, mas, agora, salta-me à memória que terei dito: À saúde de John, very well, que é do John?

Já não sei se lhes disse como o pássaro se havia afeiçoado tanto a mim ou por que carga de água lhe chamei John. Achei-o numa manhã esplendorosa no mato. Com uma asa derrubada por chumbeiro ou coisa idêntica. Tal qual eu naquele momento. Tratei dele com a ajuda do enfermeiro, que também era doido por pássaros. Habitava a minha tenda, atrás da escola e vinha à minha mão. Mais tarde ia aos meus ombros. Quando, porém, voava para o cano da espingarda, sentia-me com redobrada esperança de sobreviver. O que eu mais desejava de John é que continuasse a pousar na minha G-3, sempre, como o mascote da minha esperança. Baptizei-o assim, porque tinha uma linda voz e eu, um dia, quando lhe dava de beber, ouvi John Halliday, então no top.

Quando estava na messe, sentado nos destroços de mim, arribou ao meu ombro, catou-me as orelhas, o cabelo empastado. E só fugiu para o tapume da frente quando deixei tombar a garrafa que se estilhaçou com alarmante arruído, à mistura com um bruto palavrão, que envolvia as honradas mães dos coronéis.

Júlio Perdiz foi parar ao quarto do radiotelegrafista, onde ficou coberto com um poncho. Eu, à cama do meu capitão, amparado pelo médico e pelo velho, para onde puxei a rapariga, o que ateou nos raros soldados, (disseram-me mais tarde, e eu acredito), violentos desejos que só quebraram à noite, na caserna, ao arrepio das mãos ou talvez só esmaecessem um pouco, quando se fez ouvir a zoeira chiada das pás do helicóptero, em repelões de vento sujo e redondo, atrás do aquartelamento.

Quando acordei, começava a chover, dei com a mulher do meu capitão na minha cama, de coxa boa ao léu, e logo me fez saber que a rapariga estava na tábua e que estava muito bem. Se fiquei abismado com a sua presença, nem fiquei em mim quando soube que o cabo rancheiro tinha posto, por ordem de Helena, a Mariama na tábua.

A bela Helena Abranches Torrão, pretextando uns certos cuidados a ter comigo, trancara-se por dentro do meu (seu) quarto e dera, por coisas, duas voltas à chave.

bibRIA

bibRIA

EU não pudera levar tal avante e então — de louco disse mais tarde o médico que fora, e eu acredito, porque, ainda hoje (até há pouco!), quando entrava em pânico (para o que concorriam, sem dúvida, a pequenez da casa, onde me atabafava e, em especial, os roncões do mar revoltoso e as armas de caça berregando por detrás das dunas), eu ia para o largo da capela atirar fogachos aos sinos, com uma pistola que acabei por comprar na feira da ladra, com as velhas benzendo-se e a maioria do povo desculpando-me, eram certamente maluqueiras de quem vinha marado da guerra, coitado de mim, fora apanhado do clima, era o que era, o estupor da África! — então, dizia eu, corri para a parada e desatei aos tiros que violentavam o espaço, a parada, os bidões de terra, mesmo o cume da casa da guerra. Depois abeirei-me de Mariama, pedi que tivesse calma e, com dois tiros certos, cortei a corda que a amarrava.

Daí a pouco, chegava a companhia.

A refeição do meio-dia foi um pouco mais tarde. Fizêmo-la, tristes e silenciosos. Ou com raras palavras. Todos punham, de soslaio, o olhar no lugar vazio do furriel Aldroengas. Como acontece em cada família, quando algum membro, cansado da merda desta vida, parte à procura da eternidade, do céu, onde, se é difícil entrar pelo buraco da agulha, por

certo é muito mais difícil a um general entrar pelo cano de uma espingarda, para levar à letra a passagem do Evangelho. Efectivamente, olhámos, com olhos apagados e distantes, para o lugar vazio e também para o capitão. Eu procurei com os dedos os bordos do banco corrido, feito com o resto da madeira que o cabo-verdiano deixara na fuga, para ter a certeza de que eu ocupava o meu lugar. A companhia, essa, havia regressado desgastada e mais pequena.

— Onde estás, Bravo Elias? — interveio o capitão. Acho que eu devia ter um olhar murcho, longínquo.

— Aqui, mas deixe-me, meu capitão.

— Andas por tão longe.

— Nem me fale.

— Alguma coisa de grave, de mais grave?

— Coisas da minha cabeça desparafusada, naturalmente. Estava a pensar no furriel Aldroengas, que foi para os anjinhos.

— Mas por quê no Aldroengas?

— Nem sei bem, mas era nele que pensava.

— Isso é bom, mas, porra, deixa lá isso agora.

— Pensava numa coisa esquisita, de certo modo esquisita. Se ele tinha, como dizia, um testículo apenas.

— Mesmo assim, era valente como os que eram.

— Era dos bons.

— E que tem o caso do testículo para a guerra?

— Possivelmente nada.

— Morrem os que são inteiros e os que são como o Aldroengas

— Porra, o quinhão que lhe pertencia não o dispensava a ninguém — comentava alguém.

— Valente, desassombrado. Quando, debaixo de fogo cerrado, foi buscar a velha, que se esvaía, mostrou bem que os tinha — continuou o capitão.

— Que o tinha, perdão.

— Mas, porra, lerpou.

— Uma pena.

— O soldado Cerejo, quanto se saiba, também tinha os dois e quinou.

— E estava a portar-se lindamente.

— Não merecia morrer daquela maneira.

— Qual maneira?

— Com os pés fora do corpo e trepando às árvores.

— Nenhum jovem merecia morrer assim, ao romper do dia. Nunca.

— Mas a verdade é que lerpou.

— Bem disposto era ele. Tinha piada. Graça mesmo teve daquela vez que vendo passar, espantada e a seu lado, uma vitela, a arrastou para trás do unimogue, acobertando-se com o seu corpo, e dizendo depois que a comida faz um bom soldado. Ele dizia assim: um bom bife faz um bom soldado.

Empurrei um copo de vinho para o meu capitão, que dava uma tossidela.

— Não há nada mais reles que um soldado acobardar-se.

— O meu capitão diz isso de mim?

— Deus me livre.

— Então, já estou mais à vontade.

— Felizmente, o nosso furriel.

— Não quererá, antes, dizer infelizmente? Sabe Deus o que me apeteceu.

— Espero que não tenha sido exactamente fazer um filho à rapariga.

— Não brinque, meu capitão. O sangue é coisa de meter respeito. O nosso e o dos outros.

— Desculpa, eu não queria.

O capitão mandou trazer uma aguardente. Para lavar a boca da merda da morte, acrescentou. E:

— Uns aguentam os cavalos da guerra. São esses que merecem as medalhas.

— Pelo que me toca, bem obrigado! — interrompi eu.

— Porra, não me vais dizer que.

— Estou-me cagando, com licença do meu capitão, para tudo isso. Eu queria era o Aldroengas vivo, vivo o Perdiz e todos vivos, entende?

— Entendo, mas, depois, se vê, nosso furriel.

— E os gajos que tal se portaram? — cortei eu.

— Fizeram alguns estragos. Por aí já podes calcular. — pigarreou.

— O pior é que, amanhã, voltam ao mesmo sítio.

— Que conhecem desde crianças.

— É a força do chão que conhecem.

— É isso, o chão.

Abandonei a messe. O meu capitão acompanhou-me. Queria saber mais coisas dos caminhos enovelados do fim. Conte-lhe pormenores, avengei explicações para o meu caso e a morte do Perdiz. Porém, aos costumes da mulher disse nada.

bibRIA

O incomparável Jonh saltitava no meu ombro. Às vezes catava-me as barbas com ternura. Mariama achava piada. Mordi o silêncio.

— Gostas das minhas barbas?

— Mim gosta.

— Isso é o que dizes. Dizes e vais-te, amanhã, embora.

— Verdade.

— Mas as barbas são de um velho.

— Bó não é um velho.

— Um moço de vinte anos é que eu não sou e queria ser um blufu.

Topámos com uma dgila, que exhibia colares de missagens, pulseiras de tartaruga, bonitos tapetes e graciosas estatuetas de pau preto ou pau-sangue, muito bonitas. Perguntei de tudo aquilo o que é que ela queria levar para o mato. Ela disse que nada, mas também vi que dava uma mirada gulosa a um colar de muitas cores. Perguntei ao homem negro quanto era. Disse-me que cem pesos. Muito caro, refilei. Deixou-a, ao cabo de uma pequena discussão, por oitenta. Enfiei-lho no pescoço esguio. Ficava linda, disse-lhe. Tentei-me ainda por uma pulseira. Apreciei-a também. Um pouco mais cara do que o colar, mas também era outro trabalho. Noutro dgila, foram umas sandálias, uma blusa. Ah, e uma saia.

Iria ficar arreada para uns tempos. Com aqueles atavios, estava bonita a minha estranha noiva de guerra.

Fomos ainda pela loja do João, construída de madeira e com um balcão voltado para o terreiro, embora encoberto pelas palhotas encoruchadas e pela fieira de bissilões que, de um e outro lado da estrada, se perfilavam, como soldados em coluna por um. Era meio da tarde e tomámos uns refrescos. Já não sei precisar o género, mas eram refrescos. Entrementes, arribavam dois rapazes que não tiravam os olhos de nós. Deram a entender que conheciam muito bem Mariama. Tentaram também entrar de gozo comigo. Eu não sabia dizer quem eram e Mariama estava confusa. Mas uma coisa sabia: é que aqueles rostos não eram seguramente do outro mundo, embora nunca lá estivesse, felizmente, porque também para o céu eu era, ainda um moço de vinte anos. Decidiram levantar ferro. Nós fizemos o mesmo.

Mariama foi à tenda. Mirou a saia, a blusa, os adornos. Ia vestir aquilo, mas antes precisava de um banho. Antes de voltar ao mato. Deixei-lhe um sabonete e uma toalha. No rio se meteu Mariama, de seios à vela. Eu fiz o mesmo. Porém, daí a pouco, os tais rapazes, que me pareceram partisans, achincavam-nos de cima da espécie de ponte. Arremessei-lhe uma pedra que alcancei na margem próxima. Mais outras. Falaram, então, qualquer coisa entre eles, o que só eles entendiam na sua língua de clã, ao mesmo tempo que nos deixaram um olhar de ódio.

Na tenda, a rapariga vestiu-se a preceito. Compôs ainda os bandós que caíam dois para cada lado e esses eram os maiores. Linda a minha noiva de guerra.

Ao jantar desse dia, o capitão fez-nos uma franqueza das suas. Nada menos nada mais que uma lata de alperces em calda, dessas que vinham da África do Sul para as tropas portuguesas. Abalámos para o muro que ficava debaixo do eucalipto carregado de ninhos de cachos-caldeirão. Mil ninhos e milhares de pássaros. Para as sobras do rancho já corriam as crianças e mulheres de filhos às costas. Eu sempre achara o alperce delicioso em calda. E Mariama, que nunca tinha comido fruta enlatada, dizia-

-me que era manga di bom nosso furriele.

Quando Mariama metia à boca a lata para saborear o sumo, uma rajada, crepitando no espaço, já a dobrava em duas, atingida à altura do ventre. Uma bala ainda me roçou os queixos. Tombou abs gritos. Levantei os olhos do chão e ainda alcancei dois vultos correndo como galgos por entre as sebes e as casas, sendo rapidamente engolidos pelas sombras. Assustados como tudo, os negros que tinham ido pelo rancho correram espavoridos em todas as direcções e os soldados chegaram a tomar posição nos abrigos. Depois, foi o silêncio pesado e eu perguntando ao médico: diga-me, doutor, ela tem safa? Que merda, senhor doutor, não há ferramenta que preste. O melhor é evacuá-la, meu capitão. O médico respondia-me com um diagnóstico reservado, eu enfurecia-me de verdade. Médico e enfermeiro procuravam estancar o sangue a todo o transe. Eu tinha sangue da rapariga espalhado pelo dólman e nos joelhos, espi-chara forte. Mas também sangue nos queixos.

Por sorte, aterrava na pista um helicóptero que do QG viera com o comandante buscar algumas armas novas recolhidas na operação e um prisioneiro que julgavam importante.

Envolvido naquele pandemónio, nem dei por que das minhas barbas escorriam bagos de sangue. Fui ter com o médico. Era um pequeno rasgo. Para fazer o tratamento, tive que fazer o que não queria: cortar as barbas — e foi uma pena não poder exibi-las por mais vinte anos. Mas nem por isso me pareci com um rapaz de vinte.

bibRIA

DUAS horas depois que Mariama se fora, eu arremessava os olhos pela boca da tenda assombrada. Em busca de uma estrela que não era nenhuma das que voavam no firmamento. Parecia que lá longe tiritavam de frio, mas a noite ainda era de forno. Não conseguia pregar olho. Pensava, remoia, era o que fazia. Voltava-me também. Por vezes, atirava as mãos para os ferros da cama. Não era nada fácil combater. A solidão quebrava os restos de coragem de encontro aos joelhos retesados. Um peso terrível, proveniente nem eu sabia de onde, esmagava-me os pulsos.

As garrafas de cerveja e laranja, vazias e enforcadas no arame farpado, com o vento que se fazia de leste, raspavam o silêncio. Apesar disso, dada a habituação, os meus camaradas dormiam, dormiam, à exceção do médico, fatigados por uma semana diabólica. Meti a arma em bandoleira. Fui fazer uma breve ronda. As garrafas continuavam a esgatanhar um arrepio, a parir fantasmas. Tilintar satânico aquele, agressivo, de rasgar os nervos até aos ossos. Divisava as silhuetas das sentinelas. Lá estavam elas, bem seguras e bem firmes. Seguras e firmes? Interroguei-me. Acabei por concluir — bem cansadas.

Espreitei a caserna. Todos dormiam, com exceção de um ou outro retardatário. Um calor sufocante e pagajoso trazia às narinas um ácido

cheiro a sperma, a que se misturava o das beatas e do fumo. O tabaco e o sexo eram córegos de uma fuga. — “Eh pá, estou cá com um pau...” — blasonava o Bigodes de Aljezur, o 45, o Miguel Ponces da Silva. António Mestre era um desses, a escrever para a sua madrinha de guerra. Aero-gramas ou cartas para as madrinhas de guerra eram coisa corriqueira. Mas a de António Mestre tinha uma singularidade, não por ela ser loura, mas pelo que fazia. Ela gostava de enviar-lhe alguns encaracolados cabelos, daqueles que no triângulo amoroso fazem a delícia das mão ou dos olhos afogueados de desejo. António Mestre, em paga, exibia aqueles aveludados e macios troféus aos amigos, como um corpo desejado e longe de uma boa fêmea.

Prosseguia a ronda. Deitava os olhos na sombra recortada das palmeiras que chocalhavam na noite um medo súbito. Aí um frio repentino raspou-me as unhas. E se eles aparecessem? O outro, na Ilha do Como, não estava a rir uma gorda gargalhada no meio do acampamento e não veio uma bala desvairada quebrar-lhe o riso ao meio e rebentar-lhe dois dentes? Longe fosse o agoiro, com mil raios! Mas.

Quando voltei à tenda, um rais-parta-a-guerra soltou-se-me dos lábios sonolentos. As garrafas, enforcadas no arame farpado, agitadas pelo vento, eram canção impossível. Fiz um esforço para acalmar-me. John, na sua gaiola de canas de bambú, batia uma das asas, picava nas canas. Quando deixei de ouvir John, um tiro solitário saltitou, estalando fino. Já não tive tempo para esperar outro e outro. As sentinelas abriram, de imediato, fogo cerrado para o mato. O ataque começava. Só tive tempo de enfiar a G-3 em bandoleira e as cartucheiras. Em bandoleira, não, bem aperrada ao quadril. Correndo, de torso todo curvado, quase rasando o chão, fui acaçar-me no abrigo de António Mestre, que havia esquecido os pintelhos (era assim, que ele dizia), da madrinha de guerra. A fuzilaria feroz e cerrada vinha de todos os lados, dos morros de baga-baga, de árvores bem copadas, da pista de aterragem, até da tabanca, os morteiros mais ao largo. Via-se que estavam perto. As armas espirravam estrondos, faiscavam pirilampos de fogo devastador, mesmo à boca do mato. As

tarimbas rangeram. Em menos de um ámen, todos enfiaram o capacete, as cartucheiras. O ânimo também. Em menos de um ámen, empurraram as armas para o quadril, arrastaram cunhetes de balas e granadas. Alguns nem sequer tiveram tempo para pensar que iam de berimbau ao léu ou mesmo de cuecas. Tanto fazia morrer nu como vestido.

Casinhas Filipe metralhava do lado sul. O abrigo onde se achava, era o mais afastado em relação à caserna. Lá funcionava a Breda para arrumar a casa. E arrumar outros. Outras duas enfiavam o campo de aterragem e os caminhos que vinham de Mansodé. Algumas armas postadas sobre o lado esquerdo visavam o seu abrigo. A luta acendia-se, raivosa, em golfadas de aço sucessivas. Do lado do mato e da caserna, morteiros abriam fendas no chão, sem quebra de ritmo. Era metralha de toda a espécie.

Um vulto começou a correr aos ziguezagues na direcção onde eu estava. Os olhos faiscavam. Firmei a arma bem no ombro. Suspendi ainda a respiração. Como se fosse o meu último minuto de vida. Premi o gatilho e bati-o com uma rajada seca de seis tiros. O rapaz dançou no ar, como um boneco de palha. Por outros locais, tentavam forçar a barreira, vomitando fogo e apostando em fazer das suas, que as faziam, sim senhor. Aquilo era o diabo. Os soldados suavam, metiam carregadores, metralhavam. Pela violência do nosso lado, tudo estaria em seu lugar e metralhando com raiva. Os gajos também. Mas já Sesimbra e Meia Lavada da Silva recolhiam à escola, feridos. Na escola estavam também o médico e o enfermeiro. Sesimbra recolhera naquela vindima de sangue um rasgão no ombro direito. Meia Lavada da Silva tinha a barriga riscada por imensos estilhaços de granada. E, assim por muito tempo, até que o silêncio se interpôs, primeiro no mato. Os soldados, respirando fundo e limpando a testa, responderam, aliviados e contentes. Nesse interim, pareceu-me (ou fui eu que sonhei?) ouvir o John despedindo um cantar miúdo e aflito. Logo que o pássaro se calou, ouvi o meu guarda-costas, o Montes, que também tinha um só testículo, mas valentão, dizer-me: eu cá tinha o meu palpite. Às vezes ainda vêm a léguas, estão a sair de Moli-

morés ou do raio que leve a todos, e a mim já me cheira a pólvora. Eu não lhe disse?

O que o Montes não me disse é que o ataque tinha duas partes. Assim, ao recommear o tiroteio, verificou-se logo uma intenção mais violenta por parte do IN, a que correspondeu a tropa com fogo nutrido. O pior é que o IN se acobertava e protegia com as casas de tabique da aldeia e o capitão recusava-se a bater a tabanca com os morteiros. Algumas granadas dos morteiros de calibre 83 m/m do IN começavam a espirrar com mais força sobre a caserna e a escola. A escola era a messe e casa de habitação do capitão Castro Matias. C. Matias, que se arrastou para ir buscar a mulher, recebeu uma nega. Voavam telhas, eram derribadas paredes, um fragor terrível entre clarões desabridos. Suspeitou-se até que estaríamos a ser batidos pelos mísseis Strella.

Cambraia, que se batia com dificuldade no abrigo construído com bidões cheios de terra, cobertos por troncos de palmeira carregados de sacos de terra, divisava mais do que um vulto. Os vultos furavam como cobras, rastejando em direcção ao abrigo. Esfrangalhou um ou dois com uma rajada seca e instintiva, daquelas que saem bem e com o efeito desejado. Mas um terceiro conseguia enroscar-se de tal modo que foi parar mesmo junto à paliçada. Cambraia desviou-lhe mesmo o cano da espingarda. O negro erguia o braço. Cambraia pedia, aos berros, que matassem aquele porco, mas já uma granada era enfiada pela seteira. Por instinto, todos deram um pulo para trás, para fora do coberto, antes que a explosão se fizesse. Mesmo assim, ainda riscou a pele de alguns. O negro pulou, então, para cima do ninho. Os morteiros continuavam a castigar-nos intensamente. Depois, saltou para o terreiro da escola. Os soldados, apalpando-se, ainda julgaram que fosse o negro Embaló ou Bacar. Mas qual Embaló, qual Bacar. Era o guerrilheiro que, abrindo fogo para um e outro lado, abria brecha na casa da guerra. Corria para a escola. À procura do capitão? Finalmente, varado pelas costas, tombou, desengonçado e grunhindo. Com isto e pelo mesmo local também junto do posto administrativo outros negros avançavam, resolutos. Havia parado o estrondear

dos morteiros depois de derrubarem na caserna um pedaço de empena, o cume da escola e a parede do lado da pista de aterragem. Entrava-se numa luta corpo a corpo. Cambraia ganhava um risco de sangue a todo o comprimento do braço direito, mas combatia, possesso, gritando que queria viver para ver o filho. Antes o soldado Almendra tinha silenciado um ou dois com a sua faca de mato, quando viu camaradas tombar de redondo. Junto ao tal abrigo, uma granada fez estragos incalculáveis. Caíra em cheio, para mal da tropa. Paiva agarrava-se a uma perna fora do corpo. Castro Mendes gritava que o matassem, esvaía-se em sangue e dores. O Guerreiro, ironia, jazia morto, com uns olhos vidrados de pavor e corpo nu. O rancheiro, que lhe amarrassem a merda da barriga. Machede, em cuecas, debatia-se com as tripas fora do ventre, quando os camaradas o arrastavam nem sabiam para onde. Mas lá foram parar à escola, onde estavam o médico e Helena ajudando em pequenas coisas e o pessoal de enfermagem. Não tinham mãos a medir. Eu corria os homens do meu pelotão, que, nessa noite, vi minguar, perguntando como ia aquilo, o que era necessário. Ia uma merda, responderam todos, mas ninguém queria ali morrer como porcos. Na escola estava já o Évora com o peito esfrangalhado, miando: grandes estupores, o que me fizeram! Por seu turno, o Bigodes de Aljezur, o 45, tinha as mãos esmorecidas. Estava murcho e tinha um olhar incendiado e doido, enquanto, abanando a cabeça, foi por um triz, mastigava as gengivas e olhava para o capacete esburacado no topo.

O 45 era um dos que havia saído da caserna em cuecas e então estava de mãos tombadas sobre o sexo, — mais pequeno do que coconote, disse-me — declarando, entre duas pragas gordas, que cem anos que vivesse e sempre que o ferisse a faca da memória sobre tão desastrada noite, haveria de lhe acontecer certamente o apressado arrear da bandeira da criação. Disse isso e eu acredito.

Um negro, com o peito esfacelado, o João. Na escola também algumas crianças que eu reconhecia. Uma tinha o nome de Usita, lembro-me ainda. Cambraia adorava-a. Nos seus olhos encantadores via os olhos do

filho, dizia-me. Tinha um rosto perfeito, redondo e doce. Estava espavorida como um anjo que descesse para ver os destroços do mundo. De um canto, onde se havia sentado num pedaço de empena, mirava aquele quadro horrível. Junto do Fanate, que ela acariciava com a mão esquerda. A outra tinha-a na boca e chupava ou trincava um dos dedos. Passava-lhe a mão pela cabeça mas, pensamento confuso e disperso, nem reparava no fio de sangue com que o cão pagava aquela aventura, aquela camaradagem.

Uma das velhas de Sambuiá esticara também o pernil, a mais alta. O médico, quando um pedaço de parede ruíu, ia ficando soterrado, o que aconteceu a uma criança de nome Farma.

Na tabanca começava a ouvir-se o ruído das granadas incendiárias, bem por cima das cangras. Já haviam fugido todos. Talvez, só um velho ou criança ou alejado por ali estivessem. As chamas subiam e retouçavam tudo quanto era pasto ou árvore. Rapidamente a aldeia se volvia numa espantosa língua de inferno. Não faltava quem sugerisse a vinda dos Fiat 86 ou do PV5 estacionados na Ilha do Sal e pertencentes à OTAN. Esquecidos até que era ainda noite. Uma terrível noite.

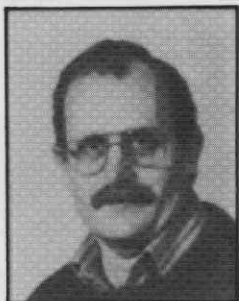
Quando se deixou de ouvir o último fogacho, enquanto o capitão C. Matias e os subalternos contavam os mortos e os feridos na escola e avaliavam os estragos dos morteiros e outras armas, meti à messe, que ficava contígua, entre escombros. Servi-me de uma dose exagerada de bebidas, incluindo uísque que restava no fundo de uma garrafa. Fui à tenda pelo cachimbo que Mamadú me havia dado. Rodei-o entre os dedos, mas confesso que não tive coragem de o carregar. Estava muito confuso e de mãos a tactear a noite. A manhã vinha longe. O nevoeiro era cada vez mais denso. E, quando as mãos rolavam o cachimbo e nele amadureciam o tempo perverso e crispado, ou apalpavam a barba, que já não tinha, eu não via senão o bom do Mamadú Keta, trajando de farda de alferes de segunda linha e de trabuco ao ombro, lento e pensativo, a abrir caminho estreito entre as chamas que, na tabanca mais ao largo, pastavam as casas de alto a baixo, e tropeçar, perigosa e definitivamente, um

pouco adiante, entre gritos lancinantes e desordenadas correrias dos negros que continuavam a fugir nem sabiam para onde. Corri ainda no seu encalço, mas depressa concluí que era inútil.

Algueres, piava assustado o John. Parecia-me assustado ou doendo-se. Posso dizer que efectivamente era um fio de voz que doía. Cada vez mais esmorecida, miúda e triste.

Então, resolvi erguer-me de onde estava, aéreo e pardacento, e, cambaleando muito, fui à procura de John por cima de um mundo de destroços.

bibRIA



Armor Pires Mota, empresário, escritor e poeta, nasceu em Águas Boas (Oia) em 4 de Setembro de 1939. Frequentou o Seminário de Aveiro, chegando a teologia.

Chamado para a tropa, foi oficial miliciano e combateu na Guiné.

Como escritor e poeta, é sócio da Associação Portuguesa de Escritores e sócio fundador da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada). É chefe de Redacção do Jornal da Bairrada.

É autor das seguintes obras:

Poesia: *Cidade Perdida*, 1961; *Baga-Baga*, 1968 (Prémio Camilo Pessanha); *O tempo em que se mata o mesmo em que se morre*, 1974; *Impossível um Pássaro*, 1979; *De Abril os Frutos*, 1985.

Prosa: *Tarrafo*, 1965 (livro apreendido pela ex-Pide); *Guiné Sol e Sangue*, 1968; *Préstimo a Caminho de Lisboa*, 1971; *Meu país de si Inimigo*, 1977 e *Oia Terras e Gentes*, 1991.

Figura em 3 antologias — *Contos Portugueses do Ultramar*, *Corpo da Pátria* e *Vestiram-se os soldados de poetas*.

ibRIA



Artur Fino, autodidacta com actividade predominante e regular nos domínios da arte experimental, nasceu em Aveiro no ano de 1933.

Premiado em diversas exposições de pintura e cerâmica, como também em teatro.

Para a sua formação, além das leituras específicas que sempre faz, muito contribuíram as viagens de estudo efectuadas a 26 países da Europa e da África, facultando-lhe o contacto com alguns dos seus mais importantes museus e fundações e o encontro com muitas das suas obras fundamentais.

Tem leccionado **Percepção e Representação Visuais**, na área das Artes Plásticas.

É colaborador permanente do suplemento literário do **Litoral** e menos assíduo de outras publicações.

Executa diversificados trabalhos, destinados às artes gráficas, ilustrações e projectos de decoração, entre outros.

É um dos fundadores do Grupo Aveiro-Arte, e seu actual secretário.

Já participou em mais de meia centena de exposições colectivas, em Portugal e no Estrangeiro, entre as quais algumas notáveis e selectivas bienais, e realizou três mostras individuais em Aveiro.

Está representado, através da sua obra plástica, em numerosas colecções tanto particulares como oficiais.